

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais

DENILTON NOVAIS AZEVEDO

A TRAJETÓRIA DE VIDA E AS IDEIAS POLÍTICAS DO INTELLECTUAL  
REVOLUCIONÁRIO OCTÁVIO BRANDÃO  
(1896 – 1931)

Maringá

2013

DENILTON NOVAIS AZEVEDO

A TRAJETÓRIA DE VIDA E AS IDEIAS POLÍTICAS DO INTELLECTUAL  
REVOLUCIONÁRIO OCTÁVIO BRANDÃO  
(1896 – 1931)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Linha de Pesquisa: Política e Movimentos Sociais, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof Dr Angelo Aparecido Piori

Maringá

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

A994t      Azevedo, Denilton Novais  
A trajetória de vida e as ideias políticas do  
intelectual revolucionário Octávio Brandão (1896 -  
1931) / Denilton Novais Azevedo. -- Maringá, 2013.  
153 f. : il., figs.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Aparecido Priori.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Programa de Pós-Graduação em História,  
2013.

1. Brandão, Octávio, 1896-1931 - Pensamentos  
políticos. 2. Marxismo - Brasil. 3. Movimento  
operário - Brasil. I. Priori, Angelo Aparecido,  
orient. II. Universidade Estadual de Maringá.  
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 21.ed. 320.092

ECSL-00961

AZEVEDO, Denilton N. **A trajetória de vida e as ideias políticas do intelectual revolucionário Octávio Brandão: 1896 – 1931**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Maringá, 2013.

**Resumo:** O objetivo da presente pesquisa é reconstruir alguns momentos que consideramos fundamentais da trajetória de vida e das ideias políticas do intelectual Octávio Brandão, uma figura singular na história do movimento operário brasileiro. As primeiras experiências de luta operária de Brandão já ocorreram nas décadas iniciais do século XX, a partir da influência de algumas lideranças anarquistas na capital alagoana. Devido a sua intensa atuação nos principais embates operários e populares de Maceió, bem como o aumento considerável da violência praticada pelas autoridades policiais, decidiu partir para o Rio de Janeiro, onde intensificou seu engajamento político. Alguns meses depois da fundação do Partido Comunista do Brasil (1922), sob influência de algumas importantes lideranças operárias do país, aderiu aos novos ideais. Como dirigente do PCB, foi responsável por toda atividade referente à propaganda político-ideológica e, igualmente, pela aproximação do partido ao movimento operário. Sem embargo, a maior contribuição de Brandão sem dúvida alguma foi haver elaborado um estudo pioneiro e polêmico acerca da luta de classes no Brasil. A obra recebeu o cerimonioso título de “*Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brazil*”, e foi publicada originalmente em 1926. Em linhas gerais, trata-se de uma investigação bastante controversa sobre o desenvolvimento da história nacional a partir do referencial marxista. As teses apresentadas no livro de Brandão foram amplamente aceitas e aprovadas na ocasião do Segundo Congresso Comunista, como programa de ação político-partidária no início de 1929. Devido a considerável notoriedade que o intelectual comunista adquiriu durante aqueles anos, como teórico do partido e agitador das massas operárias, a polícia política passou a vigiar atentamente as atividades políticas realizadas por Brandão, por conta disso, as prisões passaram a ser cada vez mais frequentes em sua vida. Apesar de toda censura e perseguição praticada sobre as principais lideranças do movimento operário, ainda assim, os pecebistas conseguiram eleger dois de seus representantes para o cargo de intendente nas eleições municipais do Rio de Janeiro, no ano de 1929. Brandão, representante do Bloco Operário e Camponês e do PCB, venceu as eleições para o cargo de intendente com uma margem expressiva de votos e, em seu mandato, foi atuante nos principais debates políticos da época, realizados na Câmara Municipal. Entretanto, em razão das transformações que se processaram depois do golpe de 1930, caracterizado, sobretudo, pelo aumento significativo da violência

praticada pelas autoridades policiais, não conseguiu finalizar seu mandato. Em junho de 1931, após amargar algum tempo de prisão, acabou sendo deportado do país.

**Palavras-chave:** Octávio Brandão; marxismo no Brasil; movimento operário brasileiro

Azevedo, Denilton N. **The trajectory of life and political ideas of the revolutionary intellectual Octavio Brandão: 1896 to 1931.** Thesis (MA in History). State University of Maringá, 2013.

**Abstract:** The aim of this research is to reconstruct some of the moments that are considered fundamental in the trajectory of life and political ideas of intellectual Octavio Brandão, a unique figure in the history of the Brazilian labour movement. The first experiences of Brandão's workers' struggle have occurred in the early decades of the twentieth century, from the influence of some anarchist leaders in the capital of Alagoas. Due to his intense performance in major clashes workers and popular of Maceió, and the considerable increase in violence by the police, Brandão decided to go to Rio de Janeiro, where he intensified his political engagement. A few months after the founding of the Communist Party of Brazil (1922), under the influence of some important working leaders of the country, joined the new ideals. As leader of the PCB, was responsible for all activity related to the political and ideological publicity and also by the approaching of PCB to the labour movement. Nevertheless, Brandão's greatest contribution was to develop a pioneering and polemic study about the class struggle in Brazil. The work received the ceremonial title of "Agrarianism and Industrialism: essay on the Marxist-Leninist insurgency of São Paulo and class warfare in Brazil", and was originally published in 1926. In general, this is a very controversial research on the development of national history from the Marxist framework. The arguments presented in the Brandão's book were widely accepted and adopted at the Second Congress Communist as a program of partisan political action in early 1929. Due to considerable notoriety the intellectual communist acquired during those years, as theorist and leader of the working masses, the political police began to closely monitor the political activities conducted by Brandão, because of that, prisons have become frequent in his life. Despite all censorship and persecution practiced on the main leaders of the labour movement, the members of PCB managed to elect two representatives to the Mayor's office in the municipal elections of Rio de Janeiro, in 1929. Brandão, representative of the Workers and Peasants Bloc and the PCB, won the election with a significant margin of votes, and in his mandate was active in major political debates of the time, held in the Town Hall. However, because of the changes that took place after the coup of 1930, mainly characterized by a significant increase of violence practiced by the police, Brandão could not finish his term of office. In June 1931, after some time in prison, he was eventually deported from the country.

**Keywords:** Octavio Brandão; Marxism in Brazil; the Brazilian labour movement

*À minha noiva Aline Cristine Rudnik,  
pelo carinho, apóio e incentivo.  
O grande amor da minha vida!*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão para com o professor Angelo Aparecido Priori, meu orientador, pelo suporte prestado durante a realização dos créditos, pela paciência que teve comigo durante as orientações e, sobretudo, pela confiança depositada em meu trabalho.

À banca de avaliadores formada pelos professores Erivan Cassiano Karvat e Sidnei Munhoz, pela leitura criteriosa, pelas inúmeras sugestões que realizaram no texto e, principalmente, pelo diálogo produtivo estabelecido desde o Exame de Qualificação.

Aos professores do departamento do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, por haver contribuído com indicações bibliográficas.

Aos funcionários das instituições onde realizei a pesquisa, em particular, o Instituto Edgard Leuenroth (AEL-UNICAMP); Fundação Biblioteca Nacional (FBN-RJ); Partido Comunista do Rio de Janeiro (PCB-RJ); Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e Biblioteca da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro (BCLRJ).

Agradeço ao CNPQ e à CAPES, por haver financiado com uma bolsa no último ano do mestrado, fundamental para que pudesse me dedicar exclusivamente à pesquisa.

À senhora Dionysa Brandão Rocha, filha de Octávio Brandão, pela gentileza em emprestar alguns documentos pessoais de seu pai, pela atenção que prestou ao meu chamado, pelos livros enviados e, sobretudo, pela solidariedade.

Ao grande amigo e professor/orientador da época da graduação, Pedro Leão da Costa Neto, pela leitura minuciosa que realizou no texto e pelas inúmeras observações preciosas.

Aos colegas de turma que alegraram as tardes quentes nos cafés de Maringá, principalmente aqueles que acompanharam cada passo da construção dessa pesquisa, sugerindo leituras, trocando informações e, muitas vezes, jogando conversa fora. Refiro-me ao amigo Marcos Francisco Bonetti, companheiro nativo da “terra do vento” – Guarapuava – que dividiu comigo um quarto na exótica pensão da Dn<sup>a</sup> Amélia. Recordo, com muita saudade, das nossas conversas sempre agradáveis, um verdadeiro parceiro que ajudou a encarar os desafios da vida acadêmica.

A Gelise Martins Ponce, Moisés Franciscan, Simone Nunes e Rafael Sandrin, espartanos incríveis, sempre dispostos a encarar alguma aventura, sobretudo aqueles eventos mais *undergrounds* – foram momentos realmente incríveis que compartilhamos.

Aos camaradas Rafael Dias Campos, Naiara Dias Campos e Ana Paula Cardozo, pelo envio de alguns documentos importantes durante a fase final da escrita desta pesquisa.

Ao amigo Rodrigo Shelenker, por haver sugerido algumas modificações interessantes.

Devo tudo aos meus familiares, em especial, meu pai José Francisco de Azevedo e Maria Aparecida Novais, pelo exemplo de vida, carinho e confiança.

À minha noiva Aline Cristine Rudnik, por emprestar seu ombro solidário nos momentos de maior dificuldade, por sorrir quando tudo parecia tão complicado e, sobretudo, pelo seu amor.

Em face dos golpes da vida, não quebrei nem  
verguei. Não me dobrei diante dos reveses.  
Não desesperei. Nem capitulei. Lancei desafios  
à desventura. Tirei partido da própria desgraça.

Octávio Brandão  
(1976)

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Octavio e a irmã (única) Mariinha em 1908, Alagoas	58
FIGURA 02: Octávio Brandão aos vinte anos	78
FIGURA 03: Laura da Fonseca e Silva, 1915.	79
FIGURA 04: Casamento, em 1921 no Rio de Janeiro	80
FIGURA 05: Octavio com as três filhas, da esquerda para direita: Vólia, Dionysa e Sattva, em 1927, no Rio de Janeiro	81
FIGURA 06: Octávio Brandão, Astrogildo Pereira, Afonso Schmidt, Edgard Leuenroth e Antônio Bernardo Canellas	90
FIGURA 07: Octavio Brandão, no fundo, na extrema direita, de chapéu, terno e gravata, possivelmente na porta de uma fábrica têxtil, em Botafogo, no Rio de Janeiro, década de 1920	99
FIGURA 08: III Congresso do PCB, dezembro de 1928/ janeiro de 1929. Octávio Brandão (em pé, o quinto da direita para a esquerda).	126
FIGURA 09: Octavio Brandão (à esquerda) e Minervino de Oliveira na década de vinte, no Rio de Janeiro.	131

<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>11</u>
<u>CAPÍTULO 1: AS IDEIAS POLÍTICAS DE KARL MARX NO BRASIL</u>	<u>21</u>
1. A DIFUSÃO DO MARXISMO E O DESENVOLVIMENTO DO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO (1871 – 1922)	22
1. 1 A difusão das ideias socialistas no Brasil	22
1. 2 A difusão das ideias políticas de Karl Marx no Brasil	28
<u>CAPÍTULO 2: ANOS DE APRENDIZAGEM</u>	<u>41</u>
2. A FORMAÇÃO POLÍTICA DE OCTÁVIO BRANDÃO (1896 – 1919)	42
2. 1 A vida em Alagoas e Pernambuco	43
2. 2 Lutas e ideias políticas: o encontro entre Octávio Brandão e o incipiente movimento operário alagoano (1917 – 1919)	59
<u>CAPÍTULO 3: COMBATES E BATALHAS</u>	<u>70</u>
3. AS LUTAS E IDEIAS POLÍTICAS DO INTELLECTUAL REVOLUCIONÁRIO OCTÁVIO BRANDÃO (1919 – 1923)	71
3. 1 Tempos difíceis e novos desafios: as primeiras experiências na Capital Federal (1919 – 1922)	72
3. 2 As ideias anarquistas, o engajamento político e o encontro com o movimento operário do Rio de Janeiro (1919 – 1922)	82
3. 3 O encontro com as ideias marxistas e com o Partido Comunista do Brasil (1922 – 1923)	91
<u>CAPÍTULO 4: O SONHO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA E COMUNISTA NO BRASIL</u>	<u>100</u>
4. SINAL DE TEMPESTADE: O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DA OBRA AGRARISMO E INDUSTRIALISMO E OUTRAS ATIVIDADES POLÍTICAS REALIZADAS NO RIO DE JANEIRO (1924 – 1931)	101
4. 1 Período de incertezas: o engajamento político (1923 – 1924)	101
4. 2 O contexto da produção de Agrarismo e Industrialismo e outras atividades importantes no Rio de Janeiro (1924 – 1926)	104
4. 3 O marxismo enquanto teoria política de interpretação e transformação da realidade político-social brasileira (1926)	108
4. 4 As repercussões da obra Agrarismo e Industrialismo no PCB	122
4. 5 Da luta revolucionária no Bloco Operário e Camponês ao exílio político (1927 – 1931)	127
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>139</u>
<u>FONTES E BIBLIOGRAFICA</u>	<u>144</u>

# **INTRODUÇÃO**

Por meio da investigação do percurso de vida do intelectual e dirigente comunista Octávio Brandão, pretendemos reconstruir parte da história do movimento operário brasileiro das primeiras décadas do século XX. Dessa maneira, esperamos realizar uma leitura mais atualizada e menos dogmática dos embates travados pela classe operária em sua fase inicial. Em relação aos objetivos específicos a serem atingidos, estabelecemos os seguintes pontos: I) Compreender algumas particularidades da formação intelectual de Brandão, destacando, sobretudo, quais foram suas principais influências político-filosóficas; II) Reconstruir o contexto histórico referente à recepção das ideias marxistas por parte de Brandão; III) Analisar o significado da obra de Brandão para a primeira geração de comunistas no Brasil; IV) Verificar o engajamento político-partidário de Brandão nos principais embates de sua época.

A partir dessas indagações devemos ponderar, é possível produzir conhecimento histórico através da investigação da trajetória de vida de certos personagens? Durante um longo período houve uma enorme hesitação por parte dos historiadores em trabalhar com a história biográfica e autobiográfica, pois, havia o receio de se perder a objetividade. Alguns críticos, inclusive, chegaram a questionar o *status* de científico, sob a acusação de que esta prática se assemelhava mais ao gênero literário do que propriamente ao conhecimento histórico. De certa maneira, a justificativa não era totalmente falsa, uma vez que a maioria destas pesquisas foram produzidas por profissionais de outras áreas, principalmente por jornalistas e literatos, que não empregavam um mínimo de rigor científico e uma necessária análise crítica para com a documentação<sup>1</sup>.

No decorrer da segunda metade do século XX, com a expansão das duas principais correntes historiográficas ocidentais: *A Escola dos Annales* e a *Historiografia Marxista*, o estudo dos personagens individuais na história foi gradualmente sendo substituído por análises estruturais e processuais<sup>2</sup>. De acordo com Francisco Doratioto: “[...] a biografia seria um exercício intelectual praticamente supérfluo, desviando o historiador de sua tarefa mais

---

<sup>1</sup> Segundo o historiador Francisco Doratioto, nos últimos anos tem-se constatado uma crescente demanda por estes estudos que contemplam as trajetórias individuais na sociedade brasileira. Como podemos notar, este espaço foi preenchido predominantemente por jornalistas e não por historiadores (que tem uma maior sensibilidade para com as mudanças e com o contexto histórico). A esse respeito, argumentou Doratioto: “[...] O interessante é que, mesmo neste caso, constata-se que essa biografia satisfaz aquela parcela de leitores intelectualmente menos exigente, a qual busca construções históricas lineares e com personagens facilmente classificáveis em tipologias dicotômicas (bom/ruim, reacionário/progressista, nacionalista/entreguista etc.)”. DORATIOTO, Francisco. Escrever a história do grande personagem histórico. In: PRIORI, Ângelo (org.). *História, memória e patrimônio*. Maringá: Eduem, 2009. p. 15

<sup>2</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. (Org.). Rago, Luiza Margareth; GIMENES, Renato Aloízio de Oliveira. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2000. p. 195.

nobre, a de analisar padrões de continuidades e de rupturas na história das sociedades. É compreensível, pois, a relutância que houve em se escrever a história de um indivíduo”<sup>3</sup>.

Sem embargo, nas últimas décadas tivemos um crescente e renovado interesse por parte dos historiadores em pesquisar sobre as trajetórias individuais. Por meio de uma investigação criteriosa, alguns historiadores se esforçaram para compreender o percurso de vida de certos personagens. De certa maneira, acabaram inaugurando uma nova prática de conhecimento histórico, com técnicas e métodos inovadores.

Os historiadores italianos Giovanni Levi<sup>4</sup> e Carlo Ginzburg<sup>5</sup> foram pioneiros nestas pesquisas, ambos demonstraram na prática a possibilidade de compreender vários elementos do passado por meio do estudo do percurso de vida de certos indivíduos. Grosso modo, esta nova maneira de se pensar a história biográfica, e também autobiográfica, possibilitou que os historiadores reconstruíssem, entre outros aspectos, os desejos, as aspirações, bem como a visão de mundo dos personagens investigados.

Desta maneira, ao analisar-se a trajetória de vida e política do intelectual Octávio Brandão, inicialmente, devemos ponderar acerca de algumas questões teórico-metodológicas que consideramos fundamentais para o encaminhamento correto desta pesquisa. De início, é necessário ter em mente que não existe uma linearidade na vida do autobiografado, a esse respeito, advertiu Giovanni Levi:

As distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos como

---

<sup>3</sup> DORATIOTO, Francisco. Escrever a história do grande personagem histórico, op. cit., p. 14.

<sup>4</sup> Em *A herança imaterial*, publicado no ano de 1985, o historiador Giovanni Levi, demonstrou por meio de uma análise rigorosa acerca do percurso de vida do padre Giovan Battista Chiesa, um homem da região do Piemonte do século XVII, alguns importantes elementos do Antigo Regime, tais como, a hierarquia social daquela sociedade, o mercado de terras, bem como a vida dos camponeses. O interessante na investigação empregada por Levi foi que ao longo do texto, o padre Chiesa, figura central, gradualmente foi perdendo espaço para outras questões fundamentais, tais como a economia, a vida social a política daquela sociedade. Ademais, devemos notar que a trajetória apresentada pelo historiador não seguiu rigorosamente uma linearidade, com o tradicional começo, meio e fim. LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>5</sup> Em *O queijo e os vermes*, estudo publicado originalmente no ano de 1976, o historiador italiano Carlo Ginzburg, valendo-se de uma série de documentos inquisitoriais de um moleiro conhecido como Domenico Scadella Menochio, morador da região do Friuli, o historiador, ao produzir uma espécie de biografia do moleiro, reconstruiu vários aspectos importantes da cultura religiosa e camponesa da “Itália” do século XVI. Para a realização desta pesquisa, Ginzburg procurou confrontar os depoimentos que dispunha com os documentos oficiais da Santa Inquisição. Grosso modo, a obra do historiador italiano se tornou um divisor de águas para a investigação histórica como um todo. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.<sup>6</sup>

Atento a estas questões, não restrito apenas ao campo de estudo da história autobiográfica, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, forneceu-nos uma dimensão precisa do problema. Para Bourdieu:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.<sup>7</sup>

Além do mais, conforme sugeriu Bourdieu, aquele que se propõe a pesquisar sobre a trajetória de vida de um personagem deveria, obrigatoriamente, reconstruir toda a superfície social onde o sujeito encontrava-se localizado, pois, somente procedendo desta maneira, a reconstrução teria sentido. Sem embargo, apesar das dificuldades inerentes a este campo de pesquisa, com base no historiador François Dosse, uma das principais referências no estudo da história autobiográfica na atualidade: “escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. “[...] A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”<sup>8</sup>. Outro aspecto fundamental que não poderíamos deixar de registrar, a percepção interdisciplinar que faz parte deste campo de estudo. No caso específico desta pesquisa, é preciso que se diga, estaremos dialogando a todo instante com elementos da história intelectual, uma vez que o personagem contemplado era um indivíduo intelectualizado. Após estas breves advertências acerca do campo de atuação da história autobiográfica, abre-se espaço adequado para demonstrarmos, *en passant*, o que entendemos por intelectual.

O conceito de intelectual da forma mais aproximada como conhecemos na atualidade, surgiu na França do final do século XIX<sup>9</sup>, após um julgamento arbitrário realizado pelas

---

<sup>6</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. p. 169.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. p. 185.

<sup>8</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 11.

<sup>9</sup> Para Noberto Bobbio, a expressão *intelligentsia* como sinônimo de intelectual, foi utilizada pela primeira vez pelo romancista russo P. D. Boborykin em meados do século XIX (quarenta anos antes da expressão haver surgido na língua francesa), posteriormente, a expressão foi difundida para outras regiões. O conceito de intelectual no vocábulo russo, inicialmente, significava um grupo muito particular de pensadores independentes, que articulavam entre si para realizar críticas ao poder czarista, em especial, a situação de atraso em relação aos países da Europa Ocidental. Outro aspecto específico acerca da definição de intelectual no contexto russo, essa

forças militares, envolvendo Alfred Dreyfus, um oficial judeu do alto escalão do exército francês, acusado de traição à pátria.

A discussão em torno do caso Dreyfus dividiu praticamente toda sociedade francesa daquela época; o julgamento chamou a atenção de importantes personalidades que, valendo-se do prestígio que haviam adquirido em suas respectivas áreas, passaram a fazer uso da palavra a favor de uma causa política<sup>10</sup>. Este foi o caso, por exemplo, dos escritores Anatole France e Theodor Herzl, sendo o mais notável o consagrado Émile Zola que, na ocasião, publicou um artigo no jornal literário *L'Aurore* com o seguinte título: *J'accuse!* O texto foi direcionado ao presidente da República, Félix Faure, e exigiu a imediata revisão do caso<sup>11</sup>. Devido à enorme repercussão que o caso adquiriu, as autoridades foram obrigadas a rever o julgamento, a partir desta revisão, Dreyfus foi absolvido das acusações, e acabou sendo readmitido pelo exército. Nesse episódio marcado pela inserção de figuras ilustres no cenário político, o intelectual adquiriu um papel importante na sociedade, o de defesa dos valores universais. Conforme assinalou a historiadora Helenice Rodrigues da Silva:

A intervenção dos 'intelectuais', cuja consequência foi à revisão do processo, assegura-lhes o direito à palavra pública (*droit de Cite*), sobretudo porque a sua mobilização nesse 'caso' de Estado reforçava a posição ideológica do grupo republicano diante de seus adversários, ligados aos valores tradicionais: os nacionalistas. Logo, é a partir do caso Dreyfus que serão circunscritos, no pensamento intelectual e político, dois pólos de valores, um universalista, outro nacionalista, divisão simbólica que encontraremos ao longo do século XX, sob a designação da esquerda e da direita.<sup>12</sup>

O contexto posterior à Grande Guerra Mundial (1914 – 1928) agregou ao conceito de intelectual um novo sentido. Além da divisão estabelecida entre o intelectual de esquerda e direita, ganhou forma à noção de engajamento a uma causa política, seja ela por meio da

---

expressão foi frequentemente utilizada no plural (intelectuais), figuras que se posicionam coletivamente para reivindicar algo. Essa categoria era composta por “homens de cultura”, figuras que geralmente se sobressaem na sociedade a qual fazem parte devido ao prestígio que possuem em suas profissões (médicos, engenheiros, advogados, escritores, etc.). BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. pp. 121 – 124.

<sup>10</sup> De acordo com o historiador Roger Chartier, o intelectual passou carregar em seu discurso a noção de verdade, se transformou no portador de uma fala autorizada. Conforme acrescentou o historiador, o indivíduo intelectualizado consegue fazer-se ouvido no meio social que se encontra inserido por meio da publicação de livros, artigos, manifestos, cursos, palestras, traduções, etc. CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>11</sup> Os *antidreyfusards*, nacionalistas contrários à reabertura do processo, passaram a chamar os defensores de Dreyfus de intelectuais, trata-se, na verdade, de uma expressão pejorativa. SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994. p. 15.

<sup>12</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002. p. 16.

filiação partidária ou pela devoção a uma ideologia. Mais uma vez valendo-se dos comentários da historiadora:

Uma nova maneira de se situar no seu tempo e de se posicionar no mundo é, então, adotada como forma intelectual dominante. O intelectual legítimo, em razão da ideologia dominante da época (comunismo e marxismo), passa a ser da esquerda, quer dizer, engajado a um embate político e convicto na força do sentido da história.<sup>13</sup>

Sem embargo, este modelo de intelectual, engajado por inteiro a uma causa político-ideológica, entrou em declínio a partir do final da década de 1980, como resultado imediato do desmoronamento do socialismo nos países do leste europeu.

Três advertências fundamentais para o encaminhamento correto desta pesquisa. A primeira delas, deve-se ter em mente que esse campo de estudo implica uma investigação que abrange outros domínios do conhecimento humano. E, por conseguinte, esta relação pluridisciplinar, integra, ao mesmo tempo, a história, a sociologia, bem como a filosofia<sup>14</sup>. A segunda, para alguns pesquisadores esta relação tem-se demonstrado bastante fecunda e problemática ao mesmo tempo, pois, se por um lado, constatamos o enriquecimento da pesquisa por meio do diálogo com outras áreas do conhecimento humano, por outro lado, as dificuldades para delimitar o campo de atuação do historiador tornam-se enormes. A terceira e última advertência, é de fundamental importância destacar que não existe um aparato teórico pronto a disposição do historiador, trata-se de algo que deve ser construído no decorrer da própria pesquisa.

Depois dessas breves informações de caráter teórico-metodológico, destacamos a seguir maneira como estruturamos o presente trabalho. No primeiro capítulo da dissertação, procuramos reconstruir o contexto histórico brasileiro da segunda metade do século XIX e início do XX, caracterizado pela difusão das ideias socialistas. Na seqüência, analisamos as primeiras referências ao pensamento político de Karl Marx no Brasil. Grosso modo, para a realização desta primeira parte da pesquisa contamos, em grande medida, com uma variedade de fragmentos de textos publicados em alguns jornais e livros da época.

No segundo capítulo, averiguamos os primeiros anos de vida, bem como a formação político-intelectual de Octávio Brandão em Alagoas e, posteriormente, em Pernambuco. Conforme veremos no decorrer do trabalho, desde muito cedo Brandão mostrou-se um crítico para com vários aspectos da sociedade. Ademais, tentamos demonstrar as primeiras

---

<sup>13</sup> *id. ibid.* p. 17.

<sup>14</sup> ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de história intelectual. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. v. 19, n.1. São Paulo, 2007.

influências filosóficas em sua formação política, em seguida, acompanhamos o encontro entre o intelectual e as principais correntes de esquerda daquela época. Sem embargo, o que mais nos interessou, de fato, foi explorar o encontro de Brandão com o incipiente movimento operário alagoano. Para reconstruir essa parte importante da trajetória de vida de Brandão, lançamos mão, principalmente, das três autobiografias do autor, *Combates e batalhas*<sup>15</sup>, *A luta libertadora*<sup>16</sup> e *O caminho*<sup>17</sup>, escritas em períodos distintos.

No terceiro capítulo, empreendemos uma análise acerca das principais atividades realizadas pelo intelectual no Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, nos esforçamos para compreender algumas particularidades dos embates travados no movimento operário brasileiro durante o início da década de 1920, influenciado, sobretudo, pelas ideias anarquistas. Cumprimos, igualmente, acompanhar as rupturas com este passado anarquista e, por conseguinte, a influência que marxismo exerceu em seu pensamento político durante aquele período de mudanças. Além de utilizar as autobiografias referidas no parágrafo acima, nos valem de outros estudos inéditos que remetem à figura de Brandão.

No quarto capítulo, investigamos o período que consideramos o mais produtivo e revolucionário da trajetória de Brandão. Em linhas gerais, acompanhamos o esforço do intelectual comunista para tentar difundir o marxismo no interior do movimento operário brasileiro (escreveu uma série de artigos e panfletos, organizou e incitou as massas proletárias a se rebelarem contra a exploração do trabalho, fundou e coordenou jornais e, sobretudo, produziu uma obra pioneira sobre a luta de classes no Brasil). Para a reconstrução desse período fundamental, contamos com uma variedade de documentos, tais como, livros de memórias, estudos publicados em alguns jornais da época, entrevistas, manuscritos, relatórios de polícia e, principalmente, a obra *Agrarismo e industrialismo*<sup>18</sup>.

No que tange a problemática de pesquisa, consiste em interrogar: quais foram às interpretações da realidade político-social brasileira apresentada na obra *Agrarismo e industrialismo* com base na teoria marxista?<sup>19</sup> Trata-se de um estudo pioneiro e bastante

---

<sup>15</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*. Vol. 1, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1978.

<sup>16</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*: Rio de Janeiro, 1970, [inédito].

<sup>17</sup> BRANDÃO, Octávio. *O Caminho*. Maceió: EDUFAL, 2007.

<sup>18</sup> MAYER, Fritz (pseud.) *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a Guerra de classes no Brasil*. Buenos Aires: s/e, 1926.

<sup>19</sup> Para pensar na questão específica da produção da obra *Agrarismo e industrialismo*, nos valem das indicações sugeridas pelo filósofo francês Michel de Certeau, principalmente aquelas que nos orientam acerca da importância do lugar social como espaço privilegiado produtor de conhecimento e sentido histórico. De acordo com Certeau: “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a

polêmico acerca do desenvolvimento da história nacional, da formação do proletariado brasileiro, bem como da noção de revolução defendido pela direção do PCB. No referido estudo, Brandão inovou ao apropriar-se de alguns conceitos-chave do marxismo, tais como, dialética, materialismo histórico e luta de classes. Grosso modo, serão justamente estas questões que pretendemos discutir ao longo da pesquisa.

No que se refere ao recorte do objeto, estabelecemos como ponto de partida o ano de 1896, ou seja, data que corresponde ao nascimento de Brandão e, por conseguinte, encerramos em 1931, com a deportação do intelectual para a Europa. A partir deste momento, faltaram-nos informações concretas acerca da vida de Brandão no exílio, que durou até o ano de 1945, com o processo de redemocratização do Brasil.

Por último, como parte integrante desta introdução, cumpriu destacar também o que se produziu nas últimas décadas sobre Brandão. Iniciamos com uma constatação, intelectuais como Luís Carlos Prestes, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes, Jacob Gorender, entre outros pensadores clássicos do marxismo no Brasil, foram estudados com muita frequência nas principais universidades brasileiras ao longo de décadas. Porém, em relação a Brandão, que antecedeu esses pensadores em vários aspectos, permanece, na atualidade, desprezado pela grande maioria dos historiadores.

Dos trabalhos que foram produzidos sobre o intelectual comunista, inicialmente, merece destaque o *Inventário Analítico do Acervo Octávio Brandão*<sup>20</sup>, organizado pela historiadora Elaine Marques Zanatta, publicado no de 1986. Também não poderíamos deixar de mencionar os dois artigos publicados na coletânea *História do marxismo no Brasil*. O primeiro, intitulado *A evolução política dos marxistas brasileiros*<sup>21</sup>, do filósofo João Quartim de Moraes. Neste artigo de 1995, o filósofo procurou contemplar os primeiros esforços teóricos empreendidos por alguns intelectuais comunistas no intuito de compreender a realidade político-social brasileira. O segundo, *Tempo de fundadores*<sup>22</sup>, do historiador Ângelo José da Silva, enfocou, entre outros aspectos, a contribuição teórica de Octávio Brandão para

---

privilégios, enraizada em particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam". CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 66 – 67.

<sup>20</sup> Resultado de um enorme esforço de organização para catalogar todo o material que se encontra depositado no Acervo Edgar Leuenroth, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. ZANATTA, Elaine Márquez et alii. *Inventário analítico do acervo Octávio Brandão*. Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

<sup>21</sup> MORAES, João Quartim de. A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos*, Vol. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

<sup>22</sup> SILVA, Ângelo José da. Tempo de fundadores. In: MORAES, João Quartim de.; DEL ROIO, Marcos. (orgs.). *História do marxismo no Brasil: visões do Brasil*, Vol. 4. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

com os primeiros comunistas brasileiros. Além do mais, anteriormente, o historiador já havia realizado um estudo pioneiro sobre a principal obra de Brandão, estamos nos referindo ao artigo: “*Agrarismo e industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil*”<sup>23</sup>, publicado pela *Revista de Sociologia e Política* da Universidade Federal do Paraná, no ano de 1997.

Ainda como exemplo do interesse despertado pela figura do intelectual comunista, no ano de 1996, na ocasião do centenário de nascimento de Brandão, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro promoveu um seminário no intuito de resgatar a memória do militante comunista. No mesmo ano, Dionysa Brandão publicou uma série de poesias inéditas de seu pai, reunidas no livro *As Forças Encadeadas II*. Contando com o incentivo da Universidade Federal de Alagoas, também foi possível a publicação da terceira edição de *Canais e Lagoas* no ano de 1999. Um ano depois, novamente sob a organização de Dionysa, foi publicada uma coletânea de poesias intitulada, *Poesia: Laura e Octávio*.

Em relação aos trabalhos apresentados nos programas de Pós-Graduação que contemplaram, exclusivamente, a figura de Brandão, localizamos apenas duas dissertações de mestrado. A primeira, “*Memória e omissão: Octávio Brandão e anarquismo*”, realizada pela socióloga Alice Anabuki Plancherel, defendido junto ao departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, em 1993<sup>24</sup>. O segundo, “*Uma memória silenciada: idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão: 1917 – 1980*”, pesquisa realizada pelo historiador Roberto Mansilla do Amaral, apresentada ao departamento de História da Universidade Federal Fluminense, em 2003<sup>25</sup>.

Outro esforço de divulgação da vida de Brandão foi realizado pelo pesquisador José Roberto Guedes de Oliveira, “*Cartas de Octávio Brandão: memórias*”. Este livro contou com o incentivo da Universidade Federal de Santa Catarina. Grosso modo, o autor procurou trazer a luz algumas correspondências pessoais escritas em diversos momentos da vida de Brandão, bem como uma série de depoimentos sobre o intelectual realizado por parentes e personalidades da vida pública brasileira.

Recentemente o historiador Alexandre Rodrigues publicou um artigo na revista *Intellectus*, “*Octávio Brandão: uma leitura marxista dos dilemas da modernização*”

---

<sup>23</sup> SILVA, Ângelo José da. *Agrarismo e Industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil*. In: *Revista de Sociologia e Política*, nº 8, Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

<sup>24</sup> PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e Omissão: Octávio Brandão e anarquismo*. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, 1993.

<sup>25</sup> AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 – 1980)*. Dissertação de mestrado, ICHF/ UFF, Niterói, 2003.

brasileira”<sup>26</sup>. Nesse artigo, o historiador procurou situar o pensamento de Brandão no dilema da modernização do Brasil. Pouco tempo depois, sob o esforço de diversos pesquisadores, a Editora Anita Garibaldi publicou a segunda edição da principal obra do autor, *Agrarismo e industrialismo* no ano de 2006<sup>27</sup>.

Já o artigo, “*Octávio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro*”<sup>28</sup>, do cientista político Alvaro Bianchi, foi à publicação mais recente sobre Brandão que localizamos. Em seu estudo, Bianchi objetivou denunciar o enorme ostracismo político imposto pelos pecebistas à memória de Brandão.

Cumpra ainda registrar que, atualmente, na cidade do Rio de Janeiro, um grupo de intelectuais independentes, mantém em funcionamento um núcleo de estudo, cujo objetivo principal tem sido retomar algumas discussões acerca da produção intelectual de Brandão, bem como a realização de debates frequentes acerca da política nacional e o papel da esquerda na conjuntura atual<sup>29</sup>.

Em linhas gerais, conforme procuramos demonstrar com estes exemplos, apesar dos esforços despendidos por alguns pesquisadores, o número de trabalhos produzidos nas últimas décadas, que contemplaram diretamente a figura de Octávio Brandão continua sendo algo realmente ínfimo, se compararmos com outros personagens da esquerda brasileira. Posto desta maneira espera-se poder contribuir com esta nossa pesquisa e, ao mesmo tempo, procuramos instigar a realização de novos estudos nessa direção.

---

<sup>26</sup> RODRIGUES, Alexandre M. E. Octávio Brandão: uma leitura marxista dos Dilemas da Modernização Brasileira. In: *Revista Intellectus*. v. 1, ano 5, Rio de Janeiro, 2006.

<sup>27</sup> BRANDÃO, Octávio. *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil – 1924*. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

<sup>28</sup> BIANCHI, Alvaro. Octávio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. In: *Revista Crítica Marxista*, n.º34, Campinas: Fundação Editora da Unesp, 2012. pp. 133 – 149.

<sup>29</sup> O Centro Cultural Octávio Brandão (CCOB), é uma instituição sem fins lucrativos, mantida por intelectuais e trabalhadores, localizada na Rua Miguel Ângelo, n.º. 120, no bairro Maria da Graça - RJ. Para mais informações, acessar o endereço eletrônico: [www.centroculturaloctaviobrandao.blogspot.com](http://www.centroculturaloctaviobrandao.blogspot.com)

**CAPÍTULO 1**  
**AS IDEIAS POLÍTICAS**  
**DE KARL MARX NO BRASIL**

## **1 A DIFUSÃO DO MARXISMO E O DESENVOLVIMENTO DO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO (1871 – 1922)**

A filosofia de uma época não é a filosofia deste ou daquele filósofo, deste ou daquele grupo de intelectuais, desta ou daquela grande parcela das massas populares: é uma combinação de todos estes elementos, culminando em uma determinada direção, na qual sua culminação torna-se norma de ação coletiva, isto é, torna-se “história” concreta e completa.

Antônio Gramsci  
(*Concepção dialética da história*, 1978)

O Socialismo não é uma doutrina, ainda não passa de uma aspiração; mas esta aspiração tende a reformar o estado social atual em prol do melhoramento moral e material de todos os membros da sociedade. Para este fim cada escola socialista oferece meios diferentes, mas não há uma sequer, cujas intenções deixem de ser puras e generosas, cujo ideal não seja a realização na terra dos princípios da liberdade e fraternidade.

Antônio Pedro Figueiredo  
(*Diário de Pernambuco*, 12.08.1852)

Neste primeiro capítulo, inicialmente, procuraremos abordar o contexto histórico referente à chegada das ideias socialistas no Brasil. Na seqüência, daremos ênfase à fase inicial da difusão das ideias políticas de Karl Marx entre alguns dos mais influentes pensadores brasileiros das últimas décadas do século XIX e início do XX. Grosso modo, acreditamos que partir destas questões, aproxima-se da atmosfera político-social brasileira que antecedeu a recepção das ideias marxistas por parte do intelectual Octávio Brandão, considerado por vários especialistas no assunto, o primeiro pensador marxista do Brasil.

### **1. 1 A difusão das ideias socialistas no Brasil**

De que maneira se processou a recepção das ideias socialistas no Brasil? Quais as particularidades desta difusão? Quais foram os pioneiros nesta aventura arriscada? Como entraram em contato com estas ideias estrangeiras? Iniciamos a presente pesquisa com estas importantes indagações, que pretendemos responder ao longo deste capítulo.

Para pensar na questão específica da recepção<sup>30</sup> das ideias socialistas no Brasil, em primeiro lugar devemos considerar o fato de que o continente europeu exerceu, durante muito tempo, forte influência sobre a maneira de pensar da intelectualidade brasileira, mais precisamente, o meio cultural francês.

Apesar da enorme diferença de contexto, a partir da década de 1840 alguns intelectuais, entusiasmados com o potencial crítico das ideias socialistas, passaram a importar livros dos pensadores socialistas franceses, em especial, os de Charles Fourier, Saint-Simon, Pierre Proudhon e Louis Blanc. Conforme acrescentou o historiador Edgard Rodrigues, os primeiros ecos do socialismo no Brasil ocorreram em Pernambuco, com a vinda de alguns engenheiros franceses, em geral, simpatizantes das ideias socialistas. Entre os trabalhadores que se instalaram no Recife no início da década de 1840, foram dignas de destaque as atividades desempenhadas pelo engenheiro Louis Vauthier (1815 – 1877), um adepto das ideias de Fourier que, segundo nos informou Edgar Rodrigues:

Dá, logo, um cunho revolucionário e socialista aos seus planos de arquitetura, colocando sempre o elemento humano como fator primordial. [...] penetrou com suas teorias e suas idéias, na realização de doações e distribuição de terras que mercê de seus planejamentos, tornaram-se aproveitáveis para a agricultura. [...] ganhou discípulos nos meios intelectuais que iniciaram a pregação da reforma agrária pela ação direta no Brasil.<sup>31</sup>

Apesar dos níveis distintos de desenvolvimento entre o Brasil e os países da Europa ocidental<sup>32</sup>, as sementes socialistas foram difundidas em solo brasileiro<sup>33</sup>, chegaram,

---

<sup>30</sup> Em relação ao conceito de recepção, estamos pensando a partir das definições metodológicas indicadas pelo historiador Horácio Tarcus. Conforme sugeriu Tarcus, o momento da recepção: “[...] define la difusión de un cuerpo de ideas en un campo de producción diverso del original desde el punto de vista del sujeto receptor. Es un proceso activo por el cual determinados grupos sociales se sienten interpelados por una teoría producida en otro campo del producción, intentando adaptarla a ('repcionarla' en) su propio campo. Los mecanismos utilizados son también la reedición de las obras en cuestión bajo la de libros, folletos, artículos; su traducción, en caso de provenir de otra lengua; su anotación e introducción, etc”. TARCUS, Horácio. *Marx en la Argentina: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007. p. 31.

<sup>31</sup> RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969. p. 26 – 27.

<sup>32</sup> Em um estudo realizado anteriormente, discutimos sobre estas diferenças de contexto, sublinhamos que: “[...] na Europa, por exemplo, o proletariado em fins do século XIX lutava a ferro e fogo por seus direitos; haviam adquirido uma considerável experiência de luta ao longo de décadas, já tinham uma consciência de classe, etc. Na América Latina e, sobretudo no Brasil, a realidade em nada se assemelhava com a daquele continente. Nunca é demais salientar que, quando as idéias socialistas chegaram, praticamente inexistia o operariado, para quem toda a teoria e todas as obras estavam destinadas”. AZEVEDO, Denilton N. *A história da publicação das obras de Marx e Engels no Brasil: 1930 a 1964*. (Monografia de Graduação) - Departamento de História, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008. p. 26.

<sup>33</sup> Foram poucos os estudos que contemplaram os primeiros movimentos de influência socialista ocorridos no Brasil do século XIX. A título de exemplo, citarei um episódio que foi pouco explorado pelos historiadores em geral. Tivemos no Brasil, ainda na primeira metade do século XIX, uma tentativa com sucesso de implantação dos “falanstérios”, sistema organizacional pensado pelo socialista francês François Fourier. Um dos poucos trabalhos realizados a esse respeito, foi o do sociólogo Maurício Vinhas de Queiroz, que enfocou, sobretudo, a

inclusive, a influenciar um movimento rebelde e de caráter popular no Recife<sup>34</sup>, conhecido como Revolta Praieira (1848 – 1849). Esse movimento foi fortemente influenciado pela Primavera dos Povos europeia de 1848<sup>35</sup>. A esse respeito, comentou o cientista político Vamireh Chacon:

[...] “A primavera dos povos”, as barricadas de fevereiro e, sobretudo as proletárias de junho de 1848, a influência ideológica dos socialistas franceses, tudo isso deu novo impulso e novo sentido ao levante. Ao mesmo tempo, a geração “quarante-huitarde” nordestina se adiantava no debate de grandes temas sociais que abalariam o Brasil.<sup>36</sup>

Diante deste cenário em efervescência política, mereceu destaque o comportamento de duas figuras instigantes: os pernambucanos Antônio Pedro de Figueiredo (1814 – 1859) e José Inácio de Abreu e Lima (1794 – 1869). O primeiro pensador mulato e pobre fundador da revista *O Progresso*<sup>37</sup>, que circulava no Recife entre os anos de 1846 a 1848, ou seja, durante

---

formação de uma comunidade socialista na região do Saí, no atual Estado de Santa Catarina, contando, inclusive, com a autorização do próprio imperador do Brasil, Dom Pedro II. Valendo-se das palavras de Queiroz: “[...] Em 1840, se organizou na França uma ‘Union Industrielle’, cujo objetivo era arregimentar pessoas dispostas a instituir um ‘falanstério’ no Brasil. À frente da empresa encontrava-se um certo Dr. Arnaud. Enquanto se constituíam, em Paris e Lião, os grupos de colonos, partia na frente do dr. Benoit Mure, com atribuições de negociar junto ao nosso governo a licença e a concessão de terras. Mure não demorou a noticiar o bom êxito de sua missão. E embarcou para cá a primeira leva de voluntários. Eram, em geral, famílias de trabalhadores, gente que não vivia satisfeita com o estado das coisas. O grupo inicial compreendia uns cem indivíduos. Elegeram para dirigí-los Michel Derrion”. QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Fourier e o Brasil. *Revista de História*. São Paulo, nº. 122, p. 5-15, jan/jul. 1990. p. 10.

<sup>34</sup> Segundo nos informou o historiador José Nilo Tavares: “O aparecimento de idéias socialistas em Pernambuco, acompanhadas por movimentos populares relativamente duradouros, talvez pudesse encontrar explicação no desenvolvimento econômico da área, uma das mais do país no século XIX, tradicionalmente articulada ao comércio externo”. TAVARES, José N. *Marx, o Socialismo e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 75.

<sup>35</sup> As revoluções de 1848 que estouraram na Europa rapidamente se espalharam para outras regiões do globo. Os países mais longínquos foram afetados pela chama revolucionária. A esse respeito, comentou o historiador Eric Hobsbawm: “Tem havido um bom número de grandes revoluções na história do mundo moderno, e certamente muitas delas foram bem-sucedidas. Mas nunca houve uma que se tivesse espalhado tão rápida e amplamente, alastrando-se como fogo na palha por sobre fronteiras, países e mesmo oceanos. [...] 1848 foi a primeira revolução potencialmente global, cuja influência direta pode ser detectada na insurreição de 1848 em Pernambuco (Brasil) e, poucos anos depois, na remota Colômbia”. HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital: 1848 – 1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 28.

<sup>36</sup> CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 27.

<sup>37</sup> A revista recifense *O Progresso*, criada na década de 1840, possuía claramente um conteúdo de cunho socialista e, ao mesmo tempo, estava impregnada pelas influências da “doutrina eclética”. Conforme sublinhou o sociólogo Marcelo de Almeida: “É recorrente, na literatura em torno dos acontecimentos ocorridos durante as primeiras décadas do século XIX, a indicação de que tivemos, nesse período, o início de uma formação, em uma parcela da intelectualidade brasileira, de um pensamento de cunho socialista. [...] O problema decorrente desta abordagem se dá no momento em que se privilegia esse ‘viés’ socialista, sem levar em conta a presença do ecletismo, tanto no conteúdo da revista, quanto no pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo”. ALMEIDA, Marcelo F. *A Revista O Progresso e a proposta de reformas sociais*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001. p. 43.

a Revolta Praieira, interessou-se, apaixonadamente pela obra do filósofo eclético<sup>38</sup> francês Victor Cousin. Chegou, inclusive, a traduzir e a publicar, por conta própria, a obra *Curso de História da Filosofia Moderna*, do pensador francês.

A enorme admiração por Cousin rendeu um apelido pejorativo, que o acompanhou por toda sua vida, “Cousin fusco”, devido à cor de sua pele escura. Antonio Pedro Figueiredo foi também um admirador das revoluções europeias de 1848. Apesar do entusiasmo depositado nas ideias socialistas e na Primavera dos Povos, foi consciente para perceber a impossibilidade de se implantar no continente europeu, de imediato, um regime socialista a partir das revoluções de 1848<sup>39</sup>. A esse respeito sublinhou o pensador brasileiro: “[...] bem sabemos que estas revoluções radicais são obra do tempo, e apenas meia dúzia de exaltados podem conceber a esperança de realizá-las imediatamente”<sup>40</sup>.

Entre os comentários analisados, o que mais nos chamou atenção foi uma matéria publicada na revista *O Progresso*, em 1857, quando o pensador defendeu o desenvolvimento da indústria<sup>41</sup> nacional no intuito de se alcançar uma melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores. Para Figueiredo: “O bem-estar material é uma condição da humanidade, e o desenvolvimento da indústria tende constantemente para consegui-lo, e destarte o progresso da sociedade em todos os sentidos, no desenvolvimento da riqueza pública e particular, no desenvolvimento das artes, das letras, da moral acham interesse na satisfação do bem-estar material”<sup>42</sup>. Apesar do ecletismo presente nas ideias políticas de Figueiredo, estamos em

---

<sup>38</sup> Mais informações acerca do ecletismo brasileiro do século XIX e início do XX, consultar a obra do filósofo João Cruz Costa, intitulada, *Contribuição à história das idéias no Brasil*, publicada no Rio de Janeiro pela editora Civilização Brasileira, no ano de 1956.

<sup>39</sup> A revolução europeia de 1848 teve início em alguns países da Europa Ocidental, porém, rapidamente espalhou-se para outras regiões, até mesmo continentes. De acordo com o historiador inglês Eric Hobsbawm, trata-se da primeira revolução potencialmente mundial da história. Ainda em conformidade com o historiador: “A revolução de 1848 na Europa foi a única a afetar tanto as partes ‘desenvolvidas’ quanto as atrasadas do continente. Foi, ao mesmo tempo, a mais ampla e a menos bem-sucedida revolução desse tipo. No breve período de seis meses de sua explosão, sua derrota universal era seguramente previsível; dezoito meses depois, todos os regimes que derrubara, com exceção de um, foram restaurados, e após dezoito meses de sua irrupção, com a exceção da República Francesa, estava mantendo toda a distância possível entre si mesma e a revolução à qual devia sua própria existência”. HOBBSAWM, Eric. *A era do capital*, op. cit., p. 28 – 29.

<sup>40</sup> FIGUEIREDO, Antônio Pedro. *apud*. CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. op. cit., p. 88.

<sup>41</sup> É importante notar que o conceito de indústria ao qual Antônio Figueiredo se refere, possui um sentido distinto daquele que é empregado atualmente. Segundo Houaiss, as primeiras referências à palavra remetem ao século XIV, e era entendida como “habilidade ou aptidão para realizar algo, esp. para executar trabalho manual; arte, destreza, perícia”. Cf. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1689. Esse entendimento de “indústria” como atividade recua, de acordo com o Dicionário *Petit Robert*, a sua origem latina em 1356. E no seu primeiro sentido é habilidade para executar alguma coisa. Cf: Industrie. ROBERT, Paul. *Dictionnaire Le Petit Robert*. Paris: Le Robert, 1984. p. 993.

<sup>42</sup> FIGUEIREDO, Antônio Pedro. *apud*. CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. op. cit., p. 97.

comum acordo com Chacon, ao caracterizar o pensador pernambucano como sendo o primeiro socialista brasileiro.

O segundo pensador, José Inácio de Abreu e Lima participou de várias campanhas militares importantes, uma em especial mereceu destaque, a da guerra pela independência dos venezuelanos travada contra os conquistadores espanhóis. Devido aos seus serviços prestados, passou a ser conhecido em alguns países da América Latina como o “general das massas”. No Brasil, por sua vez, foi um dos incentivadores da Revolta Praieira, citada anteriormente; chegando até em 1855, a publicar um livro sobre o socialismo; procurou demonstrar como essas ideias se transformaria, em um futuro próximo, em tendência na sociedade brasileira. É preciso que se diga: para Abreu e Lima, estas teorias modernas (o socialismo, em especial) não passavam de “aberrações do espírito humano”. Sobre os pensadores socialistas como um todo, acrescentou: “[...] Loucos, maníacos, excêntricos, não importa, todos são abelhas da mesma colméia”<sup>43</sup>. Grosso modo, acerca destas primeiras referências ao socialismo no Brasil, comentou o historiador Leandro Konder:

Por um lado, as idéias socialistas não tinham, aparentemente, nenhuma serventia na sociedade escravista. Na sociedade brasileira, o problema crucial não era a chamada *questão social* (a questão do movimento operário), como na Europa: era a *questão servil* (isto é, a questão da escravidão). Por outro lado, os intelectuais e os políticos, no Brasil, não podiam ignorar as idéias de um movimento que estava se tornando importante nos países europeus. A vida cultural brasileira gravitava em torno de referências típicas da cultura européia, e o socialismo estava começando a se tornar um tema de discussão “quente” na França, país que a elite brasileira tanto admirava.<sup>44</sup>

A partir da segunda metade do século XIX, algumas ideias socialistas espalharam-se, de maneira significativa, para outras regiões do país, tais como, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, e outras cidades, devido, principalmente, às atividades comerciais e, em alguns casos, industriais. No que se referiu às ações organizadas pelas massas operárias, tivemos algumas tentativas de mobilizações que obtiveram sucesso para os padrões da época. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, ocorreram as primeiras greves do país: a dos acendedores de luz, bem como a dos tipógrafos, em ambos os episódios, a reivindicação giravam em torno de questões salariais e melhorias nas condições de trabalho. O historiador russo Boris Koval, uma referência no estudo do movimento operário do Brasil, analisou a situação dos trabalhadores brasileiros do final do século XIX e início do XX, a esse respeito salientou que:

---

<sup>43</sup> ABREU E LIMA, José Inácio de. *apud*. KONDER, Leandro. *As idéias socialistas no Brasil*, op. cit., p. 21.

<sup>44</sup> KONDER, Leandro. *As idéias socialistas no Brasil*. op. cit., p. 21.

A causa principal do agravamento da luta de classes no Brasil depois da abolição da escravatura foi a difícil situação econômica dos trabalhadores, que de fato não obtiveram nenhuma melhoria real. Mais do que isso, em muitos casos, em virtude do aumento da oferta de mão-de-obra com a libertação dos escravos, os empresários reduziram os salários que já eram extremamente baixos. A jornada de trabalho não era regulamentada, os patrões muitas vezes recorriam a castigos corporais, multas e todo tipo de ações arbitrárias, certos de sua total impunibilidade. Segundo o código Penal, os grevistas eram criminosos e bandidos e por isso deveriam cumprir pena de prisão.<sup>45</sup>

Nas últimas décadas do século XIX, o Brasil passou por uma série de mudanças significativas, podemos citar como exemplo, a expansão da lavoura cafeeira no sudeste brasileiro; a vinda dos imigrantes europeus em números cada vez mais expressivos; a instalação de fábricas nos principais centros comerciais do país, etc., todos estes fatores somados, contribuíram para promover tais transformações. Ademais, neste cenário passamos a contar com um incipiente movimento operário, com imensas dificuldades e limitações, contudo, disposto a lutar por algumas melhorias na qualidade de vida que, aliás, era bastante precária. A partir dos dados extraídos da revista *Echo Operário*, Marcos Vinícius Pansardi, forneceu-nos uma noção precisa da situação da renda dos operários cariocas por volta do ano 1890:

um trabalhador médio no Rio de Janeiro, em 1890, trabalhando seis dias por semana, poderia receber no máximo 96 \$ 000 por mês, e o salário mínimo necessário para cobrir as despesas de alimentação, vestuário, moradia e as despesas eventuais de uma família de quatro pessoas era de 103 \$ 000. Outro relatório indica a cifra de 2 \$ 000 a 2 \$ 500 como teto máximo diário que um tecelão poderia ganhar na ocasião. Esta cifra está bem abaixo dos 4 \$ 000 utilizados na estimativa acima. Nunca é demais lembrar outros fatores que contribuíram para a miserável condição de vida dos trabalhadores industriais no período: as flutuações de emprego, as várias multas aplicadas ao trabalhador pela disciplina fabril, os descontos de salário por motivo de doença, as demissões sazonais, etc.<sup>46</sup>

Diante desta conjuntura, entendemos que as ideias socialistas poderiam somar, no intuito de prover um direcionamento crítico e transformador. Sobre este novo contexto no campo do pensamento político no Brasil, o advogado republicano Manoel Curvello de Mendonça (1870 – 1914), nos forneceu uma noção precisa daquele período:

---

<sup>45</sup> KOVAL, Boris. *História do proletariado brasileiro: 1857 a 1967*. Moscou: Editora Alfa - Omega, 1968. p. 86 – 87.

<sup>46</sup> PANSARDI, Marcos A. *Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889 – 1903)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1993. p. 11.

AS LUTAS, campanhas e propagandas de variado matriz que agiam as nações do Ocidente no sentido das modernas doutrinas sociais, repercutem já no Brasil sob diversas formas. Vamos tendo as nossas greves, em que o operariado faz valer dos direitos concernentes ao seu trabalho, protestando contra as opressões esmagadoras e vexatórias do regime capitalista. Temos associações, clubes e freqüentes reuniões movidas pelo sentimento novo e forte, que desperta pouco a pouco a massa proletária das oficinas e fábricas, onde até pouco tempo mourejava roendo o duro pão amargo do salário miserável e doloroso. A imprensa quero dizer, o jornal e o livro, já se aventuram a defender algumas das justas aspirações da pobre classe trabalhadora. A literatura vai também fazendo desses assuntos o tema de suas ficções, achando aí, como é justo e natural, um campo vastíssimo e inexplorado, que lhe abre um descortino novo e belo.<sup>47</sup>

Em linhas gerais, as sementes socialistas foram, de uma vez por todas, disseminadas em solo brasileiro. A novidade passou a circular de diversas maneiras: através de livros, jornais, revistas especializadas, etc., todos importados do continente europeu. Além do mais, não devemos nos esquecer do contato freqüente entre os pensadores brasileiros e europeus, um fator que certamente contribuiu para acelerar o processo de difusão dos ideais socialistas no Brasil. Conforme demonstramos, esse fenômeno ganhou força, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX.

## 1. 2 A difusão das ideias políticas de Karl Marx no Brasil

No que se refere à fase inicial da difusão<sup>48</sup> do pensamento de Karl Marx no Brasil, em primeiro lugar é importante sublinhar que, assim como ocorreu em outros países<sup>49</sup>, o marxismo teve de percorrer um longo percurso, repleto de obstáculos, até tornar-se hegemônico no movimento operário brasileiro<sup>50</sup>. Nos relatos de Raimundo Magalhães Júnior,

<sup>47</sup> MENDONÇA, Curvello Manoel. O movimento socialista no Brasil. In: MORAES, Evaristo Filho. (org.). *O Socialismo brasileiro*. Brasília: UNB, 1981. p. 250.

<sup>48</sup> Para pensarmos no processo da difusão das ideias de Marx no Brasil, nos valem, novamente, das observações apontadas por Horácio Tarcus. Para o historiador, a difusão de um conjunto de ideias ocorre a partir da publicação em livros, revistas, jornais, periódicos, cursos, palestras, debates, etc. TARCUS, Horácio. *Marx en la Argentina*, op. cit., p. 30.

<sup>49</sup> Mesmo se tratando de alguns países do continente europeu, a fase inicial da difusão das ideias de Marx e Engels, não foi nada fácil. Um dos motivos, a pequena quantidade de obras dos filósofos a disposição do público. A esse respeito, o historiador inglês Eric Hobsbawm acrescentou: “Portanto, em 1875, o corpus das obras de Marx e Engels conhecidas e a disposição do público era bastante reduzido, já que grande parte dos seus primeiros escritos estavam esgotados e não haviam sido reeditados.” O interesse pelas obras de Marx cresceu consideravelmente após sua morte, coincide justamente com a ascensão do “movimento socialista internacional”. HOBBSAWM, Eric J. A fortuna das edições de Marx e Engels. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). *História do Marxismo: o Marxismo no tempo de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1983. p. 425.

<sup>50</sup> Sobre a complexidade do pensamento de Marx, “[...] devemos levar em consideração que o *corpus* da teoria desenvolvida por Marx não era dos mais fáceis de se entender. Ainda nos dias de hoje ler Marx requer muito esforço, e, sem dúvida, nunca haverá um consenso no entendimento; cada leitor terá uma interpretação particular. O próprio Marx tinha consciência da complexidade de suas idéias, sabia, dessa forma, que seria

presente no artigo *Karl Marx na Imprensa do Império*, foi possível observar o contexto do aparecimento do nome do filósofo alemão no Brasil. Valendo-se dos comentários de Magalhães:

As primeiras referências a Karl Marx no Brasil surgem anos depois da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, que à época teve pouquíssima repercussão entre nós. Isso era, de resto, muito natural. Não havia problema operário no Brasil, nação sem trabalho livre organizado, com suas atividades ainda fundadas no braço escravo. A grande reivindicação entre nós era a libertação desses escravos, que só seria definitivamente conseguida a 13 de maio de 1888. A partir daí é que começaria a haver clima para outras reivindicações: regulamentação das horas de trabalho, férias, salários, etc. O que trouxe o nome de Karl Marx às colunas da imprensa brasileira foi o interesse despertado pelo movimento de 1871, em Paris, com o caráter de verdadeira insurreição popular.<sup>51</sup>

Como se observa no fragmento acima, as primeiras menções a Marx no Brasil que temos conhecimento, apareceram atreladas às repercussões da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)<sup>52</sup>, bem como ao episódio da Comuna de Paris, de 1871. Sobre o impacto provocado pela Comuna no Brasil, com base no historiador José Nilo Tavares, mereceu destaque o discurso pronunciado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Manoel Francisco Correa, direcionado aos parlamentares e senadores, no Rio de Janeiro. O ministro exigiu que as autoridades competentes do país ficassem em alerta quanto ao perigo destes arruaceiros virem para o Brasil<sup>53</sup>.

Por outro lado, tiveram aqueles que receberam os ideais difundidos pelos *comunards* com bastante entusiasmo. Leandro Konder destacou, a título de exemplo, os comentários de Lúcio de Mendonça (1854 – 1909), exposto na obra *Horas do Bom Tempo*, onde se constatou a influência do movimento revolucionário francês sobre alguns estudantes e boêmios que residiam na cidade de São Paulo. Segue-se abaixo o comentário de Mendonça:

O comunismo enobrece, santifica o trabalho, suprimindo o intuito egoístico de acumulação da propriedade, que desaparece, como desnecessária, e

---

fundamental seu engajamento nas organizações operárias”. AZEVEDO, Denilton N. *A história da publicação das obras de Marx e Engels no Brasil: de 1930 a 1964*, op. cit., p. 26 – 27.

<sup>51</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Karl Marx na Imprensa do Império*. In: TAVARES José N. *Marx, o Socialismo e o Brasil*, op.cit., p. 148.

<sup>52</sup> Em 1864 Marx e Engels ajudaram a fundar a primeira Associação Internacional dos Trabalhadores, posteriormente chamada de Primeira Internacional. O principal objetivo dessa organização, como o próprio nome já sugere, seria uma tentativa de agrupar, direcionar e preparar os operários para a luta contra a exploração burguesa. Entretanto, dentro organização havia inúmeras divergências, socialistas utópicos, socialistas reformistas, anarquistas, seguidores de Marx duelavam mutuamente. Insatisfeitos com as brigas internas Marx abandona à AIT em 1871. AZEVEDO, Denilton N. *A história da publicação das obras de Marx e Engels no Brasil: de 1930 a 1964*, op. cit., p. 18.

<sup>53</sup> TAVARES, José N. *Marx, o Socialismo e o Brasil*, op. cit., p. 102.

suprimindo a ambição de dinheiro, de moeda, que, na economia da Comuna, deixa de existir, por inútil e sem significação – pois a moeda é um título de dívida, um representativo de trabalho acumulado e economizado, e nada disso se compadece com o regime comunista.<sup>54</sup>

Para Tavares, as repercussões provocadas pelo impacto da Comuna de Paris, possibilitaram o aparecimento do nome de Marx no Brasil. De acordo com o historiador:

as idéias de Marx – e o marxismo – passam a constituir elemento integrante do pensamento político brasileiro, concomitantemente com sua afirmação no movimento operário revolucionário internacional. Não importa que somente cinquenta anos depois se crie, no país, uma organização marxista permanente – o Partido Comunista do Brasil, a mais antiga estrutura partidária nacional –, e que só em 1922 o *Manifesto do Partido Comunista* seja traduzido e divulgado, em livro. Não importa, igualmente, que Marx e o marxismo, diretamente, como ocorreriam em todo o mundo, sejam pouco conhecidos e difundidos.<sup>55</sup>

A primeira referência ao pensamento de Marx no Brasil ocorreu quando o autor de *O Capital* ainda estava vivo, e foi publicada em forma de artigo no jornal republicano de Recife *Os Seis de Março*, em 25 de março de 1872<sup>56</sup>. Conforme salientou Chacon: “Trata-se de tradução dum longo artigo publicado antes na revista *Ilustração Espanhola*, sob o cerimonioso título ‘O Dr. Carlos Marx’. Nele se procura resumir a sua vida e a sua obra até então”<sup>57</sup>.

O nome de Marx também acabou virando notícia na ocasião de sua morte, em 14 de março de 1883. Em fragmento publicado na coluna “D’aqui d’colá” na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, trazia para seus leitores algumas breves informações de caráter biográfico acerca da vida do filósofo alemão: “Karl Marx, fundador da Internacional e há pouco falecido em Londres, contava 69 anos de idade. Chefe do movimento socialista moderno, o ilustre finado merece uma biografia”<sup>58</sup>.

Entre os pensadores brasileiros, Tobias Barreto (1839 – 1889) foi quem realizou a primeira análise sobre o Brasil tomando como base o pensamento de Marx. Em 1883, na ocasião da colação de grau de uma turma de bacharéis do curso de Direito, Barreto pronunciou o seguinte discurso:

54 MENDONÇA, Lúcio de. *apud*. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 68.

55 TAVARES, José N. *Marx, o Socialismo e o Brasil*, op. cit., p. 95.

56 Segundo nos informou Leandro Konder, o importante jornal recifense, *Os Seis de Março*, após o impacto provocado pela Comuna de Paris no Brasil, transcreveu e publicou uma série de matérias e estudos de jornalistas espanhóis acerca da Internacional, bem como sobre o pensamento de Karl Marx.

57 *Os Seis de Março*. *apud*. CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*, op. cit., p. 168.

58 *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16.04.1883.

Karl Marx diz uma bela verdade, quando afirma que cada período tem as suas próprias leis [...] logo que a vida atravessa um dado período evolutivo, logo que passa de um estágio a outro, ela começa também a ser dirigida por leis diferentes [...] A questão cardeal do nosso tempo não é política e nem religiosa: é eminentemente social e econômica.<sup>59</sup>

Por conta deste e de outros comentários proferidos por Barreto, os historiadores do marxismo no Brasil tem-se perguntado, teria o jurista realmente lido diretamente *O Capital*? De acordo com um estudioso do assunto, Evaristo de Moraes Filho, em seu livro, *Medo à Utopia*, o comentário de Barreto teria sido baseado em um artigo crítico de apresentação de *O Capital*, publicado na revista *Mensageiro Europeu*, escrito por um jornalista russo de São Petersburgo, em maio de 1872<sup>60</sup>.

Para Konder é muito provável que Barreto tenha lido *O Capital*, ainda que esta leitura tenha sido sem profundidade<sup>61</sup>. Porém, é válido deixar registrado que Barreto não foi nenhum simpatizante das ideias socialistas, tampouco, um adepto do marxismo, entretanto, todos estão em comum acordo ao caracterizar o comentário de Barreto como sendo a primeira referência a *O Capital* no Brasil que se tem notícia. Conforme acrescentou Chacon, as menções pioneiras ao pensamento de Marx realizado por Barreto foram fundamentais, uma vez que contribuiu para difundir o nome do filósofo alemão entre alguns renomados pensadores ligados a Escola do Recife<sup>62</sup>. Para reforçar seu argumento, Chacon trouxe a luz alguns comentários de Clóvis Bevilacqua, presente na obra *Estudos de direito e economia política*, publicada no ano de 1886:

A escola socialista germânica de Marx e Lassale pretende que o governo deve estabelecer uma taxa progressiva sobre os proprietários em proveito dos operários. [...] Ambos estes escritores se impõem à nossa simpatia, não

<sup>59</sup> BARRETO, Tobias. *apud*. CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*, op. cit., p. 168.

<sup>60</sup> MORAES FILHO, Evaristo de. *Medo à Utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Sílvia Romero*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 91.

<sup>61</sup> Tobias Barreto era um intelectual bastante antenado em tudo o que ocorria no continente europeu, a filosofia alemã, em especial, exercia uma grande influência sobre o seu pensamento. Ademais, devemos considerar que Barreto matinha na Europa alguns contatos com editores que lhes enviavam frequentemente livros. Segundo informou Konder, o jurista teria recebido a 2ª edição (1872) em alemão do primeiro volume de *O Capital*.

<sup>62</sup> O filósofo Antônio Paím comentou acerca de suas principais características: “Sua complexidade advém do fato de que os pensadores que os integram recorrem às correntes inspiradoras estrangeiras a fim de enfrentar e resolver determinados problemas, cuja magnitude advinha de nossa peculiar consubstancialidade. Por essa forma não cabe considerá-las como simples projeções, mas abordá-las de modo autônomo, tornando como referência a obra local e a problemática que suscita. [...] Encarada como corrente filosófica, a Escola do Recife desenvolveu-se em quatro fases perfeitamente distintas, admitindo-se a existência de um primeiro ciclo no qual seus fundadores são simples participantes do denominado surto de idéias novas. A busca de urna posição própria no seio do espírito crítico abrange pelo menos um decênio, desde os meados da década de setenta à primeira metade do decênio seguinte. Sucodem-se, desde então, as épocas de apogeu - até o alvorecer do novo século - e de declínio e desaparecimento, nos anos do século XX que antecedem a conflagração mundial”. PAIM, Antônio. *A Formação da Escola do Recife*. In: PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil: as correntes*, Vol. 2. Londrina: Edições Humanidades, 2007. p. 151.

tanto pela vida aventureira que levaram quanto pelo seu fervor em prol do proletariado e pelo cunho científico (principalmente Karl Marx) que procuravam imprimir a seus escritos. Marx queria um *socialismo científico*, tomando por base os trabalhos de Darwin, a anatomia, a antropologia etc., e distanciando-se muito das teorias anteriores de Saint-Simon, Fourier, Cabet, Proudhon e Louis Blanc.<sup>63</sup>

Como se pode notar trata-se de uma leitura um tanto superficial acerca da complexa filosofia desenvolvida por Marx. Em linhas gerais, para Bevilacqua, o pensamento do filósofo alemão seria de incentivo a política de arrecadação de impostos por parte do Estado, no intuito de promover a transferência de riquezas em benefício dos operários. O mesmo Bevilacqua segue seu raciocínio demonstrando o que mais lhe desagradava em relação às idéias socialistas:

Infelizmente suas doutrinas parecem que têm mais um caráter revolucionário do que algo construtivo. [...] As diversas hipóteses socialistas sempre me impressionaram de um modo desconsolador. Arrastado pelo vigor da argumentação, pelo tom da sinceridade, não raro pelas cintilações do estilo e, mais ainda, por uma necessidade mental insaciada, deixava-se arrastar à procura da preconizada solução, mas, chegando ao termo da jornada, meu espírito convola-se para seu retraimento, levando uma decepção a de mais. [...] O *próton-pseudo*, o pecado original do socialismo é querer nivelar as classes sociais, quando é certo que é de sua desigualdade, da diversidade de funções que resulta a harmonia e o progresso humano.<sup>64</sup>

O crítico literário e historiador Sílvio Romero (1851 – 1914), também ligado a Escola do Recife, realizou algumas breves referências acerca do pensamento de Marx. Em um trabalho publicado em 1895 intitulado, *Ensaio de Filosofia do Direito*, o historiador chamou a atenção dos leitores em uma nota explicativa para a obra *Analise della Proprietà Capitalista*, de autoria do sociólogo italiano Achille Loria. Romero comentou que o livro de Loria “[...] como já houve quem demonstrasse [...] não passa de um plágio de *O Capital* de Karl Marx, tentando, aliás, refutá-lo, gênero de escamoteação muito comum, principalmente entre italianos”<sup>65</sup>. Segundo nos informou Konder, é provável que Sílvio Romero tenha entrado em contato com alguns livros de Marx, no entanto, tudo indicou que também não houve um aprofundamento nestas leituras.

O filósofo, Raimundo de Farias Brito (1862 – 1917), contemporâneo de Romero e, igualmente, bastante influenciado pela Escola do Recife, deixou-nos registrado em seu livro,

<sup>63</sup> CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*, op. cit., p. 171.

<sup>64</sup> *id. ibid.* p. 171 – 172.

<sup>65</sup> ROMERO, Sílvio. *apud.* KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 75.

A *Finalidade do Mundo*, publicado no ano de 1899, algumas menções indiretas ao pensamento de Marx. Acerca da questão social no Brasil, Farias Brito argumentou: “O ponto de vista dos socialistas é: a questão social deve ser resolvida politicamente, em nome do interesse. O meu ponto de vista é: a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia”<sup>66</sup>.

Como se percebe no fragmento acima Farias Brito privilegiou o aspecto religioso e moral como forma indispensável para superar os problemas sociais existentes no Brasil. Talvez entre todos os intelectuais discutidos até o presente momento, foi quem mais respeitou a complexa teoria desenvolvida Marx, a qual chamou: “uma doutrina vasta e profunda”<sup>67</sup>. Conforme nos advertiu Konder, faltou oportunidade para Farias Brito ler diretamente a Marx.

O escritor Machado de Assis (1839 – 1908), em uma crônica publicada no Jornal carioca *Gazeta de Notícias*, no dia 13 de janeiro de 1885, sem perder a habitual ironia, inventou um personagem, supostamente vindo da Rússia, conhecido apenas como Petroff. O russo havia desembarcado na cidade do Rio de Janeiro a serviço do Centro do Socialismo Universal, com sede em Genebra, na Suíça. Petroff, ao participar de uma festividade no espaço da Sociedade Socialista, confundiu o local e a agitação do público presente com um grande centro revolucionário, porém, tudo não passava de uma grande diversão para os frequentadores.

Acreditando encontrar-se entre os camaradas socialistas, Petroff foi convidado a falar. Em seu discurso inflamado, de cunho revolucionário, ninguém entendeu nada do que foi discursado, ainda assim o aplaudiram, com ares de recreação. Surpreso e muito animado com os efeitos de sua fala, escreveu imediatamente para o Centro do Socialismo Universal: “Não posso dar-lhe idéia dos aplausos que recebi. Todas as teorias de Bebel, de Cabet, de Proudhon e do nosso incomparável Karl Marx foram perfeitamente entendidas e aclamadas”<sup>68</sup>. Como sabemos Machado não nutria nenhuma simpatia pelas ideias socialistas, no geral, via essas ideologias novas com certo grau de ceticismo.

Outro intelectual bastante influente no meio político brasileiro da passagem do século XIX para o XX, Rui Barbosa (1849 – 1923), fez referência à obra *O Manifesto Comunista*. A principal crítica de Rui em relação aos socialistas foi no que se referiu à concepção da propriedade privada. A esse respeito, o jurista condenou: “é Saint-Simon, pregando a abolição

---

<sup>66</sup> BRITO, Farias. *apud*. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 75-76.

<sup>67</sup> *id. ibid.* p. 76.

<sup>68</sup> MACHADO, Assis de. *apud*. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p.77.

da herança; é Proudhon, assimilando a propriedade ao roubo; é Karl Marx, apostolando a partilha do capital; é Henry George, teorizando a nacionalização da terra”<sup>69</sup>.

Como se pode notar, o comentário de Rui Barbosa é característico de alguém que não chegou a ler diretamente a obra de Marx, uma vez que o filósofo alemão jamais fez qualquer tipo de referência à partilha do capital, antes foi um crítico de semelhantes abordagens<sup>70</sup>. Nunca é demais lembrar que, para Marx, a origem das contradições entre as classes sociais se encontrava, essencialmente, no campo da produção<sup>71</sup>. Ademais, segundo informou Konder, na biblioteca particular do jurista baiano, inexistia qualquer tipo de registro de obra do filósofo alemão.

O jornalista e escritor Euclides da Cunha (1866 – 1909), realizou também alguns comentários importantes acerca das ideias de Marx. O autor de *Os Sertões*, como poucos, soube diferenciar o pensamento de Marx dos demais socialistas. O escritor estava atento para as “supostas fragilidades” dos pensadores socialistas, a esse respeito argumentou: “estupendas utopias de Sant-Simon”, “alienações de Proudhon”, “tentativas bizarras de Fourier”, “soçobro completo da política de Louis Blanc”. De acordo com Euclides, foi com Marx, “com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva”<sup>72</sup>. No fragmento abaixo, demonstrou toda sua admiração pela sistematização do pensamento desenvolvido Marx. Valendo-se dos comentários do próprio autor:

A fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as máquinas, nem o capital, ainda coligados, as produzem sem o braço do operário. Daí uma conclusão irredutível: a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham. E um conceito dedutivo: o capital é uma espoliação. [...] A exploração capitalista é assombrosamente clara, colocando o trabalhador num nível inferior ao da máquina. [...] põe-se de manifesto o traço injusto da organização econômica do nosso tempo. [...] Não se pode negar a segurança do raciocínio. [...] Revolução: transformação. Para consegui-la, basta-lhe erguer a consciência do proletário. [...] Porque a Revolução não é um meio, é um fim; embora às vezes, lhe seja mister um meio, a revolta. [...] Porque o seu triunfo é inevitável. [...] Garantem-no as leis positivas da sociedade que criarão o reinado tranqüilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração. <sup>73</sup>

<sup>69</sup> BARBOSA, Rui. *apud*. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 73.

<sup>70</sup> Cf. MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012, no qual Marx crítica de forma contundente as formulações confusas do programa de unificação da social-democracia alemã.

<sup>71</sup> Para uma análise do processo capitalista de produção, e da distância a uma semelhante concepção da partilha do capital consultar: MARX, Karl. Capítulo IV: A transformação do dinheiro em capital. In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*, Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 121 – 141.

<sup>72</sup> CUNHA, Euclides da. *apud*. CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*, op. cit., p. 177.

<sup>73</sup> *ib. idib.* p. 177 – 178.

As análises de Euclides acerca da exploração do trabalhado é algo bastante indicativo, trata-se de um intelectual interessado em demonstrar a origem das desigualdades entre operários e patrões. A conclusão que acabou chegando foi mais interessante ainda, pois sugeriu que toda a riqueza produzida pelo operário deveria pertencer ao próprio operário, ou seja, aquele que a produziu. No entanto, argumentou que se isso não ocorreu, foi por conta do poder de espoliação que o capital possui; além de roubar uma parte significativa do trabalho alheio, colocou o operário em uma posição desfavorável, de inferioridade. Para Euclides da Cunha só restaria uma opção ao operário, a conscientização de sua condição e, por conseguinte, a revolução.

A partir destas observações, poderia supor que o autor de *Os Sertões* teria lido diretamente e aprofundado sua leitura sobre a obra maior do marxismo, ou seja, *O Capital*. Porém, para o jornalista Rui Facó, apesar da simpatia que Euclides nutria pelas idéias socialistas e marxistas, devemos identificá-lo, antes de tudo, como sendo “[...] um eclético, sem ir adiante daquela breve e lúcida explanação sobre Marx”<sup>74</sup>.

É necessário ter cuidado em relação a esse questionamento apresentado por Rui Facó, pois, durante muito tempo, os comunistas pretenderam ter o monopólio sobre qual a maneira correta de se ler a obra de Marx. Nessa perspectiva, qualquer desvio da linha política defendida pelos pecebistas era considerado apócrifo, ou seja, uma leitura não autorizada<sup>75</sup>. Conforme procuraremos demonstrar no capítulo seguinte, esse tem sido um problema bastante recorrente na construção da memória do movimento operário brasileiro<sup>76</sup>.

Por último, não poderíamos nos esquecer de uma importante figura do movimento operário brasileiro do início do século XX, trata-se do médico sergipano Silvério Fontes (1858 – 1928), segundo alguns especialistas no assunto, o primeiro intelectual militante das ideias de Marx no movimento operário brasileiro.

Silvério, que passou boa parte de sua vida residindo na efervescente cidade de Santos, afastou-se das tendências políticas da esquerda de sua época, adepta, principalmente, dos ideais anarquistas<sup>77</sup>. O intelectual sergipano entusiasmou-se com potencial crítico expresso

<sup>74</sup> FACÓ, Rui. *apud*. CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. op. cit., p. 178.

<sup>75</sup> CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*, op. cit., p. 215 – 216.

<sup>76</sup> Devemos estar atentos para algumas fragilidades inerentes a questão da memória, uma vez que a percepção do passado, reproduzidas por certos grupos sociais, nunca é despreziosa. Para Peter Burke, devemos considerar: “[...] o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais”. BURKE, Peter. *História como memória social*. In: *Variiedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000. p. 69 – 70.

<sup>77</sup> Sobre a hegemonia das ideais anarquistas durante as duas primeiras décadas no Brasil: “Como se sabe, as ideais anarquistas chegaram ao Brasil antes do marxismo. Os anarquistas eram, em grande parte, imigrantes italianos que haviam se estabelecido no Brasil, mais especificamente, em São Paulo. Portanto, tanto a

nas ideias do filósofo alemão, o único, aliás, segundo o autor, capaz de contribuir para o entendimento do funcionamento da sociedade capitalista. Sobre o pioneirismo na divulgação da teoria marxista em solo brasileiro, assinalou Silvério Fontes:

Se cada socialista deve levar uma pedra para o novo edifício social, o centro de Santos sente-se satisfeito de ter iniciado, entre nós, a propaganda da doutrina reformadora, estribando-se na trilogia marxista: interpretação materialista da história, determinismo econômico e luta de classes.<sup>78</sup>

A nosso ver, a leitura que Silvério realizou de Marx, direta ou indiretamente, em alguns pontos, foi algo realmente interessante para a época, enxergou como poucos, que nem sempre o fator econômico seria o determinante na análise social. Esta observação consciente pode ser facilmente identificada no artigo publicado na apresentação do jornal socialista de Santos, *A Questão Social*:

Resultado de estudos acurados d'uma plêiade de pensadores representando o *primus inter pares* Karl Marx o socialismo encontrou, principalmente na Alemanha, sua base científica. Não queremos dizer com isso que o problema social seja uma reforma exclusivamente econômica; que o socialismo seja unicamente uma questão de ventre. É incontestável que deve ocupar o primeiro lugar a transformação econômica, pois della nascerá à principal reivindicação proletária. Entretanto forçoso é confessar que as aspirações humanas devem ser integralizadas e a questão social passa a ser complexa, isto é, tanto litteraria, como philosophica, tanto affectiva, como esthetica, tanto moral, como politica.<sup>79</sup>

Já para o historiador Edgard Carone, apesar das referências curiosas que Silvério realizou sobre o autor de *O Capital*, não devemos identificá-lo como um discípulo de Marx, propriamente dito, uma vez que o mesmo demonstrou uma série de incompreensões, a mais conhecida, segundo o historiador, ocorreu na ocasião da publicação do Manifesto do Partido Socialista Brasileiro em 1902. A esse respeito, argumentou Carone:

Depois de usar o esquema inicial do Manifesto Comunista, seus autores abandonam o fundamental da ideologia marxista – a luta de classes – e defendem a idéia de que o processo pacífico e ininterrupto levará a classe

---

intelectualidade de esquerda, quanto o movimento operário brasileiro, tiveram como suporte aquelas idéias para reivindicarem uma melhoria de vida para a classe proletária, nos anos iniciais. Cabe, dessa forma, frisar que, foram os anarquistas que fizeram, pela primeira vez, pipocar nos principais centros econômicos do país, as lutas da classe operária”. AZEVEDO, Denilton N. *A história da publicação das obras de Marx e Engels no Brasil: de 1930 a 1964*, op. cit., p. 33.

<sup>78</sup> FONTES, Silvério. *apud*. PEREIRA, Astrojildo. Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil. *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro. 3 (12): 407, abr., 1962.

<sup>79</sup> FONTES, Silvério. *A Questão Social*. Santos, nº 01, 15.09.1895. p. 01.

operária a passar da sociedade burguesa ao estágio superior, que é o socialismo. Esta posição evolucionista e mecanicista é a dominante.<sup>80</sup>

Como se observa no comentário de Carone, mais uma vez a memória pecebista procurou desqualificar os esforços realizados por alguns intelectuais. A nosso ver, a questão crucial para uma análise mais consciente, não seria apontar os reformismos presente no interior do Partido Socialista Brasileiro, ou ainda, insistir na acusação de que o Manifesto Socialista era conservador e bastante limitado.

Para além dessas questões, acreditamos que o fundamental seria compreender o contexto do Brasil daquela época, ou seja, um país que há pouco tempo havia deixado de ser escravista, e que desde o início do período republicano passou a reprimir, com muita violência, as manifestações de caráter popular<sup>81</sup>. Porém, como constatamos, a memória que se produziu no período posterior a formação do PCB objetivou, entre outros aspectos, atribuir ao passado uma importância cada vez mais secundária. Ademais, esta memória também foi responsável por reproduzir uma visão diminutiva dos embates travados pelo movimento operário brasileiro, que desde o início do século XX, havia adquirido uma razoável consciência de classe em alguns embates travados<sup>82</sup>.

Pensando em conformidade com o historiador Edward Thompson, essa maneira ortodoxa de encarar o passado, impede-nos, entre outros aspectos, de compreender a verdadeira “atuação dos trabalhadores, e o grau com que contribuíram com esforços conscientes, no fazer-se da história”<sup>83</sup>.

A título de exemplo do que estamos discutindo, reproduzimos a abaixo um depoimento de Maurício de Lacerda, publicado no jornal a *Voz do Povo*, no dia 16 de março 1920, comentando sobre uma greve organizada por trabalhadores ferroviários da empresa *Leopoldina Railways*, ocorrida no dia 7 de março do mesmo ano. Segundo informou Lacerda:

A Liga Operária de São José de Além Paraíba lançou um manifesto em que reivindicava aumento de salários, pagamento em dobro para horas extras e contrato de trabalho para os trabalhadores da Leopoldina Railways [...] a greve foi declarada. A Federação dos Condutores de Veículos anunciaram uma greve geral. A greve conseguiu agregar metalúrgicos, padeiros, alfaiates e operários de construção civil e outras categorias. O êxito do

<sup>80</sup> CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p. 61.

<sup>81</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michel M. *A classe operária no Brasil: condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 240.

<sup>82</sup> FOOT, Francisco Hardman. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>83</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. v 1, 1987. p. 13.

movimento surpreendeu as autoridades: como de hábito, esse sucesso foi atribuído a agitadores estrangeiros.<sup>84</sup>

Com a deflagração da greve dos operários da Leopoldina, outras categorias em solidariedade aos companheiros ferroviários que haviam parado de trabalhar, também aderiram ao movimento grevista. Outro exemplo semelhante ocorreu no Rio Grande do Sul, no início do XX. Ailana Cristina Amorin, em uma pesquisa recente sobre as condições de trabalho das mulheres de Porto Alegre, constatou a existência de algumas ações solidárias que demonstram, claramente, uma percepção de classe. De acordo com Amorin:

a participação das mulheres em uma greve ocorrida em Porto Alegre em 1906 teve forte importância no processo de fortalecimento dos laços e de uma identidade de classe. A greve, que começara com a paralisação dos artesãos marmoristas teve na sequência do movimento a adesão de grupos de mulheres trabalhadoras. Mais do que apenas solidarizarem-se com o ato de greve e as demandas envolvidas parando a produção em suas fábricas e oficinas, elas participaram em movimentos de rua defendendo os ideais e as demais categorias envolvidas: uma identidade em construção.<sup>85</sup>

O que seria essa solidariedade entre os trabalhadores senão uma consciência de classe? Entendemos que o *fazer-se* da classe operária não se trata de uma estrutura estabelecida *a priori*, seria, pois, antes de tudo, formada por homens, sujeitos de ação, que agem coletivamente e com certo grau de consciência para defender seus interesses<sup>86</sup>. Contrariando aquela visão mais tradicional da historiografia brasileira, que sempre procurou relacionar o desenvolvimento industrial ao grau de consciência dos operários, dialogando acerca desse problema, Cláudio Batalha observou que a formação de classe é “[...] um processo mais ou

---

<sup>84</sup> LACERDA, Maurício. *Voz do Povo*. Rio de Janeiro. 16.03.1920 *apud*. PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michel M. *A classe operária no Brasil*, op. cit., p. 52 – 53.

<sup>85</sup> AMORIM, Ailana Cristina de. Análise de algumas relações entre trabalhadores envolvendo solidariedade e disputa no interior da classe operária (Rio Grande do Sul, início da Primeira República). SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz*. Londrina: ANPUH, 2005. p. 5. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0025.pdf>. Acesso em nov/2012.

<sup>86</sup> O conceito thompsonian, possibilita-nos, por exemplo, compreender que a experiência que os sujeitos carregam consigo seria de fundamental importância para que possamos entender a formação da classe operária no Brasil. Para Thompson: “A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais; encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais”. THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*, op. cit., p. 10.

menos demorado, cujos resultados podem ser verificados na medida em que concepções, ações e instituições coletivas, de classe, tornam-se realidade<sup>87</sup>.

O contexto da Grande Guerra Mundial (1914 – 1918) forçou o Brasil a uma inevitável industrialização, pois, aqueles produtos que antes eram adquiridos por meio de importações da Europa, com o desdobrar do conflito, deixou de abastecer o mercado interno com seus produtos industrializados. Foi justamente nesse cenário, favorável à indústria interna, que tivemos um considerável crescimento do proletariado brasileiro, bem como um aumento significativo dos embates entre as classes sociais. Entre os anos de 1917 até, pelo menos, o início da década de 1920, por exemplo, verificou-se uma onda de agitações surpreendente para os padrões da época. Segundo informou a historiadora Edilene Toledo:

Uma série de fatores foi importante e explicam a intensidade da agitação dos trabalhadores nesses anos entre 1917 e 1920: o agravamento das condições de vida e de trabalho em virtude da Primeira Grande Guerra Mundial; a propaganda desenvolvida pelas várias lideranças anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionárias; as atividades concretas de organização da classe trabalhadora com a criação de sindicatos, uniões, ligas e federações e a conjuntura internacional marcada pela Revolução Russa e por uma onda revolucionária que atingiu a Europa.<sup>88</sup>

Conforme procuramos demonstrar ao longo deste primeiro capítulo, as ideias socialistas passaram a ser difundidas na sociedade brasileira a partir da primeira metade do século XIX, com a vinda de alguns pensadores europeus e, principalmente, por meio da importação de livros. Rapidamente o assunto ganhou notoriedade entre alguns de nossos pensadores, ora admirando, ora repudiando. Em relação ao nome de Marx, esteve sempre presente, de maneira esporádica, em nossa imprensa operária e em alguns discursos dos nossos pensadores, a partir, principalmente, das últimas décadas do século XIX. A curiosidade e a simpatia aumentaram conforme cresceram em número e importância o movimento operário brasileiro.

Por último, durante os últimos anos do século XIX e início do XX, uma série de transformações econômicas e políticas contribuíram para modificar a estrutura da sociedade brasileira, um exemplo, o desenvolvimento da atividade comercial e industrial que se verificou em algumas regiões do país. Outro aspecto importante, até, pelo menos, o início dos

---

<sup>87</sup> BATALHA, Cláudio H M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: DELGADO, Lucília de A N. *O Brasil Republicano I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 163.

<sup>88</sup> TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *A Formação das tradições (1889 – 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 82.

anos 1920, os ideais anarquistas acabaram sendo fundamentais para incendiar o movimento operário brasileiro.

**CAPÍTULO 2**  
**ANOS DE APRENDIZAGEM**

## 2. A FORMAÇÃO POLÍTICA DE OCTÁVIO BRANDÃO (1896 – 1919)

Quem sou? De onde vim? Como vivi? Que realizei? Sou escritor brasileiro. Índio caboclo do interior do Nordeste. Patriota e humanista, democrata e revolucionário. Combatente pela libertação nacional e social do Brasil e da humanidade. Partidário do socialismo científico de Marx, Engels e Lênin. Poeta realista, romântico e revolucionário.

Octávio Brandão  
(*Combates e batalhas*, 1978)

Octávio Brandão precisa de uma biografia. Toda sua vida, pelo que me contam, foi a de um abnegado, de um idealista, de um lutador incansável [...] não tenho dúvida de que muita coisa interessante será encontrada na vida deste profeta do socialismo brasileiro, deste homem que mais do que qualquer outro amou o seu povo.

Permínio Ásfora  
(*Jornal de Alagoas*, 24.05.1945)

Quem foi Octávio Brandão? Quais influências filosóficas o intelectual sofreu em sua formação política? Qual sua atuação no cenário político brasileiro das primeiras décadas do século XX? Qual a relação entre sua história de vida e o movimento operário alagoano? Em síntese, para a escrita deste segundo capítulo, pretendemos utilizar como fontes três autobiografias escritas em momentos distintos da vida de Octávio Brandão, como é o caso de sua primeira autobiografia, intitulada *O Caminho*<sup>89</sup>, publicada em 1950; *A Luta Libertadora*<sup>90</sup>, redigida em 1970, porém ainda inédita; e, por último, *Combates e Batalhas*<sup>91</sup>, publicada, originalmente, no ano de 1978, dois anos antes de sua morte. Contamos com uma variedade

<sup>89</sup> A título de compreensão, devemos aqui ressaltar que o livro *O Caminho*, corresponde, na verdade, a primeira autobiografia escrita por Octávio Brandão, porém, só foi publicado, de fato, na década de 1950, no Rio de Janeiro. De maneira geral, na referida obra, encontra-se algumas importantes referências acerca das principais atividades realizadas por Brandão no estado de Alagoas de 1896 até 1919. Por último, cabe ainda registrar que, para a realização de parte desta nossa pesquisa, nos valemos, em grande medida, da segunda edição da obra *O Caminho*, publicada, desta vez, pela Editora da Universidade Federal de Alagoas, em 2007. BRANDÃO, Octávio. *O Caminho*. Maceió, op. cit.,

<sup>90</sup> Em *A luta libertadora*, foi possível acompanhar vários momentos importantes da trajetória de vida de Brandão, entre os anos de 1931 a 1970. BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora: 1931 – 1970*, op. cit.

<sup>91</sup> A autobiografia *Combates e batalhas*, de Brandão, é algo realmente surpreendente e ímpar. Alguns aspectos curiosos chamaram a nossa atenção. A começar, foi escrita na maior parte na terceira pessoa e, encontra-se, impregnada por uma linguagem demasiadamente lírica. Ademais, o próprio Brandão encarregou-se de delimitar os marcos decisivos de sua vida, por exemplo, “a primeira infância”, “sintomas do despertar”, “o primeiro passo libertador” etc. E, por sua vez, se encarregou, ele mesmo, de atribuir certa coerência em cada um destes marcos divisórios. Todavia, o que mais nos interessou, em grande medida, foi o fato de que, em diversos momentos, sua trajetória de vida se confundiu com a história do operariado brasileiro, conforme sublinhou no prefácio o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro: “Este 1º volume de *Combates e batalhas* é uma narrativa detalhada – um depoimento pessoal – da vida operária brasileira de 1917 a 1931, na visão de Octávio Brandão”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Prefácio. In: BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. XII.

de artigos publicados em jornais da época, que remetem à figura de Brandão. Com frequência, realizaremos um cruzamento entre estes materiais, no intuito de forçá-los, quando possível, a comprovação ou mesmo a contradição<sup>92</sup>.

## 2. 1 A vida em Alagoas e Pernambuco (1896 – 1917)

Octávio Brandão Rego nasceu na cidade de Viçosa<sup>93</sup>, no interior do sertão alagoano, no dia 12 de setembro de 1896. Seus pais, Manoel Correia de Melo Rego (Néco Félix) e Maria Loureiro Brandão Rego (Maroquinha), eram católicos<sup>94</sup>, assim como a maioria da população viçosense daquele período. Segundo informou o autobiografado, amargavam uma situação financeira instável, possuíam como bem material apenas uma pequena farmácia popular, a qual freqüentou constantemente desde os primeiros anos de sua infância.

Sem pretendermos desconsiderar o relato do autobiografado, devemos ponderar que, o fato de seu pai ser proprietário de uma farmácia, mesmo que se trate de um pequeno estabelecimento, já se constitui, por si só, em uma posição diferenciada. Além do mais, Manoel Correia, além de sua profissão de prático farmacêutico, havia entrado para a política, chegou, até mesmo, a eleger-se vereador pelo município de Viçosa. Entendemos que esta maneira de creditar uma lógica a esse passado de sofrimento se constitui em uma prática bastante recorrente e inconsciente da memória, principalmente quando o sujeito que recorda encontra-se em uma fase já avançada da vida<sup>95</sup>. Além do mais, para se ter uma noção de onde falava o autobiografado, quando escreveu suas memórias encontrava-se em meio a um enorme ostracismo político imposto, sobretudo, pelos novos dirigentes do partido que defendeu por décadas<sup>96</sup>. Certamente tal abandono se manifestou nas recordações da infância<sup>97</sup>.

<sup>92</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*, op. cit., p. 169.

<sup>93</sup> O município de Viçosa encontra-se localizado a 86 km da capital, Maceió. Sua fundação ocorreu no ano de 1790. Em 1831, foi elevado à categoria de vila e, posteriormente, no ano de 1892, à categoria de cidade. A principal atividade econômica, durante muito tempo, foi à plantação da cana de açúcar e o cultivo do algodão. A região ganhou destaque no cenário nacional a partir da descoberta de quilombos no passado escravista e colonial. Acessado: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/alagoas/vicosa.pdf>

<sup>94</sup> De acordo com Brandão, os familiares do lado materno eram católicos tradicionais, inclusive, sua família forneceu vários parentes ao sacerdócio, enquanto que, do lado paterno, a religião sempre ocupou um espaço secundário, seu pai, por exemplo, acreditava apenas em Deus. Contudo, nunca exigiu dos filhos uma conduta religiosa. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 50.

<sup>95</sup> BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

<sup>96</sup> Um depoimento revelador desta situação de ostracismo de Brandão é dado pelo poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade. Em uma pequena matéria publicada no jornal *Estado de Minas*, revelou um diálogo comovente que manteve com Brandão: “Na galeria da Caixa Econômica, encontro Octávio Brandão, que prende longamente a minha mão à sua, no cumprimento inicial. Sabendo da minha recente aposentadoria no serviço público, indaga como é que me sinto: é repousante mesmo? Respondi-lhe que entre nós o aposentado tem de trabalhar duro para sobreviver, e ele me diz, sorrindo: - ‘E eu, então, que nem isso tenho? Os jornais não pagam

Em *A vida de um escritor*, publicado aos 74 anos de idade, Brandão reclamou o esquecimento e os sofrimentos do passado:

Afrontei mais de 15 anos de exílio na Europa. Voltei ao Brasil. Vivi proscrito oito anos dentro da própria Pátria. Fiquei exilado de Alagoas, minha terra natal, durante 41 anos. Vivi num ambiente de pobreza econômica, dificuldades financeiras, perseguições políticas, preterições sociais, dores morais, injustiças intelectuais. E continuo da mesma forma. Aos 74 anos de idade, dos quais cinquenta de lutas negam-me tudo no meu país. Sou boicotado por todos os lados. Contra tanta torpeza, protesto com revolta, veemência e indignação.<sup>98</sup>

Analisando em detalhe os primeiros anos de vida de Brandão, constatamos que realmente não foram fáceis, antes mesmo de completar quatro anos de idade, perdeu a mãe devido a uma infecção puerperal<sup>99</sup>, esta recordação foi descrita como sendo sua primeira grande tristeza que o acompanhou por toda sua vida, conforme podemos notar em sua autobiografia *Combates e batalhas*: “Entrei na vida pela porta da orfandade e da amargura. Conservei na memória a visão trágica e terrível. E guardei no coração, a vida inteira, a imagem sempre viva e dolorosa, a imagem sublime de Mamãe – morta!”<sup>100</sup>. Não bastasse, sete meses e meio depois do falecimento de sua mãe, a criança perdeu o avô materno, o qual também era bastante afeiçoado.

Néco Felix, após o falecimento do sogro buscou o filho para morar em uma pequena casa em Viçosa. Mariinha, a filha caçula, continuou vivendo por um tempo no engenho Barro Branco, na casa de uma tia materna, conhecida apenas por Augusta. Em 1901, Néco Félix casou-se pela segunda vez, desposou uma prima, Ana Costa Rego. Apesar do afeto que recebeu da madrasta, este foi um período tumultuado na vida do pequeno Octávio.

A educação que recebeu durante sua infância era, de fato, bastante rígida. Diga-se de passagem, muito comum para a sociedade daquela época. Sobre esta questão, recordou tempos depois: “[...] Meu pai era severo demais. Sua severidade teve lados positivos. Fui criado num ambiente de pureza moral, de respeito às moças e às senhoras. Deste modo, livre-

a minha colaboração, e no Partido Comunista estou em ostracismo...’ Para confortá-lo, invoco a sua fibra de velho lutador, que nunca esmoreceu. Despedimo-nos, e trago na lembrança a cabeça já branca de sertanejo, cheio de comunismo e de sonho”. ANDRADE, Carlos Drummond. *Estado de Minas*. 06.01.1981.

<sup>97</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

<sup>98</sup> BRANDÃO, Octávio. “A vida de um escritor”. S.l., 12.12.1970, 31 p. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 114-b.

<sup>99</sup> A mãe de Brandão faleceu em decorrência de uma infecção puerperal, no dia 18 de junho de 1900, tinha apenas 29 anos de idade. Tanto Brandão, quanto sua irmã, Maria Brandão Vilela (Mariinha), foram morar no engenho de Barro Branco, na casa do avô materno “Didinho Teotônio”. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 45.

<sup>100</sup> *id. ibid.* p. 44.

me das más companhias. Não convivi com meninos deformados e viciados”<sup>101</sup>. Mesmo depois de adulto, vivendo em uma sociedade completamente diferente daquela que cresceu, respirando os ares modernos da capital federal, Brandão não perdeu este excesso de moralismo; esta característica o acompanhou a vida inteira<sup>102</sup>. Acerca das primeiras imagens guardadas na memória, lembrou da experiência de ajudar o pai diariamente na pequena farmácia popular, que segundo nos informou, recebia clientes paupérrimos de todas as partes do sertão alagoano. Esta experiência parece ter marcado fortemente a personalidade da criança, como se observa no comentário a seguir:

*OS PRIMEIROS PROFESSORES.* Na pequena Farmácia Popular, convivi com os trabalhadores rurais. Atendia-os com seriedade e solicitude. Sentia-me atraído por eles. E eles gostavam de mim. Vinham camponeses semi-servos, caboclos dos engenhos de açúcar, vaqueiros das fazendas de gado, *tangerinos* dos altos sertões. Contavam-me lendas, histórias e narrativas sobre as lutas dos antigos índios e a vida dos trabalhadores contemporâneos.<sup>103</sup>

Estas foram às primeiras lembranças que Brandão fez questão de recordar de sua primeira infância, em sua autobiografia. É interessante registrar que, o relato, em retrospecto, parece querer, em diversos momentos, atribuir certa coerência ou mesmo um sentido a todo esse sofrimento narrado do passado<sup>104</sup>.

Após haver completado o ensino primário no início do ano de 1909, aos doze anos de idade, Brandão e sua irmã Mariinha mudaram-se para Maceió com o tio materno o Dr. Alfredo Brandão, objetivando dar continuidade em seus estudos<sup>105</sup>. Pelos depoimentos de Brandão, tudo indica que Alfredo desfrutava de uma condição financeira excelente, era um profissional liberal, médico do exército, era, também, de fato, um homem bastante culto. Tratou logo de matricular o sobrinho em um dos colégios mais tradicionais da capital

<sup>101</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 10.

<sup>102</sup> A esse respeito, é possível ler em sua autobiografia o seguinte comentário: “O Rio de Janeiro era uma cidade de grande beleza e democratismo. Infelizmente, perdia-se nas piadas e futilidades, no carnaval e futebol, no jogo e no álcool, na macumba e espiritismo, nos excessos sexuais e dramas passionais. Daí, sofrimentos espantosos para o jovem escritor e cientista”. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 150.

<sup>103</sup> *id. ibid.* p. 55.

<sup>104</sup> A respeito da questão do relato autobiográfico, são sugestivas as orientações indicadas por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo: “Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consciência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário”. BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão biográfica*. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*, op. cit., p. 184.

<sup>105</sup> Segundo Brandão, seu pai não tinha condições de fornecer um estudo de qualidade. Ademais, passando por uma série de dificuldades financeiras, permitiu que o cunhado, o Dr. Alfredo Brandão, levasse as crianças para Maceió, em 1909. Esta foi, inclusive, a última vez que Brandão esteve com o pai. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 60.

alagoana, o renomado Colégio Diocesano dos Irmãos Maristas, posteriormente, transferido para o Instituto de Humanidades do Professor Higino Belo e o Colégio 11 de Janeiro.

Durante sua permanência em Maceió (1909 – 1912), em suas memórias, Brandão se definiu como sendo um adolescente inquieto e bastante rebelde<sup>106</sup>. Inquieto em relação aos valores religiosos ensinados em uma instituição tradicionalmente católica, e rebelde devido à solidão que o acometeu durante esses anos<sup>107</sup>. Reclamou, com bastante frequência, a falta que a mãe lhe fazia e a inexistência de afeto por parte dos tios<sup>108</sup>. Brandão se colocou, em seus relatos, na condição de vítima dos acontecimentos. Por outro lado, bastante presunçoso, fez questão de se apresentar como sendo sempre o melhor entre os colegas, o mais brilhante nas instituições que estudou. Comentou ainda que, naquele período, já havia lido vários livros clássicos, tais como, *Os Lusíadas* e alguns sonetos de Luís de Camões, as *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, de Eça de Queiroz, *Germinal*, de Émile Zola, etc., todos retirados às escondidas da biblioteca particular do tio Alfredo Brandão<sup>109</sup>.

Com quinze anos de idade, no intuito de cursar Farmácia na Escola de Farmácia do Recife, muda, mais uma vez, de cidade. Durante sua estadia no Recife (1912 –1914), inicialmente, morou sozinho em uma pequena pensão para estudantes, desfrutou de certa liberdade para fazer aquilo que realmente gostava, ou seja, o estudo das ciências naturais e da literatura. Valendo-se de suas próprias palavras: “Gozava de plena liberdade. Estudava intensa e apaixonadamente as ciências naturais. Aspirava a ser naturalista. Sentia a paixão mais ardente pela ciência e a literatura, a vida e a natureza”<sup>110</sup>. Além do mais, segundo nos informou:

---

<sup>106</sup> Nas memórias do poeta alagoano, Jorge Lima (1893 – 1953), um dos colegas mais próximos de Brandão, durante o período que estudou no Colégio dos Irmãos Maristas, descreveu a personalidade de Brandão da seguinte maneira: “[...] No seu temperamento, já naquela idade rebelado, não havia comodismo; e a sua coragente quase juventude me atraiu logo. Possuía uma puerilidade espantosa, profetizando auroras, e era secretamente digno. E esse digno revoltado com quem mantenho até hoje uma amizade perfeita, em 1912 já era ateu diante de meu espanto cristão”. LIMA, Jorge. Minhas memórias. In: OLIVEIRA, Guedes de. (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2005. p. 19.

<sup>107</sup> No dia 3 de janeiro de 1911, Brandão sofreu outra grande perda, o falecimento de seu pai. Conforme recordou em suas memórias, os últimos anos de vida de seu pai foram bastante difíceis, ficou cada vez mais pobre, perdeu o pouco que tinha. Quando faleceu, inclusive, foi enterrado envolto apenas com um lençol, devido à falta de recursos. O filho não conseguiu ir a tempo de se despedir do pai. O último encontro entre os dois foi quando Octávio partiu para estudar em Maceió, em 1909. Mais uma lembrança trágica na vida do adolescente. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 60.

<sup>108</sup> Segundo nos informou o próprio Brandão: “O tio Alfredo estimava o sobrinho. Auxiliou a formar-se em farmácia. Contribuiu para o seu desenvolvimento intelectual. Incentivou nele o gosto pelas ciências naturais. Desejava a felicidade do sobrinho, mas de acordo com suas concepções. Além disto, era seco, severo e ríspido. A tia Almerinda subestimava-me. O órfão, tão sensível, suscetível, levou uma adolescência triste, a rolar pelas casas dos parentes, sem carinho, sem ternura. Sentia amargamente a falta do amor materno”. *id. ibid.* p. 63.

<sup>109</sup> *id. ibid.* p. 66 – 67.

<sup>110</sup> *id. ibid.* p. 68.

Dei o primeiro passo libertador. Tornei-me partidário do *materialismo filosófico* – científico naturalista. Era o resultado de um lento processo que vinha desenvolvendo-se há tempos. Coloquei um primeiro marco na vida. Abri uma perspectiva. Comecei a forjar o próprio destino, em nome do materialismo filosófico. *Rompí* com o passado morto, com o misticismo católico, feudal e reacionário da Idade Média europeia – fruto exótico, estranho ao Brasil, *mercadoria* trazida da Europa pelos exploradores e opressores portugueses, escravistas e colonialistas.<sup>111</sup>

O materialismo filosófico e naturalista ao qual Brandão se referiu, trata-se, na verdade, de uma leitura realizada a partir da obra *Force et Matière: Édudes Populaires D’Histoire et De Philosophie Naturelles*, do médico, cientista-naturalista e filósofo alemão, Christian Ludwig Büchne (1824 – 1899). A primeira edição desta obra passou a circular no Brasil a partir do ano de 1869, posteriormente, tiveram várias edições, quase todas, traduzidas do francês. Ademais, a admiração pelas ideias de Büchne parece ter provocado à imaginação do jovem Brandão. Ingenuamente, passou a se ver como um lutador dos ideais humanistas, que pretendia libertar o povo brasileiro de suas crenças atrasadas e enraizadas desde os tempos da colonização portuguesa<sup>112</sup>. Seria também o libertador da colonização intelectual, uma vez que afirmou ter rompido com o pensamento colonizador europeu? Brandão parece não ter se dado conta de que o próprio materialismo, a base teórica que tanto aspirou encontrar, e que permitiu imaginar ser o grande libertador era, de fato, também uma “mercadoria” importada da Europa. Porém, apesar do enorme entusiasmo, não desenvolveu em nenhuma das três autobiografias, ou mesmo em outros materiais consultados, o que entendeu por este materialismo filosófico e naturalista de Büchne. Identificamos apenas algumas breves definições um tanto superficiais. A título de exemplo, reproduzimos abaixo um breve comentário apresentado em *A luta libertadora*:

Na época, sempre caluniavam o materialismo. Diziam que ele é sinônimo de animalidade. Pelo contrário, para mim, já em 1912, o materialismo era uma doutrina filosófica, uma concepção do mundo. Exigia e exige outro sistema de vida e uma nova moral, de amor ao Brasil e à humanidade, a

<sup>111</sup> *id. ibid.* p. 68.

<sup>112</sup> Em *O Caminho*, também foi possível observarmos o impacto provocado pelo materialismo de Büchne. A título de informação, é válido sublinhar que o personagem principal da obra de Brandão é conhecido por Dionísio (na verdade, trata-se do próprio Brandão), que procurou no materialismo a base teórica capaz de afastá-lo do irracionalismo. “Dionísio apaixonou-se pelo materialismo. Através da história universal, nas épocas e nos países mais diversos, ele procurou as raízes, os rebentos e os embriões do materialismo. Procurou-os: na Antiguidade grega, em Heráclito, Demócrito e Epicuro; na Antiguidade romana, em Lucrecio; na Renascença e nos séculos posteriores, em Bacon, Bruno e Spinoza; no século XVIII, em Diderot e d’Holbach; no século XIX, nas páginas de Darwin e dos outros naturalistas. O jovem tornou-se naturalista. Era a primeira brecha na muralha do passado. O primeiro passo libertador. A primeira subversão interior – reflexo dos cataclismos políticos e sociais, morais e intelectuais, que amadureciam”. BRANDÃO, Octávio. *O caminho*, op. cit., p. 148.

terra e ao cosmos, à vida e a luta, à ciência e a filosofia, à arte e a literatura. Portanto, o materialismo nada tem de comum com a animalidade.<sup>113</sup>

Brandão argumentou que por ter levado a adiante a função de divulgador do pensamento materialista de Büchne, no Recife e em Viçosa, passou a sofrer algumas conseqüências. A começar, entrou em choque com os valores conservadores da própria família, que era fundamentalmente católica<sup>114</sup>. Segundo informou, passou a viver em um enorme isolamento familiar. Sobre este período de sua vida, comentou que:

Nesse ambiente, a propaganda do materialismo filosófico tinha de suscitar choques e conflitos. A pressão social foi tremenda. Fiquei num isolamento doloroso durante cinco longos anos. A família do lado materno era clerical. Opô-se categoricamente a essa propaganda. A luta agravou-se depois de 1917. No final, os choques e conflitos complicaram-se de tal modo que só encontrei uma saída: partir para longe. Mas o desenvolvimento é a luta dos contrários.<sup>115</sup>

Segundo o autobiografado, contrariando os parentes mais próximos, procurou aprofundar suas leituras acerca do materialismo, dedicou-se na leitura de alguns autores materialistas da antiguidade clássica, tais como, Heráclito, Epicuro e Demócrito. Apesar do esforço, em *Combates e batalhas*, reconheceu suas deficiências no entendimento do materialismo. Forneceu-nos, de quebra, uma dimensão do contexto político daquela época:

Estudava sempre as ciências naturais. Era forte moralmente. Mas a base filosófica não era nem poderia ser sólida, segura, conseqüente. A base sociológica, débil. O ambiente social, moral e intelectual, muito atrasado. A família materna, extremamente hostil às novas idéias. A pressão social, permanente. As concepções suscitadas pelo materialismo científico naturalista de Darwin e Haeckel misturavam-se com os desvios causados pelo idealismo filosófico no terreno social. Apesar dessas falhas, a luta que travei a partir de 1912, teve um caráter avançado e progressista.<sup>116</sup>

Contextualizando esta questão do pensamento político brasileiro do início do século XX, conforme discutimos no capítulo anterior, desde as últimas décadas do século XIX, predominaram no Brasil uma corrente de pensamento conhecida vulgarmente pelo nome

<sup>113</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 14.

<sup>114</sup> O poeta Jorge Lima, um amigo pessoal de Brandão, atestou a quantidade de parentes na família Brandão que eram ligados diretamente a Igreja Católica: “Há na sua linhagem muita gente fiel à Igreja, magnificamente ao lado de Cristo: D. Antonio Brandão – primeiro bispo de Alagoas, D. Avelar Brandão – bispo de Petrolina, Pe. Eloy – diretor espiritual do Seminário de Maceió, Vigário Francisco de Borja Barros Loureiro, irmão de sua avó [...]”. LIMA, Jorge. *Minhas memórias*. In: OLIVEIRA, José Guedes. (org.). *Cartas de Octávio Brandão*: memória, op. cit., p. 19-20.

<sup>115</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 14.

<sup>116</sup> *id. ibid.* p. 71.

ecletismo<sup>117</sup>. De acordo com o filósofo João Cruz Costa, o ecletismo, consistiu em relacionar diversas vertentes político-filosóficas em um sistema de pensamento. É preciso considerar que esta corrente não foi um sintoma filosófico exclusivamente brasileiro. Em toda América latina a confusão foi generalizada. Mesmo na Europa, onde estes sistemas de pensamento foram produzidos, as fronteiras não se encontravam totalmente delimitadas. No Brasil, por exemplo, o positivismo e evolucionismo caminharam frequentemente juntos e influenciaram inúmeros pensadores<sup>118</sup>. Nesse sentido, estamos de acordo com Brandão, quando afirmou que o ambiente intelectual e político daquela época em Alagoas, bastante confuso, se constituíram em enormes obstáculos para o entendimento preciso do materialismo.

Obstinado, aspirou ser cientista naturalista, passou a estudar com fervor, física, química, biologia, botânica, mineralogia e geologia. Aprofundou suas leituras acerca de autores naturalistas clássicos, tais como, Darwin, Haeckel, Humboldt, Martius, Hartt e Branner. Na seqüência, leu também Ratzel, Ritter, Brunhes e Reclus. A partir da leitura destes autores, ficou claro que seria necessário ter uma base teórica mais sólida, bem como um conhecimento prático da “Natureza Viva Brasileira”. Com este intuito, tratou de montar um laboratório básico em sua residência e, empreendeu uma série de incursões nas matas do Recife. Na mesma época, acrescentou Brandão:

li com prazer os *Quadros da Natureza* de Humboldt. Estudei a vida, a obra e a luta de Tiradentes, Castro Alves e Euclides da Cunha. Admirei-os – para sempre. [...] mais ou menos em 1914, tirei da estante do tio Alfredo *Os Sertões de Euclides*. Devorei-o, rápida, febrilmente. Reli-o. Inebriei-me com seu conteúdo realista e romântico, com sua prosa agreste e selvagem. Impressão arrebatadora!<sup>119</sup>

A leitura destes autores provocou ainda mais o espírito inquieto de Brandão. O interesse de conhecer a fundo a natureza e, igualmente, a história do Brasil, parece que despertou neste instante. Ademais, conforme verificamos, a escrita realista de Euclides da Cunha, as ideias românticas de Castro Alves e os ideais progressistas e libertários de Tiradentes, passaram a ocupar uma posição de destaque em sua vida.

Como se observa, a literatura e o estudo das ciências naturais acabaram por se tornar as maiores paixões do jovem. As leituras e pesquisas realizadas no ano de 1914 ajudaram,

<sup>117</sup> De acordo com o filósofo brasileiro João Cruz Costa, o pensamento político-filosófico no Brasil do século XIX e início do XX, foi bastante influenciado por várias vertentes filosóficas e doutrinárias (francesa e germânica), tais como o evolucionismo, spencerismo e positivismo. COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 439-440.

<sup>118</sup> CARVALHO, José Maurício de. *Antologia do culturalismo brasileiro: um século de filosofia*. Londrina: CEFIL, 1998.

<sup>119</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 72.

inclusive, o seu tio Alfredo a concluir um capítulo do livro que escrevia sobre *A vida no engenho: Viçosa de Alagoas*<sup>120</sup>. Trata-se de um estudo pioneiro realizado por Alfredo, com a colaboração de Brandão, sobre as populações quilombolas que viviam nas proximidades de Viçosa durante o período da colonização portuguesa. O livro foi publicado, originalmente, no ano de 1914, posteriormente, foi reconhecido pelo sociólogo Gilberto Freyre, em *Casa-grande e senzala*<sup>121</sup>, como sendo uma obra ímpar para a época, por tratar aspectos tão preciosos e pouco conhecidos acerca da formação do povo brasileiro.

Outro aspecto fundamental que se destacou na trajetória de Brandão, o gosto pela poesia e pela literatura universal. Estas duas paixões o acompanharam a vida inteira. Brandão passou a ser um grande admirador dos pensadores da “[...] Índia Antiga, da Grécia Clássica e da Europa Moderna. Quais? Viasa, Valmiki e Kalidasa. Homero. Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Lucrécio e Virgílio. Shakespeare e Byron. Goethe e Heine. Lérmontov e Tolstói”<sup>122</sup>.

A literatura e a poesia o inspiraram sobretudo a escrever sobre a natureza e a cultura do povo brasileiro. Em 1914, procurou o diretor do *Jornal do Recife*, no intuito de publicar um estudo intitulado, “Aspectos pernambucanos nos fins do século XVI”. Este artigo foi publicado originalmente no dia 17 de maio de 1914, posteriormente, foi transcrito pela revista científica do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco. Esta atividade teve um valor imenso para Brandão. A esse respeito, comentou em suas memórias:

Nesse estudo, procurei descrever as paisagens naturais e as condições históricas, econômicas e sociais de Pernambuco na época. Prenúncio do rumo que o autor seguiria, marcou *o início* de sua atividade propriamente literária e científica. Foi o começo da primeira etapa do desenvolvimento dessa atividade que se prolongou até 1917 e se caracterizou por uma série de estudos de caráter nacional – sobre a História Nacional, a Geografia, a Literatura e a História do Brasil.<sup>123</sup>

No mesmo ano, por intermédio do jornalista Mário Melo, que acabou conhecendo durante as visitas frequentes que realizou no Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, conseguiu publicar um soneto sobre “A Morte de Zumbi” no *Diário de*

<sup>120</sup> Estamos nos referindo à seguinte obra: BRANDÃO, Alfredo. *A vida no engenho: Viçosa de Alagoas*. Recife: Imprensa Industrial, 1914.

<sup>121</sup> Em uma nota de pé de página, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, citou uma passagem da obra de Alfredo Brandão, *A vida no engenho*, no intuito de demonstrar as origens da formação patriarcal no Brasil colônia. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 130.

<sup>122</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 16.

<sup>123</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 75.

*Pernambuco*, a matéria saiu no dia 8 de outubro. Trata-se de uma apologia ao espírito combativo do líder de Palmares.

Em dezembro de 1914, após três anos de estudo, como pré-requisito para sua formação superior em Farmácia<sup>124</sup>, apresentou um estudo acerca das propriedades curativas da erva-cidreira. No início de 1915, pegou um trem e partiu de Recife para sua cidade natal. Foi morar, por um tempo, na casa do tio materno, o Dr. Manoel Brandão, um médico que o acolheu bem e lhe deu um emprego provisório em sua farmácia. O retorno a Viçosa durou pouco tempo, no mesmo ano, mudou-se, pela segunda vez, para Maceió.

A vida na capital alagoana (1915 – 1919) foi, de fato, bastante intensa e decisiva para o futuro do jovem. A solidão e a falta que a mãe fazia voltaram a incomodar. Chegou, inclusive, a publicar em um jornal da capital, uma pequena poesia, “Lamento Filial”, onde descreveu a angústia que sentiu naquele momento de mudança.

O objetivando procurar um meio decente de ganhar a vida, com um empréstimo tomado junto ao tio Dr. Manoel Brandão, montou uma pequena farmácia no bairro Levada, numa região periférica da capital alagoana; deu o nome ao estabelecimento de *Farmácia Pasteur*, um pedido feito por seu tio (tempos mais tarde, confessou que colocou este nome, a contragosto, apenas para respeitar o pedido do tio). Durante este período de sua vida, recordou o autobiografado:

Trabalhava como farmacêutico, prático e enfermeiro, das sete da manhã às 10 da noite. Estudava patologia e terapêutica. [...] Na pequena farmácia, passei a conviver com os habitantes do bairro da Levada, com pescadores, canoieiros e lavradores pobres da região dos canais e das lagoas. Visitei-os. Tive a visão trágica e terrível da Realidade Brasileira: a miséria e o abandono do nosso povo.<sup>125</sup>

Comentou que a experiência de possuir um estabelecimento comercial em um bairro demasiadamente pobre e precário, habitado por pessoas humildes, com pouco acesso à educação e saúde, o ajudou a compreender o abandono por parte do Estado, bem como o desrespeito para com o povo pobre da periferia de uma grande cidade brasileira. Esta experiência reforçou ainda mais o espírito já inquieto e rebelde do jovem farmacêutico, cientista e escritor. Ressaltou que apesar de todo o trabalho que inevitavelmente consumiu a

<sup>124</sup> Fundada em maio de 1903, a Escola de Farmácia de Pernambuco, foi a primeira instituição de nível superior do Estado de Pernambuco. Na década de 1940, da mesma forma como ocorreu com outros cursos tradicionais da cidade, o Curso de Farmácia passou a fazer parte da Universidade do Recife - UR. Em 1958, por decreto da Câmara Federal (Lei nº. 3.401) adquiriu o título de unidade autônoma, passando a se chamar Faculdade de Farmácia da Universidade do Recife.

[http://www.ufpe.br/dcfar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=306&Itemid=238](http://www.ufpe.br/dcfar/index.php?option=com_content&view=article&id=306&Itemid=238)

<sup>125</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 82.

maior parte do seu tempo, não deixou de lado a dedicação pela literatura. No ano de 1915, por exemplo, colaborou com o *Jornal de Alagoas*, onde publicou uma série de artigos em forma de versos e poesias exaltando a terra natal, as riquezas do território brasileiro e, sobretudo, a libertação do homem. Posteriormente, esses artigos foram reunidos e acabaram se transformando em livro<sup>126</sup>. Como verificamos, foram inúmeros estudos produzidos e publicados na imprensa alagoana daquela época, a atividade literária foi realmente intensa.

Neste mesmo período, realizou uma significativa crítica aos intelectuais de sua época. Empolgado pelos ideais românticos de Castro Alves e pelo realismo crítico de Euclides da Cunha, provocou-os afirmando que os pensadores brasileiros, em geral: “Menosprezavam Alagoas e o Brasil. Abstraíam-se dos problemas sociais, nacionais e internacionais. Nada tinham de *realistas*, isto é, não partiam da realidade viva, concreta, palpitante, em perene movimento, desenvolvimento e transformação”<sup>127</sup>. Acrescentou que os intelectuais, em geral, não tinham uma percepção correta da história, estavam enfeitiçados com uma noção artificial, aliás, muito distante da realidade.

Entendemos que Brandão não pretendeu, com esse discurso, desestimular o estudo sobre a história européia, muito pelo contrário, apenas procurou alertar nossos artistas e intelectuais para algumas deficiências. A primeira, a visão superficial e utópica acerca das civilizações européias; a segunda, a necessidade de conhecer a fundo as riquezas e toda a complexidade de nossa história. Atribuiu as incompreensões por parte dos intelectuais ao lugar social que pertenciam, ou seja, em sua imensa maioria, integrantes das classes dominantes, reprodutores de uma ideologia burguesa. Citou como exemplo, para reforçar seu ponto de vista, a Grande Guerra Mundial de 1914-1918. Segundo nos informou mesmo sem entender em profundidade as origens e os reais interesses presentes no conflito, os intelectuais brasileiros apoiaram cegamente os Aliados, ou seja, o imperialismo anglo-francês. O fragmento abaixo, retirado de sua autobiografia *Combates e batalhas*, explicitou bem esta questão a qual nos referimos:

Esses intelectuais estavam ligados às duas classes dominantes – aos grandes proprietários rurais e à grande burguesia, como instrumentos delas. Afundavam em decadência profunda. Eram partidários dos Aliados, a *Étente*. Sustentaram, pois, o imperialismo anglo-francês na guerra injusta, de rapina, de 1914-1918. Escreviam versinhos cheios de languidez e melancolia. Cantavam o *angelus* e o crepúsculo, o outono e as folhas secas

<sup>126</sup> Estamos nos referindo ao segundo volume organizado pela filha de Brandão Dionysa Brandão Rocha, intitulado, *Forças encandeadas*. Para melhores informações, consultar a obra: ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Octávio Brandão - Forças encandeadas II* (poesias). Rio de Janeiro: s/ed., 1996.

<sup>127</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. p. 84.

ao vento. Voltavam-se para a Europa burguesa, e não para o Brasil. Inebriavam-se com o perfume dos canais apodrecidos de Veneza e o langor de Bruges a Morta. Eram decadentes. Tinham nostalgia de outras eras. Sonhavam com as catedrais da Idade Média. Desejavam ser trovadores e paladinos medievais, suspirar e morrer por uma linda e loura castelã.<sup>128</sup>

Não entendemos estas críticas como sendo caracterizados por um sentimento de nacionalismo estúpido e sem fundamento, nos pareceu ser mais um desejo inovador, por parte de Brandão, no intuito de compreender a dinâmica da história numa dimensão mais ampla, e mais complexa. Sem embargo, exigiu que levassem em consideração as especificidades dos eventos, bem como a importância de se estudar a fundo a história do Brasil a partir de uma óptica menos conservadora, menos europeizada.

Em suas memórias, argumentou que estabeleceu uma ruptura com esta forma de se pensar o Brasil com o livro *Canais e lagoas*<sup>129</sup>, no ano de 1916. Depois de certo grau de amadurecimento teórico e, igualmente, de uma série de excursões pelo território alagoano (conforme descreveu percorreu mais de 1.500 km, sendo que mais da metade do percurso caminhou a pé), entrou em contato com o verdadeiro Brasil. Constatou na prática os costumes, as riquezas, as desgraças, a vida e a história do povo brasileiro. Sobre a importância destas viagens, assinalou:

Era, então, um adolescente. Ainda não tinha 20 anos de idade. E tracei várias finalidades. Quais? Procurei descobrir as riquezas naturais em geral e indícios de petróleo em particular. Tratei de conhecer diretamente a terra e o homem trabalhador, pesquisei a Natureza Viva, o Povo e a História. Coligi materiais folclóricos, investiguei e formação e o desenvolvimento da terra. Observei as condições de vida e o trabalho das populações. Convivi estreita e fraternalmente com pescadores, canoeiros e lavradores pobres. [...] As condições de vida dos trabalhadores causaram-me um abalo profundo. Fiquei impressionado diante do contraste: a riqueza da terra e a miséria das populações.<sup>130</sup>

O enorme esforço físico despendido durante estas viagens rendeu ao jovem cientista algumas moléstias. Contraiu paludismo e enterite (doenças comuns naquela época), estas enfermidades o incomodaram por um longo período. Entretanto, o saldo destas excursões foi

<sup>128</sup> *id. ibid.* p. 84.

<sup>129</sup> Trata-se de uma obra de ciências naturais, escrita numa linguagem poética e romântica. Contemplou diversos aspectos do conhecimento humano, tais como a geografia, a botânica, a mineralogia, a riqueza da terra, os problemas humanos, etc. O primeiro volume de *Canais e lagoas* foi escrito no mês de novembro de 1916 e, concluído, em outubro de 1917, na cidade de Maceió. Entretanto, só foi publicado no ano de 1919, pela editora Jacintho Ribeiro dos Santos, na cidade do Rio de Janeiro. Já o segundo volume, concluído em 1918, continuou inédito, assim como o terceiro de 1960. BRANDÃO, Octávio. *Canais e lagoas: a poesia da terra brasileira, as riquezas naturais de Alagoas e aspectos sociais do Nordeste*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

<sup>130</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 19.

muito positivo para Brandão. Atestamos que o jovem ganhou uma razoável notoriedade entre alguns importantes intelectuais da época, devido à originalidade do trabalho desenvolvido. Para justificar tal reconhecimento, Brandão citou, a título de exemplo, algumas atividades realizadas em decorrência dos resultados da referida pesquisa.

No ano de 1917, realizou três conferências em Maceió objetivando divulgar os resultados de suas investigações. A primeira ocorreu na ocasião das comemorações do aniversário da Constituição republicana brasileira, no dia 24 de fevereiro de 1917, no Teatro Marechal Deodoro. O tema exposto por Brandão foi publicado na revista *Pirausta*, que era dirigida por seu tio, o professor Moreno Brandão. É válido registrar que os detalhes e o conteúdo apresentado por Brandão nesta primeira conferência não foram reproduzidos em sua autobiografia.

A segunda, a que nos pareceu mais significativa de todas, homenageou a figura de Cristóvão Colombo, ocorreu no dia 12 de outubro de 1917, no Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas. De acordo com Brandão, contou com um público bastante diverso, intelectuais e homens do povo, em bom número. Brandão discorreu acerca da formação geológica do território alagoano, defendeu a existência de petróleo, bem como outros minerais importantes naquela região<sup>131</sup>. Em síntese, o jovem cientista comentou que se tornou, desde 1917, o pioneiro na defesa da existência de petróleo no território brasileiro<sup>132</sup>. O conteúdo discutido por Brandão foi publicado no *Jornal do Comércio* no em outubro de 1917. Posteriormente, reproduzido em forma de brochura, em janeiro de 1918, com o seguinte título: *A mineralogia e a geologia dos canais e das lagoas*. Esta conferência, em especial, parece que teve um sentido diferente para o jovem, pois, procurou demonstrar que havia também superado certas deficiências na interpretação do método do materialismo científico e naturalista.

---

<sup>131</sup> Brandão salientou o pioneirismo na defesa do petróleo nas proximidades dos canais e das lagoas no estado de Alagoas. Argumentou ainda que, todas aquelas regiões descritas por ele, décadas depois, se confirmaram à existência de petróleo. Valendo-se de suas recordações: “[...] A conferência de 1917 e o livro Canais e Lagoas fizeram previsões científicas que foram confirmadas, dezenas de anos depois. [...] indiquei o Riacho Doce, no município de Maceió, como zona petrolífera. Na Ponta Verde, vizinha do Riacho Doce, também no município de Maceió, a Petrobrás fez uma perfuração e o petróleo jorrou produzindo 15 mil barris em 24 horas. Igualmente, no município de Maceió, o Tabuleiro do Martins é vizinho das zonas mencionadas na conferência de 1917 e no Livro Canais e Lagoas. Nêsse Tabuleiro, os poços perfurados pela Petrobrás produziram milhares de barris. Portanto, a realidade confirmou plenamente as previsões científicas de 1917”. *id. ibid.* p. 22.

<sup>132</sup> Para o historiador e jornalista Jayme de Altavila (1895 – 1970), em sua obra, *História da civilização das Alagoas*, um estudo publicado originalmente no ano de 1933, em Maceió, os pioneiros na defesa do petróleo em Alagoas foram, José Bach e Edson Carvalho. Segundo argumentou Altavila: “Não foi a PETROBRÁS, contudo, a pioneira nas Alagoas, no que se refere a pesquisas e explorações petrolíferas. A láurea, por uma questão de justiça, deve ser repartida entre o Dr. José Bach, geólogo alemão e o engenheiro alagoano Edson de Carvalho”. ALTAVILA, Jayme de. *História da civilização das Alagoas*, 5ª. Ed. Alagoas: Imprensa Oficial Alagoas, 1967. p. 82. Apesar do fato de serem contemporâneos e viverem na mesma cidade, é interessante notar que não encontramos na obra de Altavila nenhuma referência ao jovem Octávio Brandão.

Por fim, a terceira ocorreu no dia 13 de março de 1918, no espaço cedido pela Sociedade Perseverança e Auxílio, uma entidade voltada para empregados do comércio da capital alagoana. Parece que a fala de Brandão girou em torno dos problemas sociais existentes no Brasil, principalmente, no que se refere à distribuição de terras. Em suas memórias, demasiadamente empolgado com os resultados obtidos nessas conferências, se auto-intitulou o pioneiro na investigação empírica das Ciências Naturais no Brasil.

Em conformidade com o que foi descrito em suas três autobiografias, atestamos que diversos pensadores entraram em contato com a pesquisa realizada por Brandão, em *Canais e Lagoas*. Citamos como exemplo, dois casos que chamaram nossa atenção. O primeiro, os elogios do diretor da Universidade de Stanford, o professor estadunidense John Casper Branner (1850 – 1922), um dos fundadores da geologia no Brasil. No mês de março de 1918, além de agradecer o recebimento do livro enviando por Brandão, aproveitou a ocasião para elogiar o trabalho:

Recebi e li com muito prazer o exemplar da sua conferência sobre mineralogia e geologia dos CANAIS e das LAGOAS. Estimo muito que meu amigo tivesse a coragem e a paciência de fazer aquelas excursões e de andar a pé uma tal distância estudando o terreno. Na síntese do seu trabalho, as generalizações são importantes e indispensáveis para o desenvolvimento do país. Desejo a Octavio Brandão bom êxito nestes estudos importantes e altruísticos que está fazendo e que, mais dia menos dia, serão de grande utilidade para o Estado de Alagoas.<sup>133</sup>

O segundo foi mais interessante ainda trata-se das críticas do historiador José Francisco da Rocha Pombo (1857 – 1933), escritas também em março de 1918. Rocha Pombo identificou a pesquisa de Brandão da seguinte maneira: “Sua conferência sobre os canais e as lagoas foi para mim um como incêndio. Sente-se que Octávio Brandão tem coisas imensas a dizer-nos e quer dizer tudo de uma vez e num momento. Tudo isso fala pelo esplendor e pela suntuosidade do seu espírito”<sup>134</sup>. Além do mais, a admiração ainda lhe rendeu um comentário precioso no livro *Notas de Viagem: Norte do Brazil*:

Uma visita que me causou grata surpresa foi a do Sr. Octávio Brandão, um jovem de 21 annos e já espírito forte e de rara erudição, sobretudo em sciencias naturaes e em história. É um caso singular. Tem elle planeado uma obra, da qual já se pode ter idéia pela disposição logica do schema de que me offereceu uma copia. Espero ter ensejo mais opportuno de occupar-me desde moço intelligencia lucidissima, e dispondo de recursos de

<sup>133</sup> CASPER, John Branner. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.l.d. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 116.

<sup>134</sup> POMBO, Francisco da Rocha. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.l.d. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 116.

expressão admiráveis na sua idade. Offereceu-me também o Sr. Octávio Brandão um livro sobre assumpto historico, e da lavra do dr. Alfredo Brandão. Mal tive tempo, durante a viagem de passar-lhe os olhos de relance; mas bastou isso para convencer-me de que estava em presença de um autor que não se sabe como não tem grande nome no nosso mundo intellectual. Havemos de ver em tempo o que é o livro a que alludimos.<sup>135</sup>

No mês de junho de 1918, com 22 anos de idade, concluiu o segundo volume de *Canais e Lagoas*. Este livro, segundo assinalou o próprio autor, sofreu fortes influências do pensamento de Darwin, Humboldt e Euclides da Cunha. O texto foi inteiramente escrito de maneira poética, versaram sobre a natureza nordestina, mais especificamente, a geografia e a botânica da região, porém, sem perder de vista os aspectos sociais.

O reconhecimento do potencial intelectual do jovem cientista alagoano não demorou a se manifestar<sup>136</sup>. No mesmo ano, foi convidado para ministrar algumas aulas de História Natural pela Academia de Ciências Comerciais de Alagoas. Inovou, de certa maneira, o método de ensino daquela época ao incentivar os alunos a prática da pesquisa de campo. A esse respeito, acrescentou:

Iniciei as aulas. Tomei uma iniciativa de importância teórica, prática e pedagógica. Aos domingos, com os alunos, rapazes e moças fizeram excursões pelos arredores de Maceió, a fim de estudar com eles, direta, teórica e praticamente a *Natureza Viva*, investigar os minerais, os vegetais e os animais encontrados.<sup>137</sup>

Estas viagens, cada vez mais frequentes, realizadas na companhia dos alunos foi, por um lado, no intuito de incentivar a pesquisa empírica, pouco praticada no Brasil daquela época. E, por outro lado, objetivaram apresentar aspectos da realidade social do povo brasileiro, as condições de vida do homem simples. Em síntese, houve uma grande preocupação por parte do professor em ensinar aos alunos valores humanísticos. Esta percepção foi posteriormente descrita por Astrojildo Pereira, em um artigo publicado na *Revista A.B.C*, do Rio de Janeiro, no ano de 1918, da seguinte maneira: “Nos dias

<sup>135</sup> POMBO, Francisco da Rocha. *Notas de Viagem: Norte do Brazil*. Rio de Janeiro: Benjamin Aguilã editor, 1918. p. 77 – 78.

<sup>136</sup> O militante do movimento operário da cidade do Rio de Janeiro, Astrojildo Pereira, reconheceu a importância de *Canais e lagoas*, bem como a originalidade do pensamento de Octávio Brandão. Em um artigo publicado no jornal socialista *Spártacus*, no dia 18 de outubro de 1919, escreveu o seguinte comentário: “Obra de sábio e de poeta, e fruto dum tremendo e agoniado esforço, o livro *Canais e lagoas* está acima dos fáceis elogios banais, revelador que é de uma das mais fortes e características mentalidades do Brasil novo”. PEREIRA, Astrojildo. Spártacus. 18.09.1919. Rio de Janeiro. Palavras de Astrojildo Pereira. Coletânea de manifestações na imprensa, de 1918 – 1928. s.l.d. 1 p. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. p. 116.

<sup>137</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 100.

amargurados do presente, ressuscita um jovem Platão, repleto de idéias nobres, de beleza e entusiasmo”<sup>138</sup>.

---

<sup>138</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Revista A.B.C.* Rio de Janeiro. 21.08.1918.



FIGURA 1: Octavio e a irmã (única) Mariinha em 1908, Alagoas.

*Coleção particular pertencente à Dionysa Brandão Rocha*

## 2. 2 Lutas e ideias políticas: o encontro entre Octávio Brandão e o incipiente movimento operário alagoano (1917 – 1919)

Em 1917, com 21 anos de idade, o jovem cientista, farmacêutico e escritor passou a fazer parte, de maneira mais intensa do cenário político alagoano, conforme veremos mais adiante. Esse foi um período bastante agitado de sua vida. Em 1918, por exemplo, pela primeira vez, entrou em contato direto com o movimento operário alagoano, um encontro ininterrupto a partir de então. Ainda no mesmo ano, passou, pela primeira vez, a se autodenominar socialista. Sobre esta fase fundamental de transição em sua vida, recordou tempos depois, em sua autobiografia, que naquele período:

Era um revoltado. Inquebrantável. Sofria as dores da pátria e da Humanidade como dores íntimas, desgostos pessoais. Em Maceió, em 1917-1919, vivi uma vida tensa e intensa. No terreno da luta social, refletiu-se nas páginas da epopéia brasileira *O Caminho*. Eu procurava o Caminho – a estrada da libertação do povo brasileiro. A marcha era lenta, difícil, dolorosa.<sup>139</sup>

Tomar partido em prol da causa dos trabalhadores, bem como posicionar-se a serviço de sua libertação foi uma decisão tomada diante das enormes contradições existentes em uma região absolutamente desigual. A esse respeito, argumentou: “[...] Vi a opressão geral. Pensei: – como gastar tempo a estudar a Terra, quando o trabalhador é um escravo? Como combater pela emancipação dos trabalhadores? Agravei a *ruptura* com a sociedade dominante. Comecei a fazer a *revisão* de muitos valores – sociais, históricos, nacionais e internacionais”<sup>140</sup>. Não nos restam dúvidas alguma de que o lugar social que se encontrava inserido contribuiu, decisivamente, para tal posicionamento. Na epopéia, *O Caminho*<sup>141</sup>, uma espécie de romance-memória, publicado na década de 1950<sup>142</sup>, foi possível identificar o momento transitório ao qual Brandão se referiu:

<sup>139</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 112.

<sup>140</sup> *id. ibid.* p. 112.

<sup>141</sup> Conforme comentamos anteriormente, trata-se do primeiro livro de memórias que Brandão escreveu. O professor Paschoal Lemme realizou o seguinte comentário sobre a importância desta obra para a juventude brasileira em geral: “Octávio Brandão tornou-se pioneiro absoluto na luta pelo reconhecimento da existência de petróleo no Brasil há mais de 40 anos. [...] *O Caminho* de Octávio Brandão é um livro profundamente educativo porque nos dá uma visão clara das lutas ásperas do povo brasileiro por sua emancipação e aponta aos jovens o justo ‘caminho’ de sua participação nessas lutas”. LEMME, Paschoal. Opiniões. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.l.d. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 116.

<sup>142</sup> O autor informou acerca do significado e do contexto da elaboração do seu livro: “‘O Caminho’ é uma exaltação do Povo Brasileiro, o painel social de uma zona do Nordeste e uma tentativa de aplicação do Realismo na arte e na literatura. Tem como ponto de partida a Realidade – sentida e sofrida, pensada e vivida. Aspira a orientar-se pelos ensinamentos dos imortais pensadores avançados e progressistas da nossa época: Lênin e Stálin.

E, assim, em Maceió, em 1917, Dionísio Gravatá, o Revoltado – inimigo da guerra e do militarismo –, deu um novo passo à frente, o 2º passo libertador: aderiu ao movimento operário. Era uma adesão de corpo e alma! A Grande Batalha recomeçava. Quando terminaria? Com a vitória final, definitiva! O Revoltado não tinha consciência clara do papel histórico da classe operária. Não o poderia ter. Mas amava os operários. Sentiu-se atraído por eles. Desejava servi-los. Dedicava-lhes os pensamentos e os sentimentos.<sup>143</sup>

O engajamento político se intensificou em 1917, a partir do seu posicionamento crítico a respeito da Primeira Grande Guerra Mundial<sup>144</sup>, a qual denominou: uma guerra imperialista. Durante aquele período, conheceu o artesão e tipógrafo anarquista Antônio Bernardo Canellas (1898 – 1936), um importante dirigente do jornal *A Semana Social*. Esse jornal, inclusive, publicou uma série de artigos denunciando os interesses imperialistas presente na guerra. Porém, naquele contexto, para Brandão, tanto a guerra mundial quanto o imperialismo europeu, não eram tão evidentes, pelo contrário, tratava-se apenas de noções superficiais e imprecisas. Conforme confessou posteriormente, naquela altura, não tinha adquirido plena consciência dos interesses predominantes no conflito. A esse respeito, recordou Brandão:

Dionísio não compreendia o que era imperialismo. Não compreendia o caráter profundo e complexo da guerra. Não tinha a consciência clara dos acontecimentos nacionais. Mas, ao lado dos operários de Alagoas, participou corajosamente do protesto contra a adesão do Brasil à chacina mundial. Então, por toda parte, Dionísio bradava: - Abaixo a guerra! Abaixo o militarismo!<sup>145</sup>

A falta de conhecimento da conjuntura histórica internacional não o afastou das agitações populares, ocorridas em novembro de 1917. Em um artigo bastante acalorado publicado no Jornal *A Semana Social*, logo após o posicionamento do Brasil ao lado da *Entente*<sup>146</sup>, prevendo possíveis retaliações por parte de alguns setores conservadores e

---

[...] Foi sentida, pensada e vivida, no meio de lutas, numa série de lugares: no Nordeste do Brasil; no Rio de Janeiro e arredores; por sobre as vagas do Oceano Atlântico, na viagem do Rio de Janeiro ao porto de Bremen, na Alemanha, em 1931; por entre as ruas do Quartier Latin, à sombra das árvores do jardim do Luxemburgo e nos passeios pelos cais desertos do rio Sena, em Paris, em 1937”. BRANDÃO, Octávio. *O caminho*, op.cit., p. 15.

<sup>143</sup> *id. ibid.* p. 276 – 277.

<sup>144</sup> Brandão comentou que no início do Conflito Mundial, ainda quando residia no Recife, não teve condições de compreender o sentido da guerra tampouco os verdadeiros interesses em jogo. A esse respeito justificou: “O mundo capitalista dividiu-se em aliadófilos e germanófilos. No Recife, Dionísio não podia compreender o sentido profundo da guerra. Entretanto, sentia que não se tratava de uma causa justa. Assim, não se decidiu por um campo nem pelo outro. Considerava-se à margem de uma guerra semelhante. Nem aliadófilo, nem germanófilo”. *id. ibid.* p. 252.

<sup>145</sup> *id. ibid.* p. 279.

<sup>146</sup> Como é sabido, o Brasil não chegou, efetivamente, a participar da Grande Guerra Mundial de 1914-1918, porém, durante o Governo do presidente Wenceslau Brás, em junho de 1917, mostrou-se solidário aos países da Tríplice Entente (Estados Unidos, Inglaterra e França). VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

favoráveis a guerra, Brandão e Canelas deixaram Maceió por um tempo, foram para o interior de Alagoas.

Canellas que havia retornado antes do previsto para Maceió, no dia seguinte, se deparou com um enorme tumulto nas proximidades do jornal, os defensores da guerra, segundo Brandão: “Gritavam furiosamente: – Matar Canelas ‘espião boche’! Quebrar as costelas de Octávio Brandão!”<sup>147</sup>. Canellas escapou por pouco dos ataques raivosos da multidão, teve, inclusive, que mudar de Estado. Porém, seu jornal não teve a mesma sorte, pouco tempo depois, foi fechado pelas autoridades locais. Conforme verificamos, esse episódio marcou, de certa forma, a entrada de Brandão no cenário anarquista alagoano<sup>148</sup>. Neste mesmo período, ainda refugiado na fazenda da Quinta do Paraíso, na casa de sua irmã Mariinha, teve notícias da revolução que estourou a pouco na Rússia, mesmo sem compreender direito o que se passava, imediatamente encheu-se de entusiasmo. Acerca dessas primeiras impressões provocadas pela Revolução Russa em seu pensamento, recordou em *Combates e batalhas* o autobiografado:

Fiquei sério, pensativo, impressionado. Que seria? Como compreender a revolução socialista? Qual a sua significação profunda e complexa? Na época, não tinha condições para compreender a significação profunda da obra de Lênin. De qualquer forma, tomei a decisão de consagrar a própria vida à luta pelos direitos do povo brasileiro em geral e dos operários em particular. E recomecei a batalha – dura, difícil, desigual. Enchi-me de coragem moral. Já tinha renunciado a qualquer esforço pelo dinheiro, as vaidades e honrarias. Tratei de adquirir sangue-frio, serenidade e *endurance* – a capacidade ilimitada de resistência.<sup>149</sup>

Apesar da enorme admiração despertada pela Revolução de Outubro, não obteve, naquele período, informações significativas do que se passava na Rússia. A esse respeito, justificou: “Em Maceió, em 1917 – 1919, o ambiente era muito atrasado. Procurei livros e

<sup>147</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 114.

<sup>148</sup> Em uma entrevista que concedeu ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no dia 15 de janeiro de 1977, perguntado como entrou em contato com as idéias anarquistas, respondeu: “[...] Em Maceió, houve um tipógrafo, Antônio Bernardo Canelas. Ele era tipógrafo, jornalista, tudo. Ele editou o jornal A Semana Social, em Maceió. Ele não estudava. Acreditava demais na própria intuição, mas era muito inteligente. Tinha antenas; pegava as coisas no ar. Canelas editou esse jornal. Esse jornal teve muita importância, porque, quando o governo declarou guerra à Alemanha, A Semana Social botou lá a manchete: "Abaixo a guerra imperialista." Somente Maceió, Rio e São Paulo é que protestaram contra a guerra. A esmagadora maioria dos intelectuais: Rui Barbosa, Coelho Neto, toda essa gente apoiando os Aliados contra os alemães. E nós contra os Aliados e contra os alemães, de modo que foi um coisa impressionante. E Canelas tinha amizade com Astrojildo Pereira, aqui no Rio de Janeiro. Astrojildo morava em Niterói, a correspondência vinha para o Rio de Janeiro. Então, Astrojildo começou a dar indicações. Aí eu li Bakunin, Deus e o Estado; li Kropotkin, A conquista do pão; li Sebastião Faure; li Malatesta. O que encontrei, fui lendo”. REGO, Octávio Brandão. *Octávio Brandão (Depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993. 139 p. dat.

<sup>149</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 115.

peessoas que me orientassem sobre os problemas sociais, Lênin, o marxismo e a revolução socialista na Rússia”<sup>150</sup>. Nada de importante foi encontrado. Ainda assim, conforme verificamos, as primeiras impressões foram arrebatadores para o jovem Brandão. Mais uma vez, recorremos aos relatos contidos em *O Caminho*:

Atraído pela Revolução Socialista de Outubro, Dionísio tomou uma decisão: dedicar a própria vida aos operários e ao povo, lutar contra a miséria e as injustiças sociais. Tomou um caderno de notas e escreveu: Maceió, 1º de dezembro de 1917: Para mim, a vida é um dever a cumprir, uma vocação a desenvolver e um ideal a realizar. 6 de dezembro de 1917: Precisaréi ir de cidade em cidade, de povo em povo, de nação em nação, a espalhar minhas idéias de libertação humana. 14 de dezembro de 1917: Sinto um desejo profundo de proclamar Revolta no seio do meu povo, elevá-lo da miséria em que vive.<sup>151</sup>

De volta a Maceió, se concentrou, mais uma vez, na atividade literária e poética. Chegou, inclusive, a publicar um estudo em defesa de uma literatura e arte nacional. No dia 01 de junho de 1918, saiu publicado pelo *Jornal do Comércio* de Maceió, uma crítica ao poeta alagoano Silva Barros, intitulada “Um evadido da realidade”<sup>152</sup>.

Nesse estudo, o autor procurou demonstrar alguns graves problemas sociais existentes no Brasil, tais como, a pobreza desmedida do povo, os latifúndios, a opressão praticada pelos grandes fazendeiros, bem como a falta de uma literatura genuinamente brasileira, que representasse, de fato, o verdadeiro Brasil. Em sua autobiografia reproduziu alguns trechos importantes do artigo:

Tomo a liberdade de recomendar, entre os grandes filões, os assuntos regionais e sociais. Certo que daria um belo poema cantar na prosa ou no verso a vida do nosso trabalhador de enxada. Certo que dariam admiráveis poemas: a narração dos sofrimentos do nosso povo; a vida infernal dos tiradores e das vendedoras de sururu; as febres malignas que atacam os tiradores de caranguejo; a luta dos trabalhadores humildes pela posse de um quinhão de terra; a agonia do lavrador quando, a sua roça em pela floração, vêm às cabras, os bois do vizinho poderoso que estraga, destrói ou toma para si o fruto de tanto amor e tanto labor, e ainda por cima expulsa o verdadeiro dono; a luta dos pescadores contra os rojões das lagoas; a luta dos praieiros contra as maretas no alto mar. Precisamos entrar numa fase genuinamente nacional.<sup>153</sup>

<sup>150</sup> *id. ibid.* p. 124.

<sup>151</sup> BRANDÃO, Octávio. *O caminho*, op. cit. p. 285.

<sup>152</sup> BRANDÃO, Octávio. Um evadido da realidade. In: BRANDÃO, Octávio. Por uma literatura social e nacional. Artigo enviado ao jornalista Arnaldo Jambo. [datilografado]. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. O.B. 1196. Pm 163, P 70.

<sup>153</sup> *id. ibid.* p. 03.

No mesmo artigo, chamou ainda a atenção dos artistas e intelectuais alagoanos, para as riquezas naturais e humanas da região. A esse respeito, assinalou:

Há tempos, anunciou-se aqui, em Maceió, uma exposição de pintura e, indo vê-la, *não encontrei um único quadro alagoano*. E isto no meio de 109 painéis! Tudo era cópia, arranjo, ampliação de baboseiras européias. Que tristeza! Todas as almas que pintaram aqueles 109 painéis andavam afastadas da nossa natureza. Tinham olhos, mas não viam a beleza, o esplendor que cercava. E se viam, achavam que era mais cômodo copiar do que sair pelas matas, tabuleiros, lagoas, a pintar telas *realistas* e regionais. *Precisamos exaltar pela pena e pelo pincel a nossa Natureza estupenda, e não sermos uns estranhos em nossa terra, uns filhos sem pátria, enlevados pelas cousas do estrangeiro. Precisamos elevar um monumento literário e científico, e outro monumento pictural, à grandeza da Pátria.*<sup>154</sup>

Na ocasião, aproveitou para denunciar a precária condição de vida dos trabalhadores paupérrimos do campo, em geral, bastante oprimidos pelos grandes latifundiários. Chegou, até mesmo, a esboçar uma discussão acerca da Reforma Agrária. Mais uma vez, procurou sensibilizar os intelectuais e artistas, convocando-os para um engajamento político e cultural a favor do povo brasileiro:

Apelo, portanto, para a mocidade literária: ela tem compreensão do momento atual; deve saber que existem por aí milhões de nossos patrícios, nossos irmãos, que não têm um pedaço de terra. Pois que ela entre numa campanha bendita para conceder o pão, a terra, o lar a essas pobres almas. O momento é decisivo, é supremo. A nossa cruzada de ter apenas dois fins: A Redenção da Terra e a Redenção do Homem.<sup>155</sup>

Conforme se observou, “Um evadido da realidade” foi, na verdade, um manifesto<sup>156</sup> original e inovador em defesa dos valores culturais e nacionais, destinado à intelectualidade alagoana e, igualmente, a brasileira como um todo. Não seria nenhum exagero supor que, com este artigo de 1918, Brandão desenvolveu, ainda que de maneira bastante incipiente, sua primeira definição acerca da função social do intelectual na sociedade.

Sem pretendermos enquadrá-lo a uma categoria teórica rígida e inflexível, nos pareceu que esta definição de intelectual esboçada por Brandão em *Um evadido da realidade*,

<sup>154</sup> *id. ibid.* p. 05.

<sup>155</sup> *id. ibid.* p. 04.

<sup>156</sup> Quando nos referimos ao conceito de manifesto, estamos pensando a partir das categorias definidas por Norberto Bobbio. Para o autor: “[...] frequentemente os eventos que provocam o nascimento de um manifesto referem-se aos grandes temas da convivência humana, são problemas que não tem fronteiras. A comunidade dos intelectuais, que é por excelência uma comunidade fora das pátrias, uma comunidade cosmopolita, parece parcialmente adequada para intervir no debate sobre esses grandes temas”. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, op. cit., p. 58 – 59.

encontra-se muito próxima daquela indicada pelo historiador palestino, Edward Said<sup>157</sup>. Obviamente devemos aqui considerar o fato de o historiador palestino ter pensando a categoria de intelectual num contexto e lugar social totalmente diverso daquele que Brandão encontrava-se inserido. Entretanto, entendemos que são válidas algumas de suas definições, evidentemente, dentro de certos limites.

Pensando em conformidade com Edward Said, a função social do intelectual na sociedade seria a de “[...] alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras”<sup>158</sup>. Em outras palavras, o intelectual, por ter reconhecidamente o poder da fala, passou a representar os interesses de um determinado grupo social.

A publicação de “Um evadido da realidade”, com toda certeza, proporcionou a Brandão uma expressiva notoriedade social; várias personalidades da vida pública daquela época reconheceram a originalidade e o apelo presente no manifesto do jovem intelectual alagoano. Provocaram, inclusive, inúmeros debates, todos bastante acalorados entre alguns dos mais importantes jornais daquela época. A título de exemplo, citamos alguns trechos publicados nestes jornais:

A grande utopia de ontem já é, hoje, uma afirmação, na Rússia, como em outros países. E longe não vai o dia em que teremos de alcançá-la entre nós.<sup>159</sup>

Os fins visados por Octávio Brandão estão fora de toda discussão, no tocante à sua natureza humanitária e ao seu alcance social.<sup>160</sup>

Octávio Brandão prega uma doutrina moldada nos mais alcandorados princípios de humanitarismo.<sup>161</sup>

Octávio Brandão é seguramente um dos cérebros mais cultos e potentes do Brasil intelectual de agora. [...] Esse estudo sobre “Um Evadido da Realidade” constitui, no gênero, uma das mais formosas e profundas páginas que já li na literatura brasileira. Mas Octávio Brandão, homem do seu tempo, não restringe as suas preocupações ao esteticismo puro, ao literatismo puro, se assim pode dizer. As graves questões sociais do momento formam mesmo o motivo básico da sua atividade mental. E o seu grande e ingênuo amor pela terra que viu nascer e pelo povo de que descende, leva-o naturalmente a dar preferência aos problemas imediatos e circundantes – isso honra lhe seja, num largo e amplo sentido, sem estreitezas mofinas de regionalismo jacobino. [...] Octávio Brandão ergue o

<sup>157</sup> SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>158</sup> *id. ibid.* p. 27.

<sup>159</sup> OLIVEIRA, Faustino. *Jornal do Comércio*. Maceió. 11. 06. 1918.

<sup>160</sup> CANELAS, Antônio. *Tribuna do Povo*. Recife. 01. 06. 1918.

<sup>161</sup> LIMA MOTA Pedro. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 06. 06. 1918.

lábaro da campanha justiceira, da cruzada santa pela redenção da terra e pela redenção do homem. [...] Octávio Brandão possui uma compreensão realista dos grandes problemas da hora.<sup>162</sup>

Estes foram apenas alguns dos mais significativos depoimentos acerca do manifesto de Brandão, porém, é preciso considerar que os comentários não foram apenas elogiosos. O intelectual, a partir de então, teve de lidar também com as críticas severas por parte da imprensa conservadora, que passou a identificá-lo como uma ameaça em potencial. Segundo informou o próprio Brandão, a imprensa local, representada principalmente pelo *Jornal de Alagoas*, *O Semeador* e o *Correio da Tarde*, caracterizaram (equivocadamente) suas ideias de maximalistas<sup>163</sup>; chegaram, inclusive, a alertar as autoridades policiais quanto ao comportamento subversivo do intelectual.

A crítica da imprensa burguesa pareceu não ter provocado um abalado emocional tão grande quanto aquele incitado por algumas correspondências que recebeu do tio Alfredo Brandão, vindas da cidade do Rio de Janeiro, em 1918. Em uma destas cartas, recordou Brandão tempos depois, que havia sido confiscada pela polícia local, em seguida, foi publicada no *Jornal de Alagoas*, no intuito de desmoralizá-lo diante da opinião pública. Este episódio foi bastante traumático para Brandão, ademais, para agravar ainda mais o seu estado de espírito, na mesma época, contraiu o vírus da gripe espanhola, esta enfermidade o deixou de cama durante algumas semanas<sup>164</sup>.

Depois de superado estes primeiro abalo, ainda em 1918, na cidade de Maceió, entrou, pela primeira vez, em contato com o incipiente movimento operário alagoano. É preciso que se diga, esta relação entre o intelectual e os trabalhadores corresponde um dos eixos centrais desta pesquisa. Portanto, nunca é de mais indagar como se deu este encontro? Quais as principais atividades desempenhadas por Brandão? Qual o seu papel nestas mobilizações?

Conforme verificamos, Brandão participou de algumas manifestações que exigiam a redução da jornada de trabalho, bem como aumentos salariais. Colaborou diretamente para a organização de sindicatos e igualmente para arregimentação de intelectuais e trabalhadores. Em sua autobiografia, descreveu, de maneira detalhada, este momento fundamental em sua vida. Com a colaboração de dois amigos, Rosalvo Guedes e Olímpio Santa' Ana, acrescentou:

<sup>162</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Crônica Subversiva*. Rio de Janeiro. 03. 08. 1918.

<sup>163</sup> Desde 1917 a palavra maximalista passou a ser utilizada para designar os bolcheviques, compreendido no sentido daqueles que defendiam a implantação de um programa máximo. Cf: GRAMSCI, Antônio. A revolução contra o capital. In: GRAMSCI, Antônio. *Escritos políticos*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 126.

<sup>164</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 124.

Chamei à organização e à luta os operários das fábricas, os trabalhadores do porto de Jaraguá, os ferroviários da Great Western, os tecelões, os empregados no comércio e os pescadores. Sustentei as greves. Lancei as palavras de ordem: - Aumento dos salários! Dia de 8 horas de trabalho! Defesa das liberdades! Organização dos sindicatos de resistência! <sup>165</sup>

Além de haver realizado essas atividades descritas acima, em agosto de 1918, em Maceió, foi um dos fundadores da Congregação Libertadora da Terra e do Homem. Trata-se de uma instituição voltada, exclusivamente, para a libertação do homem, seja ele um operário de fábrica ou um lavrador camponês. Em síntese, defendeu reformas um tanto radicais para a época, por exemplo, a reforma agrária, a valorização do trabalhador por parte dos patrões; exigiu das autoridades a criação de escolas profissionalizantes e, incentivou os intelectuais e artistas a valorizar em seus trabalhos a literatura e a arte nacional<sup>166</sup>.

A agitação foi intensa durante este período, em setembro de 1918, o intelectual incitou os manifestantes a combater o aumento abusivo do preço do açúcar. O episódio ganhou uma considerável repercussão social, a Associação Comercial de Maceió teve de recuar, manteve o preço do açúcar sem reajustes. Com isso, argumentou Brandão: “O ódio de classe aumentou contra nós”<sup>167</sup>. Para agravar ainda mais a situação, no início de 1919, uma disputa política que se instalou no governo de Alagoas entre dois políticos conservadores, contribuiu para acirrar ainda mais os ânimos das autoridades. Brandão, em seus testemunhos, forneceu-nos uma noção precisa da tensão política que se sucedeu em Maceió durante aquele início de ano: “A camarilha dominante desencadeou a repressão. Golpeou brutalmente o movimento operário e popular. Assaltou os sindicatos. Deu buscas e batidas. Efetuou uma série de prisões. Entre elas, a de Rosalvo Guedes, que ficou nove dias incomunicável na Cadeia de Maceió”<sup>168</sup>.

---

<sup>165</sup> *id. ibid.* p. 126.

<sup>166</sup> Embora saibamos da enorme diferença de contexto entre o Brasil e a Itália do início do século XX, nos pareceu que o debate suscitado por Brandão em *Um evadido da realidade*, encontra-se muito próximo daquela discussão desenvolvida pelo filósofo Antonio Gramsci em *Literatura e vida nacional*. Segundo informou Gramsci, a representação que os intelectuais italianos (escritores, artistas, jornalistas, entre outros) faziam sob a denominação de nacional pouco tinha a ver com a realidade, uma vez que estavam mais preocupados reproduzindo os valores da camada dominante. Para o filósofo, o conceito de nacional na sociedade italiana: “[...] tem um significado muito restrito ideologicamente; de qualquer modo, não coincide com ‘popular’, já que na Itália os intelectuais estão distantes do povo, isto é, da ‘nação’, ligando-se ao contrário a uma tradição de casta, que jamais foi rompida por um forte movimento político popular ou nacional que atuasse de baixo para cima [...] Os intelectuais não surgem do povo, ainda quando acidentalmente alguns deles é de origem popular; não se sentem ligados ao povo (a não ser de modo retórico), não conhecem nem sentem suas necessidades, aspirações e sentimentos difusos; ao contrário, aparecem diante do povo como algo separado, suspenso no ar, ou seja, como uma casta e não como articulação — com funções orgânicas — do próprio povo”. GRAMSCI, Antônio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Brasileira, 1968. pp. 105 - 107. A concepção de nacional-popular proposta por Gramsci pretendeu contrapor a esta noção elitista, predominante na sociedade italiana daquela época.

<sup>167</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 128.

<sup>168</sup> *id. ibid.* p. 131.

Com estas atuações freqüentes no cenário político alagoano o intelectual passou a despertar o ódio das classes dominantes, representadas principalmente pelos empresários estrangeiros e brasileiros, bem como pelas autoridades policiais locais. Em março de 1919, em virtude de uma visita que realizou a prisão onde estava encarcerado o amigo, o militante socialista Rosalvo Guedes, acabou sendo preso, sob a alegação de que se tratava de um agitador maximalista. Somente após Manoel Brandão haver pagado uma fiança de cinco mil réis, foi libertado. Porém, a partir de então, a vida de Brandão estaria seriamente ameaçada caso continuasse em Alagoas. Acerca deste episódio, recordou com muita tristeza: “A ameaça era claríssima. Eu seria assassinado e o crime ficaria impune, como tantos outros”<sup>169</sup>.

Para Brandão, apesar do enorme esforço dos intelectuais e militantes da causa operária alagoana, os resultados não se processaram conforme o esperado. As prisões e a onda de repressão policial passaram a ser cada vez mais freqüentes. Segundo acrescentou, faltaram ao movimento operário alguns pré-requisitos indispensáveis para a compreensão da realidade social. Em uma espécie de autocrítica realizada tempos depois apontaram algumas dessas supostas falhas que teria ocasionado o enfraquecimento do movimento operário alagoano. A esse respeito, informou:

O movimento avançado de 1917 – 1919 sofreu uma derrota. Por quê? Não era guiado por uma teoria justa, harmoniosa e conseqüente. Não tinha uma organização própria de vanguarda para dirigi-lo. Não dispunha de sólida base sindical operária. Seus laços com os camponeses eram débeis. Tais as razões da derrota.<sup>170</sup>

Como discutimos no capítulo anterior, não podemos aceitar, sem crítica, o argumento exposto acima, pois, nota-se um esforço explícito por parte do autobiografado em reduzir o significado dos embates travados durante aquele período em Alagoas, muito menos devemos aceitar a justificativa apresentada pelo intelectual de que o movimento operário só falhou devido à inexistência de uma “teoria justa” (uma alusão ao marxismo) e de uma “vanguarda” preparada para dirigir as massas operárias na luta revolucionária (referência ao papel atribuído ao PCB)<sup>171</sup>.

<sup>169</sup> *id. ibid.* p. 132.

<sup>170</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 29.

<sup>171</sup> Essa maneira de encarar o passado tem sido uma prática muito freqüente na historiografia brasileira. Paulo Sérgio Pinheiro e Michel Hall retomaram, em suas pesquisas, o problema do silêncio na fase que antecedeu a formação do PCB. A esse respeito, assinalou: “[...] deve também ser admitido que o silêncio e a deturpação da história, mecanismos tão caros ao Poder para controlar o passado, não parecem ter sido o monopólio das classes dominantes. A redução “partidária” da história da classe operária no Brasil pretendeu (e ainda pretende) fazer crer que tudo quanto ocorreu antes dos anos 1920 constituiria, quando muito, a infância da classe operária. Nessa vertente historiográfica, quem dá sentido à classe é o partido. E como tal interpretação precisa enfatizar o nível

Observamos um enorme interesse por parte do autobiografado em demonstrar sua convicção inabalável para com a ideologia comunista, acompanhado, quase sempre, por um discurso crítico acerca das atividades que realizou durante sua fase libertária. Em outros termos, esta maneira de recordar o passado<sup>172</sup> não se constitui em uma reconstituição fiel ao ocorrido, pois, conforme advertiu Alistair Thompson: “As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências”<sup>173</sup>.

No dia 18 de maio de 1919, alterou parcialmente o nome para Octávio Melo Rego, no intuito evitar qualquer tipo de perseguição. Embarcou no navio Itapura, no porto de Jaraguá, em Maceió, partiu para a Capital Federal. Conforme recordou posteriormente, tratava-se de um longo período afastado de sua terra natal, para ser mais exato, foram 41 anos.

Como forma de encerramento do presente capítulo, conforme demonstramos, a infância de Octávio Brandão foi um tanto traumática, marcada por alguns episódios trágicos. Em relação à educação que recebeu nesses primeiros anos, pareceu-nos que a influência do pai, descrito como um personagem com atributos progressistas contribuiu, enormemente, para sua formação humanista, apesar, evidentemente, do pouco tempo que conviveram juntos. Estimulado pelos tios maternos, que desfrutavam de uma condição financeira favorável, sempre estudou em instituições tradicionais por onde passou. Os próprios tios, de certa forma, serviram como exemplo, devido, principalmente, à paixão incondicional que nutriam pelas ciências naturais, poesia e literatura. Em meio às leituras e as incontáveis atividades realizadas, um encontro, em especial, acabou marcando Brandão, a descoberta da filosofia materialista de Büchne. A admiração pelas ideias de Büchne o provocou de tal maneira que passou acreditar, ingenuamente, que poderia libertar o pensamento brasileiro das amarras européias. Realizou uma série de estudos teórico-práticos importantes sobre a natureza, cultura e a história de Alagoas. Publicou vários artigos, alguns, muito polêmicos, como por exemplo, aquele em defesa da existência de petróleo no Nordeste brasileiro, a incitação a favor da Reforma Agrária, da libertação do homem e, igualmente, a exigência de uma literatura e arte nacional.

---

institucional, tende a não aprofundar o conhecimento da história anterior da classe”. PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michel M. *A classe operária no Brasil*, op. cit., p. 10.

<sup>172</sup> GOMES, Ângela Castro de. Memória e história nos escritos autobiográficos de San Tiago Dantas. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). *Imagens na História*. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008. p. 183.

<sup>173</sup> THOMSON, Alistair. Reacompanho a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, n.15, 1997. p. 57.

Em Maceió, em meados de 1917, aderiu às ideias anarquistas e, a partir de então, passou a participar de maneira mais ativa da vida política alagoana. Foi justamente nessa conjuntura que ganhou certa notoriedade social. Emergiu um novo homem, um intelectual inconformado diante das injustiças sociais de uma região absolutamente injusta e desigual. Este posicionamento crítico, característico de um intelectual engajado em uma causa político-cultural acabou, inevitavelmente, por aproximá-lo do então incipiente movimento operário alagoano, em meados de 1918. Devido à intensa atuação no cenário político-social alagoano, foi perseguido pelas autoridades e, principalmente, pela polícia local, logo em seguida, acabou sendo preso em 1918. Após o pagamento de fiança e sua libertação, sofreu duras críticas por parte dos familiares maternos, que naquela altura, encontravam-se bastante preocupados com a integridade física do jovem. Diante das escolhas que tinha à sua disposição, optou por deixar Alagoas. No dia 18 de maio de 1919, tomou uma embarcação e partiu para a cidade do Rio de Janeiro. Ora, foi justamente na Capital Federal que viveu o período mais interessante e revolucionário de toda sua vida, até meados de 1931.

**CAPÍTULO 3**  
**COMBATES E BATALHAS**

### 3. AS LUTAS E IDEIAS POLÍTICAS DO INTELLECTUAL REVOLUCIONÁRIO OCTÁVIO BRANDÃO (1919 – 1923)

Temperamento extremamente vibrátil, mentalidade apaixonada, com esta propensão irresistível para as causas mais gerais, e colocado, na fase decisiva de sua formação, num período, sobretudo dramático da história universal, como aquela que marcava o fim da grande guerra e o início da revolução russa, Octávio Brandão, muito naturalmente, em rápidas etapas, acabou entregando-se, de corpo e alma, à causa do proletariado. Abandonou tudo, para ser apenas isto, que é mais que tudo: um militante do movimento operário.

Astrojildo Pereira  
(*A Classe Operária*, 25.08.1928)

Octávio Brandão, o primeiro comunista eleito no Brasil, foi antes anarquista. Farmacêutico, geógrafo e jornalista escreveu livros, poemas, panfletos. Um dos primeiros brasileiros a viver na União Soviética. Nascido na alagoaníssima Viçosa, a 12 de setembro de 1896. Polêmico, Octávio Brandão foi, antes de tudo e sempre, um revolucionário romântico.

Ênio Lins  
(*Gazeta de Alagoas*, 28.12.1996)

No presente capítulo, objetivamos averiguar quais foram às principais atividades políticas realizadas por Octávio Brandão, entre os anos de 1919 a 1923, na então capital federal Rio de Janeiro. Para a reconstrução desta fase da história de sua vida, nos valem, principalmente, dos registros contidos em suas obras, *Combates e batalhas*<sup>174</sup>, *Véda do mundo novo*<sup>175</sup> e *Mundos Fragmentários*<sup>176</sup>. É preciso que se diga as duas últimas obras citadas foram influenciadas pelas ideias anarquistas, elaboradas no início da década de 1920, durante os anos de intensa agitação política no interior do movimento operário brasileiro.

De maneira geral, procuramos reconstruir a história de algumas de suas principais atuações dentro no movimento anarquista e, da mesma maneira, cumpriu-nos também analisar a transição do intelectual revolucionário anarquista para o movimento comunista. Grosso modo, serão estas as questões centrais que pretendemos averiguar ao longo deste capítulo.

<sup>174</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit.,

<sup>175</sup> De acordo com Brandão, esta obra sofreu forte influência da tradição hinduísta, foi inteiramente dedicada à poetisa Laura da Fonseca e Silva, com quem se casou posteriormente. BRANDÃO, Octávio. *Véda do mundo novo*. Rio de Janeiro: s/d, 1920. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH.

<sup>176</sup> Trata-se, na verdade, de uma série de panfletos políticos reunidos em forma de livro; estudo pouco conhecido pela grande maioria dos pesquisadores. BRANDÃO, Octávio. *Mundos Fragmentários*: aforismo e anotações. Rio de Janeiro: s/d, 1919 – 1920. [inédito]. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH.

### 3. 1 Tempos difíceis e novos desafios: as primeiras experiências na Capital Federal (1919 – 1922)

Em primeiro lugar, devemos ressaltar que foram vários os motivos a levarem Octávio Brandão a deixar Alagoas. O principal deles, conforme destacamos no capítulo anterior, o medo de ser assassinado; devido a sua intensa atuação política em prol dos trabalhadores de Maceió. Sem embargo, é preciso considerar que, além desse motivo, Brandão contou com pelo menos outras três importantes motivações. A primeira, o desejo de publicar o volume um de sua obra *Canais e Lagoas*. A segunda, encontrar respostas satisfatórias sobre, quem era Lênin? O que era o Marxismo? Qual o verdadeiro significado da Revolução Russa? A terceira, tentar conseguir um emprego no Museu Nacional. Em sua autobiografia, Brandão resumiu da seguinte maneira sua experiência na capital Federal:

Vivi no Rio de Janeiro, em 1919-1931. Anos tensos e intensos. Anos decisivos, determinantes. Todo um período de combates penosos e desiguais, contra forças imensas coligadas. Aí lutei e sonhei, sofri e trabalhei. Suportei inúmeras injustiças e incompreensões. Cheguei sem a mínima recomendação, sem nenhuma proteção. Mas sempre tirei partido da própria adversidade.<sup>177</sup>

Podemos imaginar que os primeiros anos em um ambiente totalmente adverso daquele que cresceu, causaram, certamente, uma série de estranhamentos. Porém, conforme salientou o próprio Brandão, estas experiências acabaram sendo fundamentais para reforçar, ainda mais, seu espírito inquieto e rebelde.

Alguns meses depois do seu desembarque na capital, realizou três palestras na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, e uma na Biblioteca Nacional, no intuito de divulgar suas pesquisas acerca das riquezas minerais, em especial, a defesa pioneira da existência do petróleo no Nordeste brasileiro.

Na ocasião da primeira conferência apresentada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, contou, inclusive, com a presença de um espectador ilustre, trata-se de Francisco da Rocha Pombo, que naquela altura já havia se tornado um admirador do cientista alagoano. Acreditamos que a fala pioneira, em defesa da existência de petróleo em solo brasileiro, em um período que não se ouvia absolutamente nenhuma discussão sobre o assunto, deve haver impressionado vários espectadores.

---

<sup>177</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op.cit., p. 135.

Entretanto, houve também aqueles que assistiram à conferência e repudiaram o conteúdo desafiador presente nas discussões. A esse respeito, Brandão recordou o caso do advogado católico Jackson de Figueiredo Martins (1891 – 1928), que assistiu a sua primeira palestra e passou, a partir de então, a rechaçá-lo publicamente, devido à aproximação estabelecida por Brandão entre a literatura e a ciência<sup>178</sup>.

No mesmo ano, o secretário dos assuntos do Interior do Estado de Alagoas, Manoel Moreira e Silva, uma figura bastante conhecida e temida, inclusive, por Brandão, esteve na capital federal, à presença do secretário coincidiu com algumas oportunidades encerradas para o jovem. Inevitavelmente, atribuiu a Manoel Moreira uma suposta perseguição política. O fato é que, por alguma razão estranha, não conseguiu finalizar, como pretendeu, a seqüência prevista de palestras na Sociedade de Geografia<sup>179</sup>. Ainda sem ter conseguido um emprego que pudesse proporcionar uma razoável estabilidade financeira, passou a freqüentar, quase diariamente, a Biblioteca Nacional, onde retomou algumas leituras acerca dos pensadores da Antiguidade Clássica e da Idade Moderna<sup>180</sup>.

Em uma das corriqueiras visitas que realizou a Livraria Espanhola, muito próxima à pensão que residia, acabou adquirindo um exemplar da obra *Folhas de relva*, do poeta e ensaísta estadunidense, Walt Whitman (1819 – 1892). Encantou-se imediatamente com o pensamento do poeta, chegou, inclusive, a comentar que: “[...] Sua obra correspondia a uma série de meus pensamentos e sentimentos”<sup>181</sup>.

As visitas freqüentes que realizou as principais livrarias da cidade favoreceram, igualmente, alguns encontros com importantes figuras do cenário político e intelectual brasileiro daquela época, tais como, Clóvis Beviláqua, Gustavo Barroso, Coelho Neto,

---

<sup>178</sup> Jackson de Figueiredo Martins nasceu em Aracajú no ano de 1891 e faleceu no Rio de Janeiro no ano de 1928. Morou, por um tempo, em Maceió e também em Salvador (onde se bacharelou em Direito), porém, a maior parte de sua vida viveu na Capital Federal. Foi um pensador bastante controverso e polêmico. Em sua formação intelectual, iniciou-se de uma forma radical, mostrou-se um crítico ferrenho das idéias clericais. Contudo, a partir de algumas influências de amigos, bem como a partir das leituras realizadas sobre o filósofo e cientista francês Blaise Pascal, converteu-se ao catolicismo. Transformou-se, de uma vez por todas, um pensador conservador, crítico das idéias socialistas e liberais. A concepção de ciência para Jackson de Figueiredo era compatível com o pensamento teológico. Foram estas as razões do atrito com Brandão.

<sup>179</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op.cit., p. 137.

<sup>180</sup> É interessante notar que Brandão não se interessou, em nenhum momento, pelos pensadores medievais. Demonstrou uma enorme antipatia por aquele período; criticou o predomínio do aspecto religioso manifestado na vida social dos medievos, denominou aquela época de idade das trevas ou do obscurantismo da ciência e do pensamento filosófico. Em suas memórias se autorepresentou como um pensador coerente, determinado e racionalista. Portanto, ao repudiar os pensadores medievais seria uma maneira que o autobiografado encontrou para afirmar seu posicionamento favorável ao conhecimento racional em oposição a mentalidade supostamente mística dos medievos.

<sup>181</sup> *id. ibid.* p. 139.

Alberto de Oliveira, Mário de Alencar, entre outros. Porém, as divergências políticas e ideológicas logo se manifestaram e Brandão deixou de procurá-los<sup>182</sup>.

Nesse período, acabou aderindo a um movimento conhecido como *Grupo Clarté*<sup>183</sup>, que era dirigido pelo escritor francês Henri Barbusse. A partir de então, Brandão passou a escrever uma série de panfletos objetivando divulgar as atividades do grupo no Brasil. Bastante motivado, enviou alguns de seus trabalhos para diversos pensadores em vários países: “Enviei-os a Máximo Górkí e ao cientista Timiriázev, na Rússia. Recebi respostas da Argentina (José Ingenieros), do Paraguai, da França, Itália, Alemanha, Áustria, Finlândia e Romênia (Revista *Humanitatea*). Infelizmente, nada recebi de Górkí e Tagore, de Barbusse e Anatole France”<sup>184</sup>.

Ainda em meados de 1919 procurou, sem sucesso, várias editoras no intuito de publicar o livro *Canais e Lagoas*, porém, nenhuma se interessou. Em geral, julgaram que o conteúdo do livro seria pouco interessante comercialmente. Com o dinheiro que economizou em Maceió, conseguiu fazer a impressão de 500 exemplares, pela Livraria Jacinto Ribeiro<sup>185</sup>. Apesar do esforço do escritor alagoano em difundir as riquezas e os valores culturais do nordeste brasileiro, a repercussão não foi tão expressiva quanto se esperou, foram poucos os comentários recebidos<sup>186</sup>. Entre os comentários, alguns nos chamaram à atenção por conta de onde partiram. Reproduzimos, a título de exemplo, duas destas importantes referências à obra *Canais e Lagoas*. A primeira, a crítica elogiosa do escritor Monteiro Lobato, publicada na *Revista do Brasil*, na cidade de São Paulo, em dezembro de 1919:

---

<sup>182</sup> Livrarias, bares, restaurantes e cafés localizados no centro da efervescente cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, eram lugares freqüentados por inúmeras personalidades públicas (escritores, jornalistas, advogados, políticos, entre outros), se constituía em espaços de sociabilidade, onde era possível trocar ideias, informações, experiências, contatos, etc.

<sup>183</sup> O Grupo Clarté, conhecido também como a Liga Intelectual para o Triunfo da Causa Internacional, foi fundado em Paris e teve uma forte repercussão no Brasil, principalmente, na cidade de São Paulo, na década de 1920. Inicialmente, seus principais associados eram, sobretudo, partidários das ideias anarquistas. Este grupo reuniu alguns intelectuais de destaque no cenário político-operário brasileiro daquela época, tais como, Edgar Leuenroth, Everardo Dias, Astrogildo Pereira, Afonso Schmidt, entre outros. Em geral, estes pensadores foram fortemente impactados pelas repercussões da Revolução Russa de 1917. DULLES, John. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900 – 1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

<sup>184</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op.cit., p. 140.

<sup>185</sup> As informações acerca da editora e livraria Jacinto Ribeiro, não são muito abundantes, segundo Alessandra El Far, o editor Jacinto Ribeiro dos Santos havia adquirido o ponto comercial antes pertencente a Francisco Rodrigues da Cruz, proprietário da Livraria Popular. Na década de 1920, o novo proprietário passou a investir, principalmente, no mercado de livros didáticos e de história do Brasil. EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 318.

<sup>186</sup> Em *A Luta Libertadora*, citou alguns nomes de personalidades que aclamaram a publicação de sua obra na ocasião de sua publicação: “*Canais e lagoas* recebeu saudações calorosas da poetisa Laura da Fonseca e Silva, de Lima Barreto, Monteiro Lobato, José Oiticica, Nestor Vitor, Fábio Luz, José do Patrocínio Filho e Faustino de Oliveira”. BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 34.

*Canaes e Lagôas* dá a impressão de um terreno revolto por um cataclysmo recente, onde se rasgam abysmos no meio de planuras mansas e onde fumegam fendas vulcânicas ao lado de flores agrestes recém-desabrochadas. Em Octávio Brandão, os seus 20 anos juntaram a surpresa da sciencia a surpresa da vida. Os defeitos do livro são decorrentes do excesso de qualidades. Inumerosas páginas cheias de uma belleza extranha, de um fulgor inedito, que ás vezes deslumbra.<sup>187</sup>

A segunda trata-se da crítica publicada no ano de 1919, pelo escritor Lima Barreto: “Octávio Brandão mostrou-se capaz de profundos estudos de geologia, de mineralogia, de climatologia e, aqui e alli, denuncia um ethnographo de valor, um analysta de usanças, costumes e flok-lore”<sup>188</sup>. Apesar da repercussão não ter sido algo que impressionasse o autor, não podemos negar que o livro alcançou um público seletto e respeitável<sup>189</sup>. Em suas memórias, entretanto, parece que Brandão esperava obter um reconhecimento como escritor a partir da publicação de *Canais e Lagoas*, viabilizando assim a sua estadia na Capital Federal, onde continuava desempregado; relembrou com freqüência as suas primeiras experiências e as frustrações sofridas naquele período. Em *Combates e Batalhas*, observou:

No Rio de Janeiro, fiquei 10 meses sem ganha-pão. Meses de angústia e amargura. Os meus amigos eram pobres. Não tinham posição social. Nada podiam fazer por mim. Os outros eram estranhos e indiferentes. Ou hostis e reacionários. Tudo falhou. Antes, vivia descontente com Alagoas. Agora, desgostoso com do Brasil.<sup>190</sup>

A desilusão foi tamanha que, com o dinheiro adquirido com a venda de sua farmácia em Maceió, algo em torno de oito contos de reis, chegou, até mesmo, a cogitar a possibilidade de deixar o país, partir de uma vez por todas para a Europa. Posteriormente revelou em suas memórias que só não partiu devido o medo de ser deportado, uma vez que se tinham notícias de vários trabalhadores estrangeiros que estavam sofrendo com as freqüentes ondas de deportações européias<sup>191</sup>.

Durante esse período acabou conhecendo Laura da Fonseca e Silva (1891 – 1942), uma poetisa bastante aclamada nos principais salões do Rio de Janeiro<sup>192</sup>. Conforme recordou

<sup>187</sup> LOBATO, Monteiro. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.I.d. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 116.

<sup>188</sup> BARRETO, Lima. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.I.d. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 116.

<sup>189</sup> O livro *Canais e Lagoas* foi severamente criticado por alguns pensadores conservadores da época. Brandão citou em sua autobiografia os nomes dos seus principais críticos: Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde, Humberto de Campos, João Ribeiro e Antônio Torres. BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 35.

<sup>190</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op.cit., p. 154.

<sup>191</sup> *id. ibid.* p. 154.

<sup>192</sup> A poetisa Laura Adelaide Leopoldina da Fonseca e Silva, tinha um comportamento rebelde perante a sociedade conservadora daquela época. Alguns trabalhos recentes chamaram a atenção para o espírito

Brandão, já conhecia algumas poesias de Laura desde os tempos de Alagoas. Em uma das visitas freqüentes que realizou a Livraria Fonseca, de Maceió, folheou o livro *Imaginação*<sup>193</sup>, guardou em sua memória a imagem da bela poetisa, na esperança de um dia encontrá-la pessoalmente<sup>194</sup>. Este encontro foi proporcionado por meio de um amigo em comum, trata-se do crítico literário José Avelino Silva. No intuito de aproximá-los, a pedido do próprio Brandão, José Avelino enviou a seguinte correspondência de apresentação para a poetisa:

À laureada poeta, Dona Laura da Fonseca e Silva: Estando nessa capital da nossa grande Pátria o meu patrício o Dr. Octávio Brandão, para tratar da publicação de um livro sobre os canais e as lagoas da nossa terra natal, pede permissão a V.ex.a. para apresentá-lo, como digno de sua atenção. Este meu conterrâneo, além de representar, com brilho, a inteligência de Alagoas, priva ainda, entre seus pares, pelo seu caráter e nobres sentimentos. É um dos convictos religionários do ideal aurelado pelo estudo e pela arte; pelo que é um dos admiradores de V.Ex.a. nestas regiões que não lhe são indiferentes, porque o nome de V.Ex.a. é, com justiça, homenageada entre nós como representante da poesia maior. Agradecendo mais essa gentileza, apresento a V.Ex.a. o culto de minha admiração, na qualidade de compatrício e admirador. <sup>195</sup>

Após serem apresentados, Brandão e Laura passaram a realizar inúmeros passeios nos parques e pontos turísticos da cidade, como recordou, conheceu o Rio de Janeiro pelos olhos de Laura. A paixão que ambos tinham pela poesia, acabou por aproximá-los cada vez mais. Ademais, casualmente ou não, pouco tempo depois do primeiro encontro, Brandão mudou-se para o mesmo edifício que morava Laura. A poetisa passou, a partir de então, a preencher um espaço importante na vida de Brandão, conforme verificamos no comentário a seguir:

Era uma visão de beleza e harmonia. Lírica e romântica. Alma pura e bela, ardente e apaixonada, extasiada e sublimada. Alma luminosa e arrebatadora. Tinha muitas facetas – o caráter, o talento, a formosura. A beleza física, moral e intelectual. [...] Encontrei em Laura, nos operários e pequenos grupos de amigos, camaradas e nobres amigas, calor e simpatia, apoio e estímulo, justiça e compreensão. Laura tinha a paixão e a convicção revolucionárias. Dizia ser a minha discípula. Era a discípula diletta, predileta. Veio a ser a Egéria – a inspiradora, a animadora e a cooperadora. Auxiliou-me no trabalho de massas. Passou a ser tudo para mim: a noiva, a irmã, a amiga, a companheira, a esposa fiel. <sup>196</sup>

---

revolucionário da Poetisa. Citamos, a título de exemplo, a pesquisa de mestrado realizada pela historiadora Maria Elena Bernardes. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

<sup>193</sup> SILVA, Laura da Fonseca Adelaide. *Imaginação*. Rio de Janeiro: s/ed, 1916.

<sup>194</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op.cit., p. 158.

<sup>195</sup> Carta manuscrita e assinada por José Avelino Silva, Maceió 29 de junho de 1919. *apud*. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*, op. cit., p. 86.

<sup>196</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 157-158.

A partir desses encontros freqüentes, acabaram inevitavelmente se apaixonando, casaram-se sem qualquer formalidade no dia 20 de abril de 1921. A esse respeito, sublinhou Brandão: “casamo-nos sem padre e sem juiz. Era, na época, um ato de coragem – desafio e afronta à sociedade dominante”<sup>197</sup>. Para perceber o inconformismo por parte dos familiares de Laura, Brandão chegou, inclusive, a ser ameaçado de morte pelo próprio cunhado. Contrariando os padrões conservadores da sociedade daquela época, foram morar juntos em uma casa integrada à pequena farmácia que Brandão havia comprado há pouco tempo<sup>198</sup>.

As dificuldades eram evidentes, os primeiros meses foram bem tumultuados para o casal. Tiveram de mudar o estabelecimento de endereço para não perdê-lo, com isso, passaram a morar em uma casa ainda menor que a anterior. Como informou, a partir de então, ficou cada vez mais pobre. Laura, por sua vez, além de ter perdido o apoio da família, os salões onde recitavam suas poesias e encantavam o público, fecharam as portas diante da poetisa aclamada de outrora.

Assim que nasceu a primeira filha do casal, Sátva, em 1922, as relações com os pais de Laura foram restabelecidas. O casal ainda teve outras três filhas, Vólia em 1923, Dionysa em 1925 e Valná em 1932 (a última filha nasceu em Moscou, durante o exílio político dos pais). A história de Brandão e Laura daria, com toda certeza, um excelente roteiro de filme por tudo que passaram juntos.

---

<sup>197</sup> *id. ibid.* p. 160.

<sup>198</sup> Lamentou tempos depois a compra do referido estabelecimento comercial: “[...] Fui enganado pelo vendedor. Ela não estava no nome dele. Vendeu-a recebeu o dinheiro e desapareceu. Lutei 17 meses, mas não pude legalizar os documentos, embora gastasse um dinheirão no Tesouro, na Prefeitura e com o despachante. Fui boicotado pela freguesia burguesa e intimado pelo Departamento de Saúde Pública a fechar o estabelecimento ou transferi-lo para outro local. No fim, em agosto de 1921, tive de mudar-me para uma “casa”, na realidade uma única porta, à rua General Câmara 307, posteriormente Avenida Vargas 1.069, quase esquina da rua Tobias Barreto, hoje Regente Feijó”. *id. ibid.* p. 155.

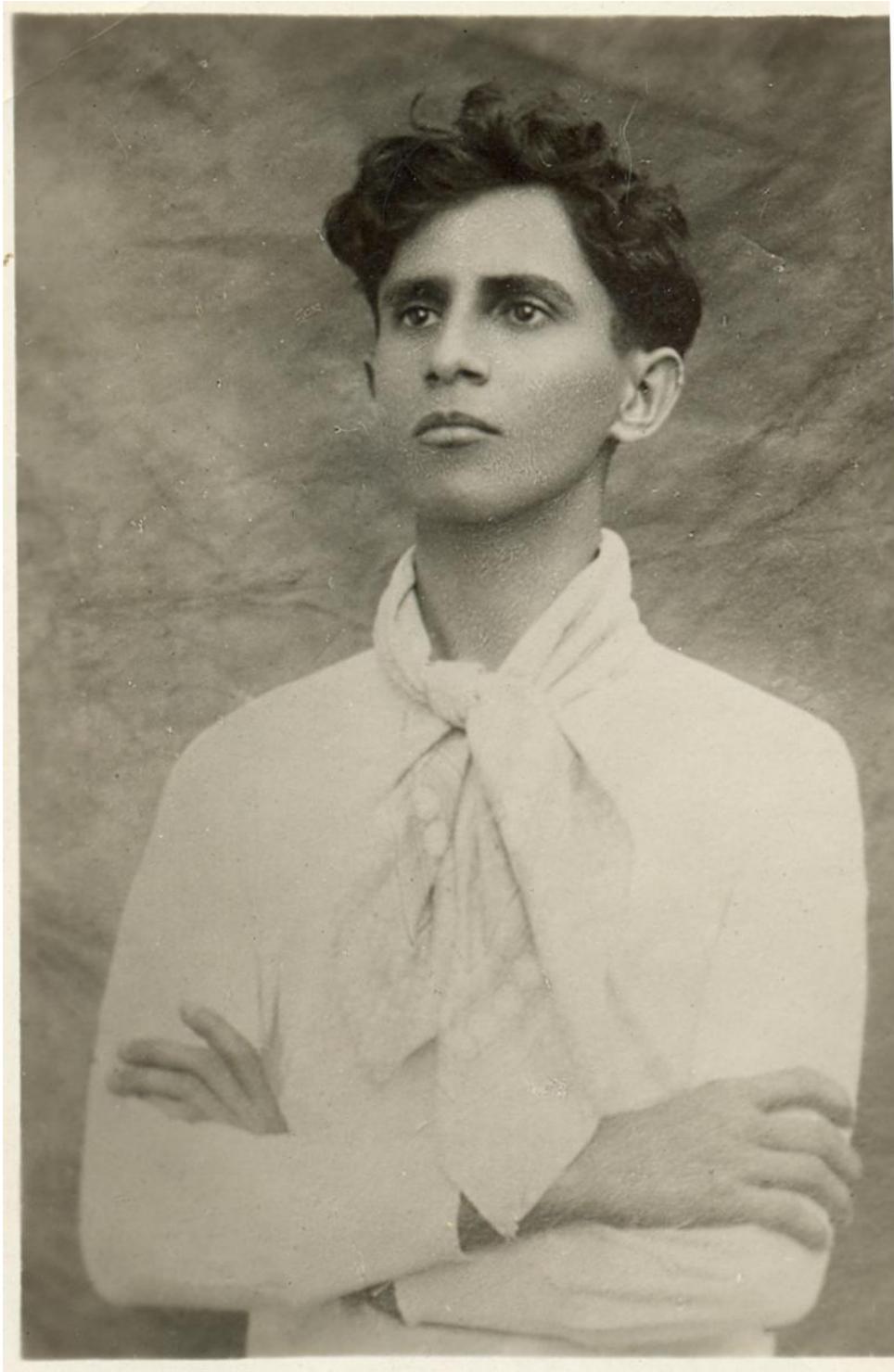


FIGURA 2: Octávio Brandão aos vinte anos. Fundo Octávio Brandão.

*Banco de imagem – AEL/ Unicamp*



FIGURA 3: Laura da Fonseca e Silva, 1915. Fundo Octávio Brandão  
*Banco de imagem – AEL/ Unicamp*



FIGURA 4: Casamento em 1921, no Rio de Janeiro.  
*Coleção particular pertencente à Dionysa Brandão Rocha*



FIGURA5: Octavio com as três filhas, da esquerda para direita: Vólia, Dionysa e Sattva, em 1927, no Rio de Janeiro.

*Coleção particular pertencente à Dionysa Brandão Rocha*

### 3. 2 As ideias anarquistas, o engajamento político e o encontro com o movimento operário do Rio de Janeiro (1919 – 1922)

Em suas três autobiografias Octávio Brandão relatou que desde sua chegada ao Rio de Janeiro, no início de 1919, esteve sempre em contato direto com o movimento operário<sup>199</sup>. Acrescentou que, entre os anos de 1919 a 1921<sup>200</sup>, aderiu ao movimento anarquista, corrente hegemônica na sociedade brasileira daquela época<sup>201</sup>.

Esta experiência anarquista foi desenvolvida, principalmente, em seu livro *Véda do novo mundo*<sup>202</sup>, um estudo pouco conhecido, publicado no início da década de 1920. Porém, é interessante notarmos que este passado anarquista, pareceu, em diversos momentos, haver sido menosprezado pelo próprio Brandão, um exemplo, as referências a esta fase de sua vida foram pouco desenvolvidas em suas principais autobiografias. Nesse sentido, devemos averiguar em detalhes esta fase de sua vida, uma vez que este silêncio trata-se, na verdade, de algo bastante indicativo. Entendemos que de algum modo, o velho comunista pretendeu diminuir a importância do seu passado anarquista, talvez seja, uma maneira do intelectual se apresentar para a posteridade, como um indivíduo sempre coerente em suas convicções, com objetivos bem definidos e inabaláveis<sup>203</sup>.

---

<sup>199</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 168 – 169.

<sup>200</sup> Conforme comentamos no capítulo anterior, na verdade, desde meados de 1917, em Maceió, Brandão havia aderido às ideias anarquistas, sob a influência do tipógrafo Antônio Bernardo Canelas. Quando chegou ao Rio de Janeiro, no início de 1919, o movimento anarquista encontrava-se em meio a uma crise, provocada, sobretudo, pelo aumento considerável da repressão policial. É importante sublinharmos que, para alguns pesquisadores pecebistas, essa crise teria sido motivada, principalmente, pelo impacto provocado pela Revolução de Outubro de 1917. Em outros termos, o movimento operário brasileiro teria, na perspectiva dos comunistas, compreendido que somente com a apropriação de uma teoria revolucionária devidamente sistematizada (no caso o marxismo) e com um partido forte e centralizador (o PCB) seria possível tomar o poder. Portanto, na perspectiva pecebista, estas explicações, por si só, já seriam suficientemente esclarecedoras para justificar a falência do movimento anarquista brasileiro.

<sup>201</sup> O movimento anarquista foi de fundamental importância durante as duas primeiras décadas do século XX, os intelectuais e operários adeptos da causa libertária foram responsáveis por uma série de greves e manifestações populares em várias regiões do país. A título de exemplo, citamos a famosa greve geral ocorrida na cidade de São Paulo, no ano de 1917. A esse respeito, acrescentou o historiador Hermínio de Linhares: “Em julho de 1917 houve greve geral em São Paulo, paralisando completamente, durante vários dias, todo o movimento da cidade. Os operários de todas as fábricas exigiram aumento de salário. A adesão de diversos grupos de trabalhadores fez com que cessasse todo o movimento cidadão. Esta greve – marco foi a primeira greve geral em um Estado do Brasil. Os anarquistas dirigiram o movimento, o comércio fechou, os transportes pararam e o governo impotente não conseguiu dominar o movimento pela força. Os grevistas tomaram conta da cidade por trinta dias”. HERMÍNIO, Linhares. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. São Paulo: Alfa – Omega, 1977. p. 61 – 62.

<sup>202</sup> Segundo o dicionário Houaiss, a palavra *véda* é uma expressão oriunda da cultura hindu, significa sabedoria. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, op. cit., p. 2835. Foi frequentemente utilizada por Brandão como sinônimo de libertação por meio do conhecimento.

<sup>203</sup> BOUDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*. op. cit., p. 185.

No início dos anos vinte, Brandão participou de inúmeras manifestações populares na Capital Federal. A partir destas atividades, acabou conhecendo importantes lideranças do movimento operário e anarquista, tais como o jornalista Astrojildo Pereira, o tipógrafo Edgard Leuenroth, o operário e jornalista Everardo Dias, o professor José Oiticica, o tipógrafo Florentino de Carvalho, o médico Fábio Lopez dos Santos Luz, o condutor de bonde J. Mota Assunção, o sapateiro Manuel Moscoso, os advogados Benjamim Motta e Ricardo Gonçalves, entre outros<sup>204</sup>.

Admirou a bravura destes intelectuais, porém, aproveitou, mais uma vez, para renegar seu passado anarquista e criticar aqueles que permaneceram fieis à causa libertária. Sobre esta questão, sublinhou: “Todos, homens dedicados. Mas a ideologia, errônea. Uns se tornaram comunistas, posteriormente. Mas a maioria deles parou no anarquismo e afundou no passado”<sup>205</sup>. Sem embargo, analisando em detalhe alguns documentos da época, verificamos que as coisas não se processaram da forma como Brandão relatou em sua autobiografia. Ao folhearmos as primeiras páginas de *Véda do novo mundo*, logo nos damos conta da importância que as ideias anarquistas desempenharam em sua formação política. Discorrendo acerca do conceito de igualdade, ou seja, um dos ideais mais significativos para o anarquismo, comentou:

já se vê que a Igualdade não é um sonho de loucos, um absurdo de dementes. [...] A Igualdade diante dos meios de produção e consumo uma mesma possibilidade de expansão para todos os homens – eis o meu sonho de Igualdade. Primeiro facilitar ao indivíduo os meios necessários para o seu livre desdobramento – terras, machinas, utensilios, vestes, aparelhos, laboratorios, bibliothecas, etc., – e depois deixar que elle se desenvolva na medida de suas energias.<sup>206</sup>

Destacamos que esta passagem foi sublinhada no texto original pelo próprio Brandão no intuito de enfatizar sua importância. Ademais, como se observa, o sonho de igualdade

---

<sup>204</sup> Quem eram estes agitadores que incendiaram o movimento operário brasileiro durante as duas primeiras décadas do século passado? A grande maioria era composta de imigrantes europeus, que haviam trazido em suas bagagens os ideais socialistas e anarquistas. A esse respeito, acrescentou o historiador Leandro Konder que: “Além de matrizes teóricas portuguesas, espanholas, francesas e russas, o anarquismo brasileiro não pode ser corretamente avaliado, em seu pensamento, sem referência às suas fontes italianas. A presença dos italianos era marcante, não só no Brasil como no Uruguai e na Argentina. [...] O anarquismo brasileiro deve muito a esses estrangeiros [...] mas a força do movimento anarquista não teria alcançado as dimensões que chegou a ter se a sua causa não tivesse sido assumida por um número expressivo de aguerridos militantes brasileiros, dedicados não só à luta como ao estudo e à reflexão. Entre esses militantes que nasceram e se desenvolveram aqui, muitos tinham origem social humilde e, enfrentando múltiplas e graves dificuldades, conseguiram adquirir apreciável nível de formação cultural”. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 103 – 104. Estes imigrantes, em geral, se instalaram nos principais centros comerciais e industriais do país, em cidades como, São Paulo e Rio de Janeiro, cuja mão-de-obra era bastante requisitada.

<sup>205</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 170.

<sup>206</sup> BRANDÃO, Octávio. *Véda do novo mundo*, op. cit., p. 13.

entre os homens acabou por se tornar um preceito fundamental no pensamento libertário do autor. É preciso que se diga, esta visão de mundo encontrava-se intimamente relacionada com os pilares centrais da filosofia dos grandes pensadores anarquistas. Em relação ao caminho a ser percorrido para se alcançar a verdadeira libertação, recomendou que se tivesse sempre em mente os embates e os sofrimentos dos grandes pensadores universais, que jamais desistiram dos seus ideais apesar da solidão, das angústias e incompreensões que se encontravam muitas vezes sujeitos. A esse respeito, argumentou:

Que é bom? Bom é ser forte, enérgico, viril, rebelde ao grilhão, é ser grande pela acção e pelo pensamento. Mau é ser pequeno, vil,, mesquinho, effeminado. Quando fôres derrotado na luta pela vida, ô meu irmão, não desanimes; procura ler a vida dos grandes homens e verás que gênios como Nietzsche e Spinoza foram mais infelizes do que tu, poeira humilde, verme obscuro, ó pequenino grão de areia [...] Que a vida de cada indivíduo consista em seu eu idealizar um sonho superior e batalhar para realizá-lo. Agrada-te minha proposta meu irmão? <sup>207</sup>

Ao apontar o caminho rumo à igualdade, pareceu-nos que pretendeu apresentar sua própria *via crucis*, desde os tempos de sofrimento e perseguição política em Alagoas: a representação do intelectual incompreendido e inconformado que, jamais se deixou oprimir perante os obstáculos impostos por uma sociedade medíocre e opressora. Na perspectiva de Brandão, este seria o exemplo ideal a ser seguindo por todos aqueles que aspiravam à libertação final dos homens e das mulheres. Para ilustramos melhor esta questão, vale a pena reproduzirmos, a título de exemplo, uma poesia publicada no jornal anarquista *A Plebe*, do Rio de Janeiro, em 02 de outubro de 1920, sob o título *Em nome de quem venho*:

Venho em nome dos pequenos,  
 dos párias  
 dos humildes...  
 Em nome do oprimido contra o opressor;  
 do pobre contra o rico;  
 do pequeno contra o grande.  
 Venho em nome daqueles que não têm pão  
 daqueles que não têm lar;  
 daqueles que não têm lençol;  
 daqueles que têm sede de amor;  
 daqueles que nunca tiveram uma benfazeja e  
 carinhosa mão a suavizar a agonia;  
 daqueles que vivem no ódio perene. <sup>208</sup>

<sup>207</sup> *id. ibid.* p. 17.

<sup>208</sup> BRANDÃO, Octávio. *A Plebe*. Rio de Janeiro. 02.09.1920.

Segundo justificou, a libertação universal dos homens deveria ser alcançada por meio da força moral e intelectual. Estes instrumentos seriam indispensáveis no embate épico contra as forças retrógradas e opressoras, predominante nas sociedades burguesas. Aproveitou ainda, de quebra, para questionar, como todo bom anarquista, a opressão imposta pelo Estado. Sobre esta questão, acrescentou: “Existindo o Estado com as suas mil dependências (o militarismo, o burocratismo, a propriedade privada, o servilismo, a magistratura hetairiana, etc.), como poderá ser boa, a Humanidade? É impossível! Por isto sou ácrata”<sup>209</sup>. Também realizou uma série de críticas aos valores tradicionais instituídos pela religião e pela família, ambas, de acordo com o intelectual, instituições conservadoras e decadentes. Argumentou ainda que todo conhecimento devesse ser produzido com base em critérios absolutamente racionais e científicos; todo o resto não passava de explicações fantasmagóricas e irrealis. No que tange aos valores da família, questionou sua validade, por se tratar de uma instituição reprodutora de uma ideologia burguesa<sup>210</sup>. De maneira resumida, aconselhou aqueles que pretendem se libertar, a seguir o seu percurso:

nada de theologias ou methaphysicas, não admitir a menor manifestação do sobrenatural; repellar tudo quanto à analyse, a crítica, o raciocínio, a experiencia, não comprovarem; uma hostilidade profunda por todo e qualquer religiosismo, dogmatismo, carolismo, pietismo, ou mysticismo. [...] Romper com todas as formas de idealismo, desde o de Platão ao de Kant e o de Hegel, com toda manifestação espiritualista. [...] Banir toda religião, todos os hábitos morais, todo autoritarismo, todo pragmatismo. [...] a força da tradição, a liturgia, o que não fôr livre exame, experiência, emancipação, tudo quanto não fôr verificado pelos sentidos com a fiscalização do pensamento ou da razão.<sup>211</sup>

O mais interessante Brandão nos reservou para o final, nas últimas páginas do livro, no local onde se encontra uma dedicatória sob o título honroso: “A todos os homens”, registrou, de maneira irrefutável, sua admiração pelas ideias anarquistas<sup>212</sup>. O intelectual, empolgado com a possibilidade de libertação universal de todos os homens, comentou:

<sup>209</sup> BRANDÃO, Octávio. *Véda do novo mundo*, op. cit., p. 18.

<sup>210</sup> *id. ibid.* p. 19-20.

<sup>211</sup> *id. ibid.* p. 41.

<sup>212</sup> Em *Mundos fragmentários*, panfletos políticos, um estudo enormemente influenciado pelas ideias anarquistas, escrito entre o ano de 1919 a 1920, Brandão reiterou este desejo libertário exposto em *Véda do Novo Mundo: O INCÊNDIO REVOLUCIONÁRIO*. O poeta quer incendiar o universo: chama que devora, mas redime. [...] A REVOLUÇÃO POR HUMANISMO. Se o poeta prégo o incendio, os assaltos, as barricadas, o cataclismo devorador [...] Se anunciou o crepusculo dos dominadores, a tormenta rebelde, a guerra civil, o despedaçar dos grilhões, o galopar das multidões ébrias de liberdade [...] Se bramiu, feriu, empunhou o látigo [...] o poeta fez tudo isso: -- porque te ama, ó Humanidade! BRANDÃO, Octávio. *Mundos fragmentários*, op. cit.,

Vendo o quanto o homem moderno, e especialmente o brasileiro, andava errando através de atalhos e desvios, sentindo um lance de Fraternidade Universal, compreendendo o quanto era espessa a massa de minerios na nossa época, vi que era imprescindível um trabalho sobrehumano de Clarificação Social, de revisão de todos os valores, labor que tivesse fins inumeráveis: elevação da minha nacionalidade, revelação dos meus abysmos inferiores, engrandecimento do ser humano, triplice libertação das classes infelizes, negação feroz da sociedade actual, afirmação profunda de uma sociedade nova.<sup>213</sup>

De acordo com a socióloga Alice Anabuki Plancherel, em seu livro *Memória e Omissão: anarquismo e Octávio Brandão*<sup>214</sup>, na passagem acima, Brandão repudiou as demais correntes socialistas que haviam sido difundidas no Brasil<sup>215</sup>. Em outras palavras, para o intelectual, absolutamente convicto do seu ideal e inabalável em relação à causa que escolheu defender, apenas o anarquismo seria capaz de engendrar a tão sonhada libertação universal de todos os homens e, ao mesmo instante, superar as amarras opressoras e retrógradas, predominante naquele período. Em relação às principais atividades intelectuais realizadas no interior do movimento operário e anarquista daquela época, colaborou ativamente com a organização dos trabalhadores em torno dos sindicatos, bem como nas diversas formas de manifestações populares. A esse respeito, relatou em sua autobiografia:

Tomei parte na grande vaga de movimentos operários e populares da época. Auxiliei a organização sindical. Defendi as greves operárias. Combati a reação política e a repressão policial. Choquei-me com o ambiente dominante, em todos os terrenos: literário e científico, social e religioso, ético e estético. Fui um dos raríssimos escritores que, na época, se colocaram ao lado dos trabalhadores, como combatentes, militantes. Ia sempre aos sindicatos, às fábricas, oficinas e bairros operários, chamando as massas laboriosas à organização sindical e à luta pelos seus direitos e liberdades. Fiz dezenas de conferências nos sindicatos, preconizando a necessidade da revolução social. Procurei mostrar os laços estreitos entre a religião, a exploração e a opressão. Preguei à vanguarda operária o ateísmo.<sup>216</sup>

---

<sup>213</sup> BRANDÃO, Octávio. *Véda do novo mundo*, op. cit., p. 63.

<sup>214</sup> PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e omissão: Octávio Brandão e anarquismo*. São Paulo: EDUFAL, 1997.

<sup>215</sup> Valendo-se dos comentários de Alice Plancherel: “Na crítica à política dos socialistas de priorização do campo institucional à luta dos trabalhadores, nela percebe-se uma das objeções centrais e inalienáveis no ideário anarquista, qual seja, a da total rejeição ao sufrágio universal, considerado, pois, que era um símbolo de verdadeira traição à liberdade. Em outros termos, a nenhuma maioria dá-se, através do voto e dos partidos políticos, o direito de impor a sua vontade à minoria, na medida em que o direito não se fundamenta em números, senão na razão e na liberdade de cada indivíduo em expressar e agir de acordo com a sua própria consciência. *id. ibid.* p. 102.

<sup>216</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 169.

Além de ter contribuído decisivamente com a organização dos operários em torno dos sindicatos, colaborou com a imprensa anarquista ao produzir uma série de artigos incitando o levante popular contra a opressão dos patrões e as péssimas condições de vida dos trabalhadores. Publicou nos principais jornais de esquerda daquela época, tais como, *Spártacus*, *A Nação*, *A Notícia*, *A Plebe*, *O Imparcial*, e *A Voz do Povo*, *Avante*, entre outros.

O engajamento político atingiu uma proporção que não demorou muito até chamar a atenção das autoridades policiais. No dia 24 de março de 1920, acabou sendo preso pela segunda vez. A polícia fluminense justificou que Brandão havia colaborado com a greve dos trabalhadores ferroviários da Leopoldina. Ficando trinta e seis horas em cárcere, teve tempo para escrever uma pequena poesia libertária, exaltando sua combatividade e apontando o prelúdio da vitória anarquista: “[...] Lacaios, bacharéis e beaguins, tremei! Há de surgir claridade. Nosso clamor sonoro de clarins anuncia o clarão da liberdade. Sofro. Mas transformando cada grito, cada solução que minha alma solta, num duelo varonil contra o Infinito, num bradar de energia e de revolta!”<sup>217</sup>.

Conforme procuramos demonstrar, não nos restou a menor dúvida de que o intelectual engajado de corpo e alma para com a causa anarquista estava disposto a levar até as últimas conseqüências o ideal que escolheu defender durante aqueles anos. Por essas e outras razões, acreditamos que não se tratava, como Brandão pretendeu nos fazer crer, que esta fase de sua vida fora algo meramente casual ou efêmero.

Contextualizando esta questão do movimento anarquista no Brasil, percebemos que a onda de agitações que levantavam a bandeira do anarquismo perdeu força entre o operariado brasileiro a partir do início dos anos vinte. Para alguns estudiosos, sobretudo aqueles de ascendência comunista, as greves e as manifestações populares organizadas pelos anarquistas deixaram de empolgar as massas operárias devido à incapacidade interna dos seus organizadores<sup>218</sup>. Esta foi, por exemplo, a posição defendida pelo ex-anarquista, convertido ao comunismo, Astrojildo Pereira. Segundo informou Astrojildo:

Puseram a nu a incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica [...]. A contestação deste fato, resultante de um processo espontâneo e bem dizer instintivo de autocrítica que se acentuou,

<sup>217</sup> *id. ibid.* p. 173.

<sup>218</sup> Um exemplo dessa visão pode ser identificado na obra *O ano vermelho*, do cientista político e jornalista Moniz Bandeira. Para Bandeira: “As greves de 1917, 1918 e 1919 mostraram que o movimento operário estava, objetivamente, maduro, mas não possuía uma direção conseqüente, capaz de abrir a perspectiva política. [...] Os anarquistas, apesar da firmeza, da combatividade e do devotamento com que lutavam, não podiam desempenhar essa tarefa, em virtude das limitações da sua doutrina”. BANDEIRA, Moniz e outros. *O Ano Vermelho*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980. p. 144.

principalmente, durante a segunda metade de 1921, sob a forma de acaloradas discussões nos sindicatos operários, é que levou diretamente às organizações dos primeiros grupos comunistas.<sup>219</sup>

Acreditamos que este argumento de Astrojildo Pereira é digno de destaque, porém, não é suficientemente esclarecedor dos fatos. Como vimos no capítulo anterior, para que possamos compreender tal mudança na perspectiva ideológica dentro do movimento operário brasileiro, devemos, obrigatoriamente, levar em consideração alguns aspectos específicos, tais como a repressão policial, que ocasionaram uma onda de prisões, torturas, deportações e, no pior dos casos, assassinatos, que passaram a ocorrer cada vez mais frequentemente. Para se ter uma ligeira noção, do nível de repressão praticada pelos policiais durante aqueles anos, reproduzimos no fragmento abaixo um depoimento de um operário publicado no jornal libertário *Avanti*:

Quando algum trabalhador (considerado cabeça de greve) lograva fugir ao cerco policial – como acontecera com um operário da fábrica de parafusos “Santa Rosa” – os agentes da lei prendiam-lhe as esposas por vários dias, até que as mesmas, depois de torturas e espancamentos, denunciassem os paradeiros dos “malfeitores grevistas”, sem se preocuparem com os filhos que ficavam abandonados.<sup>220</sup>

O governo brasileiro chegou, inclusive, a criar uma lei específica para silenciar a imprensa anarquista. Esta medida ficou conhecida pelos críticos da época como “Lei Adolfo Gordo” ou “Lei infame”. O objetivo era expulsar do país qualquer indivíduo que fosse preso por incitar a agitação política<sup>221</sup>.

<sup>219</sup> PEREIRA, Astrojildo. *apud.* REZENDE, Antônio Paulo. *História do movimento operário no Brasil*, op. cit., p. 15.

<sup>220</sup> AVANTI. *apud.* RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*, op. cit., p. 21.

<sup>221</sup> No depoimento de Barreto Leite Filho ao repórter do jornal *Folha de São Paulo*, no dia cinco de janeiro de 1979, é possível ter uma noção da onda repressão que se operou no Brasil, principalmente sobre a imprensa anarquista: “O período que se inicia em 1921, com a campanha da sucessão do presidente Epitácio Pessoa, e culmina na Revolução de 1930, tem nesses marcos as referências imediatas do tumultuado processo de decomposição e derrubada da ordem estabelecida pela República Velha. O sinal já fora dado em 1917 e 1919, quando ocorreram as primeiras grandes manifestações do movimento operário sob forma de greves. Essas manifestações, de tendência predominantemente anarquistas, fariam surgir nas chefaturas de polícia os setores da Ordem Política e Social — órgãos especializados na repressão aos “elementos indesejáveis”. Embora debelados pelo governo, os movimentos de 1922 e 1924, seguidos da Coluna Prestes, mostravam a extensão e o agravamento da crise do regime. Como tentativa de sufocar a onda de inconformismo, surge a primeira lei de imprensa no Brasil, projeto original do senador paulista Adolfo Gordo. Mais conhecida como “lei infame”, invocava o lema da liberdade com responsabilidade para encobrir um dos seus propósitos — acabar com a chamada imprensa proletária mantida pelos trabalhadores. Com o governo de Artur Bernardes, o cerco é apertado e se estende aos grandes jornais, através do instrumento do estado de sítio. “O Estado de S. Paulo” e o “Correio da Manhã” são fechados e as redações assistem, pela primeira vez, a um fato que se repetiria com alguma constância a partir de então: a chegada do censor”. FILHO, Barreto Leite. Na década de 20, a agonia do regime. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05. 01. 1979. Entrevista disponível no site: [http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria\\_1.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_1.htm). Acesso: 10 outubro de 2008.

Assim sendo, não podemos aceitar sem crítica aquela explicação genérica que procurou atribuir a Revolução de Outubro uma importância significativa para a falência do movimento anarquista no Brasil<sup>222</sup>. Por outro lado, sabemos que os intelectuais brasileiros estavam igualmente sendo influenciados pelo contexto de mudanças externas. Além do mais, devemos também levar em conta que, em março de 1919, os comunistas, sob a liderança de Lênin, fundaram em Moscou a I Internacional Comunista, esta instituição passou, a partir de então, a desempenhar um papel essencial no sentido de divulgar as ideias comunistas, ao mesmo tempo em que se esforçava para esclarecer as diferenças entre o marxismo e o anarquismo<sup>223</sup>.

---

<sup>222</sup> O Brasil, assim como os demais países da América Latina, inicialmente, não tinha condições para compreender o que se passava na Rússia revolucionária. Para se ter uma ideia, alguns de nossos intelectuais anarquistas chegaram, mesmo sem entender direito o que se passava, a saudar a vitoriosa revolução “libertária” que se instalou naquele país. A confusão era generalizada acerca do verdadeiro significado por trás da Revolução de Outubro. Somente após a fundação da Internacional Comunista, em 1919, a esquerda internacional, incluí-se a brasileira, encontrou algumas respostas para perceber que não se tratava, como se imaginou, de um levante anarquista, e sim, um movimento, fundamentalmente, comunista. DEL ROIO, Marcos. O Impacto da Revolução russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim & FILHO, Daniel Aarão. *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*, Vol.1. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

<sup>223</sup> Conforme argumentou o historiador Boris Koval, quando Lênin assumiu a direção da Internacional Comunista no ano de 1919, imediatamente se encarregou de explicar por meio de livros, folhetos e periódicos, seminários, etc., que a Revolução Russa era, na verdade, um movimento fundamentalmente comunista, tendo como suporte ideológico a teoria marxista. Portanto, divergia, em diversos aspectos, da ideologia anarquista. O esforço de Lênin em explicitar tais diferenças se justificava, pois, conforme assinalamos anteriormente, a confusão era generalizada, principalmente na América Latina, incluí-se o Brasil. KOVAL, Boris. *La gran revolución de octubre y América Latina*, op. cit., p. 80.



FIGURA 6: Octávio Brandão, Astrogildo Pereira, Afonso Schmidt, Edgard Leuenroth e Antônio Bernardo Canellas.

*Banco de imagem – AEL/ Unicamp*

### 3. 3 O encontro com as ideias marxistas e com o Partido Comunista do Brasil (1922 – 1923)

De que maneira se processou a transição do intelectual para o comunismo? À primeira constatação, essa passagem não se procedeu sem traumas e instantaneamente, foi algo gradual. Brandão, em *Combates e batalhas*, recordou que as agitações anarquistas e anarco-sindicalistas, desde meados de 1919, já não empolgavam as massas operárias; a partir do ano de 1921, a situação ficou ainda mais delicada. Foi diante desse novo contexto, que tomou consciência da derrota:

A grande vaga de movimentos operários e populares de 1917-1920 foi reprimida brutalmente. 1921 foi o ano da vazante. Os trabalhadores estavam vencidos. Os sindicatos, esfacelados. Diante desta situação, sofreu profundamente em 1921. Compreendia que haviam sido cometidos erros inúmeros. Não admitia a volta ao passado. Procurava ansiosamente uma saída. Mas não encontrava nenhuma.<sup>224</sup>

De acordo com Brandão, diante deste novo cenário, repleto de mudanças internas e externas, houve um esvaziamento dentro do movimento operário brasileiro, após acumular uma série de derrotas no campo de batalha; muitos líderes tomaram caminhos distintos. Acrescentou o intelectual que não foram muitos os que tiveram a sensibilidade necessária para refletir acerca de tais transformações. A esse respeito, o Boris Koval assinalou que:

Algunos perdieron confianza en la fuerza de la clase obrera y cayeron en el pantano del oportunismo. Otros – Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, João da Costa Pimenta y sus compañeros – supieron interpretar correctamente las enseñanzas de la insurrección, llegando a comprender que el éxito del movimiento obrero depende del nivel de la organización política del mismo. La deducción principal consistió en reconocer la necesidad de un nuevo partido obrero. El fracaso de la insurrección armada de noviembre desvaneció definitivamente la confianza en los viejos dogmas y coadyuvó a modificar la actitud de los sindicalistas de izquierda avanzados. Precisamente este grupo desempeñó el papel decisivo en la constitución de partido proletario marxista-leninista em Brasil.<sup>225</sup>

Ademais, como era de se imaginar, as repercussões provocadas pela Internacional Comunista logo se fizeram presente no Brasil, aliás, a partir de 1920, várias livrarias passaram a importar um grande número de livros da França cuja temática girava em torno da Rússia e, igualmente, acerca das idéias de Marx, Engels e Lênin. Conforme argumentou Edgard

<sup>224</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 211.

<sup>225</sup> KOVAL, Boris. *La gran revolución de octubre y América Latina*, op. cit., p. 104-105.

Carone, essa literatura revolucionária, cada vez mais expressiva, “[...] é absorvida pela elite dos operários brasileiros, que traduz alguns livros da safra inicial e os publica em jornais”<sup>226</sup>.

Brandão comentou que as deficiências no interior do movimento operário brasileiro, as experiências frustradas nos combates travados durante as primeiras décadas do século XX, havia demonstrado para alguns líderes do movimento anarquista e operário que seria necessário encontrar outros métodos de luta, bem como outra ideologia revolucionária<sup>227</sup>.

A partir destas meditações, alguns indivíduos<sup>228</sup> tomaram a iniciativa e fundaram em Niterói, no dia 25 de março de 1922, o Partido Comunista do Brasil, que pouco tempo depois, se transformou no principal organismo revolucionário de esquerda do país. Em uma pequena folha de anotações, sem título, datilografada, e com várias correções realizadas a lápis, Brandão explicou as dificuldades que os seus camaradas tiveram que enfrentar para fundar o PCB. Reproduzimos o conteúdo abaixo:

O Partido Comunista do Brasil nasceu a 25 de março de 1922. As condições eram difíceis. A situação internacional caracterizava-se pelo refluxo da revolução mundial e pela estabilização parcial do capitalismo. [...] a situação nacional caracterizava-se por 4 anos de estados de sítio, o grande movimento operário e popular de 1917-1920 caíra completamente. Os sindicatos estavam desorganizados. [...] Em situação tão difícil, operários e intelectuais fundaram o PC. Tiveram de começar pelo começo, pois, no Brasil não existia nenhuma tradição marxista. Os próprios fundadores tinham vindo do anarquismo.<sup>229</sup>

Apesar de ter uma aproximação enorme com os principais representantes do PCB, especialmente com Astrojildo Pereira, que freqüentava, quase diariamente, sua farmácia, situada na Rua General Câmara, número 307, e emprestava-lhe seus livros de autores marxistas, principalmente as obras de Marx, Engels e Lênin, incrivelmente, Brandão não aderiu de início ao movimento comunista. Segundo informou tempos depois, houve várias

<sup>226</sup> Para uma melhor compreensão acerca do processo editorial das obras de Marx e Engels no Brasil, sugerimos a leitura da seguinte obra: CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p. 33.

<sup>227</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 209.

<sup>228</sup> Quando os nove delegados se reuniram em Niterói, no dia 25 de março de 1922, para fundar o Partido Comunista do Brasil, Brandão não estava presente. Porém, conforme veremos mais adiante, nos anos seguintes, poucos tiveram uma importância tão significativa para o partido quanto o intelectual alagoano. A título de curiosidade, estavam presentes na cerimônia de fundação do PCB, o jornalista do Rio de Janeiro Astrojildo Pereira, o barbeiro originário do Líbano Abílio Nequete, o contador pernambucano Cristiano Cordeiro, o gráfico paulistano João da Costa Pimenta, o eletricitista da cidade de Cruzeiro Hermogênio da Silva Fernandes, o alfaiate do Rio de Janeiro Joaquim Barbosa, o sapateiro do Rio de Janeiro José Elias da Silva, o alfaiate espanhol, Manoel Cedón e o vendedor de vassouras do Rio de Janeiro, Luís Peres. Como se observa, os delegados do partido vieram de diversos segmentos da sociedade e regiões do país. ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985.

<sup>229</sup> BRANDÃO, Octávio. Fragmento datilografado do autor, sem título e data. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH.

razões para ter tomado essa decisão, a começar: “Não conhecia as obras marxistas. Não poderia aderir como um simples membro da base. Teria de aderir como combatente, militante, com certa formação teórica. Teria de travar imediatamente uma luta furiosa contra o anarquismo e seus partidários”<sup>230</sup>.

Enquanto o PCB dava seus primeiros passos no intuito de ampliar o número de militantes<sup>231</sup>, o intelectual se esforçava para compreender a complexa teoria marxista e os conceitos fundamentais, tais como, a luta de classes, o materialismo histórico e a dialética, apresentado na obra, *O Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, e, igualmente, o verdadeiro caminho revolucionário, exposto, principalmente, nas obras, *O Estado e a Revolução*, *Esquerdismo: doença infantil do Comunismo*, de Lênin. Ao passo que aprofundava suas leituras<sup>232</sup>, o entusiasmo com a descoberta da filosofia marxista se ampliava e, novamente, o enchia de sonhos e expectativas. A leitura destas e de outras obras marxistas acabaram sendo fundamentais em sua formação intelectual.

Em relação à filiação partidária, foi solicitada, somente, sete meses após a fundação do Partido, no dia 15 de outubro de 1922. De acordo com o próprio autor, com esta decisão, estabeleceu seu terceiro passo libertador. Sobre este episódio supostamente transitório de sua vida, recordou:

Na pequena farmácia, a 15 de outubro, assinei a papeleta de adesão. Astrojildo resolveu tornar solene o ato e recomendou como a data de adesão: 7 de novembro de 1922. Neste dia, apesar do estado de sítio, a sede do sindicato têxtil, a Rua Acre 19, ficou cheia de trabalhadores, que foram comemorar o 5.º aniversário da revolução proletária na Rússia. Nessa reunião, Astrojildo anunciou minha adesão ao PCB. Falei exaltando a revolução socialista e expliquei porque me tornara comunista, partidário da doutrina de Marx, Engels e Lênin.<sup>233</sup>

Assim que aderiu ao movimento comunista, iniciou um trabalho fundamental sem precedente e, quiçá, procedente na história do Partido. O engajamento político se fez sentir

<sup>230</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 231.

<sup>231</sup> Naquela época, de acordo com Brandão, o Partido Comunista do Brasil contava com apenas 73 filiados em todo o país, conforme acrescentou: “[...] Viviam perdidos em algumas cidades e dispersos através das imensas vastidões”. BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p. 48.

<sup>232</sup> Além destas obras referenciadas, Brandão comentou que nos anos seguintes entrou em contato com as seguintes obras marxistas: “Lênin: *Que fazer?*; *A Democracia Burguesa e a Ditadura Proletária*; *Os Problemas do Poder dos Soviéticos*; *Os Bolchevistas e os Camponeses*; *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky*. Marx e Engels: *A Guerra dos Camponeses na Alemanha*; *Revolução e Contra-revolução na Alemanha*; *As Lutas de Classes na França em 1848 – 1850*; *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte*; *A Guerra Civil na França*; *Sobre a Comuna de Paris*; *Miséria da Filosofia*; *Anti-Dühring*; *Ludwig Feuerbach*; *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*; um resumo de *O Capital*. O ‘Prefácio’ da *Contribuição à Crítica da Economia Política*”. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 232.

<sup>233</sup> *id. ibid.* p. 233.

desde as primeiras semanas de sua filiação. Ao tomar consciência quanto à importância da *práxis*<sup>234</sup>, talvez compreendida a partir da leitura das *Teses de Feuerbach*, passou a difundir, entre os intelectuais e operários as idéias revolucionárias expressa no pensamento de Lênin, Marx e Engels.

É interessante observar que a ordem de importância dos pensadores era a mesma apresentada acima, pois, durante os primeiros anos do PCB, Lênin ocupou um espaço privilegiado<sup>235</sup>, inclusive, superior aos seus mestres Marx e Engels. Para perceber o desenvolvimento desta questão, entre os livros mais lidos pelos comunistas brasileiros, a grande maioria era do pensador russo. O historiador Edgard Carone, um especialista no assunto do marxismo no Brasil, sublinhou que a preferência por Lênin tem uma explicação racional, é que o marxismo chegou ao Brasil, assim como ocorreu em outros países da América Latina, por meio das influências do leninismo revolucionário<sup>236</sup>. O seguinte comentário de Brandão, exposto no artigo *A vida de um escritor*, ilustrou perfeitamente esta questão a qual nos referimos:

Lênin é a maior personalidade da História Universal em todos os tempos. Foi o homem que exerceu maior influência em minha vida. Sempre nas horas difíceis, volto os pensamentos e os sentimentos nacionais para Lênin. Desde 1922, reuni grupos de operários e trabalhadores em geral. Interroguei-os. Estudamos, coletivamente, fragmentos das obras do Mestre. Discutimos. Examinamos, em conjunto, uma série de problemas nacionais. – Como aplicar, no Brasil, de acordo com as condições concretas do país, os pensamentos de Lênin? A partir de 1922, procurei incutir nos operários a confiança, a admiração e a veneração por Lênin. Dizia-lhes: – Lênin é o guia excepcional para a ação revolucionária!<sup>237</sup>

Cada vez mais convicto quanto à importância revolucionária de Lênin e, igualmente, das idéias comunistas, em fins de 1922, iniciou um estudo acerca da Revolução de Outubro.

---

<sup>234</sup> Para Brandão, a *práxis* seria uma forma do saber prático ao qual tem por finalidade transformar, conservar ou mesmo ultrapassar a realidade social. O intelectual compreendeu que seria necessário empreender um enorme esforço de vanguarda para realizar a difusão das idéias dos pensadores marxistas no Brasil. Tinha noção das dificuldades que teria de enfrentar, porém, buscou para si a responsabilidade, analisou as condições onde a batalha seria travada e iniciou o projeto de transformação social.

<sup>235</sup> A enorme admiração pela figura de Lênin durante aqueles anos fez com que o historiador Leandro Konder ironizasse a importância que Brandão concebeu ao pensador russo. Segundo assinalou Konder: “[...] Sob o impacto da ‘Revolução de Outubro’, ocorrida na Rússia de 1917, numerosos ativistas revolucionários, em vários países, fortemente impressionados pela vigorosa personalidade do líder russo, começaram a dar sinais de que estavam atacados pela mania de ser Lênin. O Brasil tem diversos casos desse tipo. Um deles é particularmente interessante: o caso de Octávio Brandão, o intelectual que maior influência exerceu sobre o pensamento dos comunistas brasileiros durante a primeira década de existência do PCB”. KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros e marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. p. 19.

<sup>236</sup> CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil*, op. cit., p. 62.

<sup>237</sup> BRANDÃO, Octávio. *A vida de um escritor*. In: OLIVEIRA, José Guedes. *Cartas de Octávio Brandão: memórias*, op. cit., p. 91.

Apesar de ter concluído o livro no mesmo ano, só foi publicado, de fato, em janeiro de 1924, sob o título: *Rússia Proletária*<sup>238</sup>. Como verificamos, o autor pretendeu se apresentar, perante os leitores e companheiros de partido, como um intelectual que havia superado, de uma vez por todas, os antigos “desvios” libertários do passado e, ao mesmo instante, procurou reforçar sua adesão, incondicional, às idéias marxistas. Em outros termos, segundo justificou o autor, *Rússia Proletária* se constituiu num verdadeiro divisor de águas em seu pensamento, assinalou sua transição definitiva do anarquismo para o comunismo<sup>239</sup>.

Ainda no início do ano de 1923, foi eleito membro da Comissão Central Executiva do Partido. Sob sua orientação, se criou a Comissão de Educação e Cultura, que tinha como finalidade promover as agitações e produzir a propaganda ideológica do partido<sup>240</sup>. Tendo em vista a pouca atenção que os demais membros do partido despendiam a produção teórica, o intelectual buscou para si a responsabilidade de difundir as idéias marxistas no interior do movimento operário brasileiro<sup>241</sup>.

Empenhado nesta função, entre maio e julho de 1923, realizou um feito imensurável para os comunistas brasileiros. Mesmo com a polícia truculenta do presidente Arthur Bernardes a sua espreita<sup>242</sup>, vigiando todas as movimentações freqüentes em sua farmácia,

---

<sup>238</sup> BRANDÃO, Octávio. *Rússia Proletária*. Rio de Janeiro: s/ed, 1924.

<sup>239</sup> Sobre o argumento de Brandão, devemos ter um certo cuidado, pois, observando o conteúdo da obra, percebemos que a transição não se operou de maneira tão ligeira. Ademais, a adesão ao marxismo também não garantiu que se esquivasse de algumas incompreensões acerca da complexa filosofia marxista. O próprio autor reconheceu, mais tarde, tais deficiências. Numa espécie de autocrítica, recordou: “*Rússia Proletária* marcou uma fase de transição. Teve falhas políticas e ideológicas. Apresentou incompreensões do marxismo, sobrevivências do passado e do idealismo filosófico”. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 234.

<sup>240</sup> *id. ibid.* p. 238.

<sup>241</sup> Além de ter difundido o conteúdo comunista e marxista entre os trabalhadores, realizou, no mesmo ano, uma série de conferências, objetivando combater a ideologia anarquista, ainda bastante enraizada no interior do movimento operário brasileiro e, ao mesmo tempo, promover uma aproximação com os sindicatos operários do país.

<sup>242</sup> A respeito da repressão policial se intensificou após as repercussões do dia 1º de maio de 1923, na ocasião das comemorações do Dia Internacional do Trabalho. Nos comentários de Brandão, temos uma idéia acerca do significado daquela manifestação histórica para os comunistas brasileiros. Valendo-se das palavras do autor: “A 1.º de Maio de 1923, os trabalhadores em massa compareceram ao comício da Praça Mauá, sob as palavras de ordem da luta de classes e do internacionalismo proletário. O comício aprovou moção especial pela unificação sindical, pela unidade de ação da classe operária, contra o fascismo e as guerras imperialistas. O PCB lançou aos trabalhadores um ‘apelo de fraternidade e energia’, chamando-os à organização sindical. No Rio de Janeiro, a Aliança dos Trabalhadores em Marcenarias proclamou ‘a emancipação integral dos trabalhadores do despotismo capitalista’. A União dos Alfaiates publicou um manifesto chamando os operários a não trabalhar no 1º de Maio. Houve muitas reuniões nos sindicatos. Na da Associação Gráfica, foi aprovada moção de luta contra o fascismo. [...] O 1.º de Maio de 1923 teve, pois, importância política. Demonstrou o despertar das forças proletárias sob a influência do PCB. O governo e sua polícia ficaram alarmados”. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 245. O fato inquestionável é que o Brasil, a partir do ano de 1922 a 1926, passou a ser governado por meio de um estado de sítio, imposto pelo presidente Arthur Bernardes. As liberdades políticas, assim como as atividades da imprensa, passaram a ser controladas pela polícia política. O que se sucedeu, de fato, foi uma série de perseguições direcionadas aos grupos de esquerda, em especial, aos comunistas.

traduziu o livro *O Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels<sup>243</sup>. O texto saiu impresso, inicialmente, nas páginas do jornal sindical *Voz Cosmopolita*, do Rio de Janeiro. Nesse sentido, cabe aqui salientarmos, a título de compreensão, que esta foi à primeira obra daqueles filósofos alemães publicada no Brasil<sup>244</sup>. Arriscou a própria vida num esforço pioneiro no intuito de difundir a teoria marxista pelo país. Conforme recordou tempos depois: “[...] Incansavelmente, em torno do *Manifesto Comunista*, fiz na ilegalidade palestras e leituras para os trabalhadores do Rio de Janeiro e Niterói. Astrojildo e Paulo de Lacerda fizeram o mesmo”<sup>245</sup>.

Sem embargo, apesar da coragem do militante comunista em difundir o conteúdo revolucionário presente na obra de Marx e Engels, infelizmente não nos foi possível verificar os resultados precisos da repercussão do *Manifesto Comunista* na imprensa operária, tampouco, no interior do movimento operário brasileiro durante aqueles anos, pois, faltaram-nos documentos para isso. Grosso modo, podemos apenas supor que as perseguições praticadas pela polícia do presidente Bernardes contribuíram, definitivamente, para amedrontar os prováveis leitores e comentadores. Ademais, nesse mesmo período, caracterizado por uma série de prisões arbitrárias aos opositores do regime político vigente, o intelectual e dirigente da Comissão Central Executiva do Partido Comunista, liderou um verdadeiro embate político no intuito de libertar da prisão o cozinheiro José Leandro, que havia sido condenado a 30 anos de reclusão. A campanha levada a cabo por Brandão obteve êxito, em meados de 1924, José Leandro acabou sendo libertado dos porões da polícia truculenta de Bernardes<sup>246</sup>.

Em linhas gerais, a trajetória de vida de Brandão em vários momentos se confundiu tanto com a história do movimento operário brasileiro, quanto com a do próprio Partido Comunista do Brasil, durante os primeiros anos de sua existência. Conforme veremos mais adiante até, pelo menos o início da década de 1930, a influência do intelectual será cada vez mais significativa entre os comunistas. Apesar das inúmeras lutas empreendidas, sua maior

---

<sup>243</sup> A tradução realizada por Brandão se deu a partir da edição francesa de Laura Lafargue (filha de Marx). Esta obra havia sido revista pelo próprio Engels antes de ser publicada na França. Portanto, sem problemas de desvios de idéias, típicas de traduções mal realizadas.

<sup>244</sup> O material traduzido por Brandão foi enviado, inicialmente, ao colega Samuel Speisky, de Porto Alegre, no intuito de editar e publicar a obra. Num primeiro momento, foi impressa em folhetos em Porto Alegre, na seqüência, nas páginas do jornal *Voz Cosmopolita*, do Rio de Janeiro. Em 1924, menos de um ano depois, acabou se transformando em livro, publicado pelo PCB. A capa ganhou uma fotografia de Marx e, ao final do texto, em uma nota do tradutor, encontra-se o seguinte comentário direcionado aos trabalhadores brasileiros: “Chamamos a atenção do proletariado do Brasil para a obra imortal de Karl Marx e Friedrich Engels, geniais precursores de Trotski e Lenine”. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Porto Alegre: PCB, 1924.

<sup>245</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 242.

<sup>246</sup> BRANDÃO, Octávio. *A luta libertadora*, op. cit., p.49.

contribuição intelectual para com o movimento comunista e operário do Brasil, ainda estaria por vir.

À guisa de conclusão do exposto, como evidenciado, os primeiros meses de Octávio Brandão na Capital Federal não foram fáceis. Distante da família, dos amigos que deixou para trás em Alagoas, sem conseguir um emprego fixo que pudesse proporcionar certa tranquilidade financeira, por estas e outras questões, mais uma vez passou a sofrer de enorme solidão.

Em relação às primeiras atividades políticas, desde o início de 1919, participou de algumas conferências realizadas na Sociedade de Geografia e, igualmente, na Biblioteca Nacional, no intuito de divulgar os resultados de sua pesquisa pioneira acerca da existência de importantes minerais, em especial, o petróleo. Na mesma época, procurou uma editora que pudesse se interessar por seu livro *Canais e lagoas*, porém, não obteve sucesso. Para publicá-lo, teve de desembolsar do seu próprio bolso a quantia necessária, foram apenas 500 exemplares impressos. De imediato, a repercussão do livro não correspondeu às expectativas depositadas pelo escritor. A frustração acumulada durante aqueles primeiros meses, fez com que cogitasse a possibilidade de deixar o país. Certamente, o fato de ter conhecido a poetisa Laura da Fonseca, sua futura esposa, o ajudou a superar, parcialmente, estas crises.

Ainda em 1919, inconformado com as injustiças da sociedade que vivia, entrou em contato com o movimento operário do Rio de Janeiro. A partir de então, participou de inúmeras greves, manifestações populares e operárias sob a orientação das idéias anarquistas. Conforme constatamos, o enorme engajamento político pode ser facilmente identificado nos principais jornais de esquerda daquela época, bem como em alguns de seus livros. Ademais, o intelectual se transformou numa figura de grande destaque entre as lideranças da causa anarquista. Porém, a partir principalmente do ano de 1922, após uma série de transformações conjunturais, em particular, a fundação do Partido Comunista do Brasil, o anarquismo, que já vinha acumulando uma série de derrotas, perdeu ainda mais força no interior do movimento operário brasileiro.

Diante deste contexto de mudanças, vários intelectuais deixaram de defender a causa libertária; passaram a depositar suas expectativas na organização de um partido forte e centralizado, influenciado, sobremaneira, pelas repercussões da Revolução Russa e pela Internacional Comunista. Este foi o caso de Brandão, que entusiasmado pelo ex-anarquista, Astrojildo Pereira, aderiu ao comunismo sete meses depois da fundação do PCB. Foi justamente durante este período que entrou em contato, pela primeira vez, com as idéias de Marx, Engels e Lênin. Em outros termos, o intelectual parecia ter encontrado, naquele

momento de intensa efervescência política, aquilo que sempre desejou obter, ou seja, uma base teórica consistente, capaz de organizar e direcionar suas ações revolucionárias. Os livros de autores marxistas, emprestados pelo amigo Astrojildo Pereira, o encheram novamente de expectativas em relação ao futuro.

No início de 1923, foi eleito dirigente da Comissão Central Executiva do PCB, sendo assim, sua função, entre outros aspectos, seria promover o partido entre as massas operárias e organizar manifestações populares. Foi justamente durante este período interessante que, num ato de coragem, o dirigente driblou a censura imposta pelo presidente Bernardes, e traduziu para o português *O Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels. A partir de então, passou a difundir o conteúdo revolucionário presente na obra entre alguns intelectuais e operários ligados ao Partido. É interessante notarmos que Brandão, diferentemente dos demais dirigentes pecebistas, havia compreendido à importância da *práxis*, entendida pelo intelectual como sendo o único meio capaz de transformar a realidade social brasileira daquela época.



FIGURA 7: Octavio Brandão, no fundo, na extrema direita, de chapéu, terno e gravata, possivelmente na porta de uma fábrica têxtil, em Botafogo, no Rio de Janeiro, década de 1920.

*Coleção particular pertencente à Dionysa Brandão Rocha*

**CAPÍTULO 4**  
O SONHO DA REVOLUÇÃO  
PROLETÁRIA E COMUNISTA  
NO BRASIL

#### **4. SINAL DE TEMPESTADE: O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DA OBRA AGRARISMO E INDUSTRIALISMO E OUTRAS ATIVIDADES POLÍTICAS REALIZADAS NO RIO DE JANEIRO (1924 – 1931)**

Tomo partido, vivo, sinto que já pulsa nas consciências viris do meu partido a atividade da cidade futura que estamos construindo. E, nela, a cadeia social não pesa apenas sobre poucos; nela, nada que sucede se deve ao acaso, à fatalidade, mas é obra inteligente dos cidadãos. Não há nela ninguém que fique olhando pela janela enquanto poucos se sacrificam, consumindo-se no sacrifício; ninguém que fique à janela, escondido, querendo usufruir um pouco do bem que a atividade de poucos cria e que manifeste sua desilusão ofendendo o sacrificado, o que consumiu, porque este não teve êxito em sua tentativa.

Antonio Gramsci  
(*Escritos Políticos*)

Este coração largo e generoso que se abriga no peito de Octávio Brandão, esta simpatia contagiante que se espelha através do seu sorriso aberto e bondoso, o seu olhar sereno e meigo, por onde se vê a pureza dos seus atos e intenções, o seu falar calmo e manso, contrastam com a rigidez do seu caráter, com a firmeza de suas convicções, com a inabalável vontade de vencer na concretização do seu ideal por um Brasil redimido, por uma humanidade menos sofredora.

Rita Palmares  
(*Gazeta de Alagoas*, 29.05.1960)

Neste quarto capítulo, pretendemos realizar uma análise rigorosa acerca do período que julgamos ser o mais interessante e revolucionário da vida do intelectual comunista Octávio Brandão, ou seja, entre os anos de 1924 a 1931. Nesse sentido, devemos aqui ressaltar que nossa problemática de pesquisa consiste em interrogar: quais foram às interpretações sobre a realidade social e política brasileira com base nas idéias marxistas, expresso, sobremaneira, na obra *Agrarismo e Industrialismo*?

##### **4. 1 Período de incertezas: o engajamento político (1923 – 1924)**

O início da militância política pelo Partido Comunista do Brasil trouxe consigo uma série de desafios e mudanças na vida pessoal do intelectual Octávio Brandão. A começar, a polícia política do presidente Arthur Bernardes passou a vigiar, com mais atenção, todas as

suas ações. Em busca de expor com mais clareza este momento, entre os meses de maio e junho de 1923, acabou preso outras duas vezes. Para agravar ainda mais a situação, a pequena farmácia que, até então, garantia o sustento da família, a partir de meados de 1923, deu os primeiros sinais de falência. Seria necessário encontrar outros meios para sobreviver. Ademais, somou-se outra preocupação na vida do comunista, em julho do mesmo ano, nasceu a segunda filha do casal, Vólia, em meio a todas estas turbulências<sup>247</sup>.

Diante de tais circunstâncias, cada vez mais empobrecido, teve de mudar, novamente de residência. Primeiro mudou-se para uma casa simples, na Rua Riachuelo, número 172, pouco tempo depois, para a Rua do Curvelo, número 11, no bairro de Santa Teresa. Nesse período de enormes incertezas, procurou alguns trabalhos que pudesse proporcionar uma renda extra para a família, conseguiu um emprego provisório de tradutor de novelas francesas, porém, conforme comentou foi por pouco tempo, uma vez que pagavam muito pouco pelo trabalho.

As responsabilidades aumentaram quando o Secretário Geral do Partido, Astrojildo Pereira, partiu no ano de 1924 para Moscou, no intuito de participar de um congresso entre as lideranças comunistas. Brandão teve que substituir o companheiro integralmente em várias funções, um exemplo, na revisão do *Rio-Jornal*, bem como nas oficinas de *O Imparcial*<sup>248</sup>. Como se observa, a vida de um militante comunista no Brasil não era nada fácil, além dos problemas pessoais que vinha atravessando, teve de se dedicar inteiramente ao partido, que pairava soberano acima de qualquer drama pessoal<sup>249</sup>. Em meio à tarefa de organização do movimento operário e, igualmente, agitação partidária, Brandão recordou que os comunistas brasileiros naquela época foram fortemente impactados pela notícia inesperada do falecimento de Lênin, ocorrido no dia 21 de janeiro de 1924. Conforme sublinhou, em um ato solene, o PCB imediatamente manifestou seu pesar por meio de um telegrama redigido rapidamente pelo próprio Brandão e enviado às pressas a sede da Internacional Comunista<sup>250</sup>.

Em Moscou, após a morte de Lênin, duas vertentes antagônicas duelaram entre si pelo poder hegemônico político no interior do Partido Comunista Soviético. De um lado

---

<sup>247</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 248.

<sup>248</sup> *id. ibid.* p. 249.

<sup>249</sup> Estamos pensando, mais uma vez, em conformidade com Pierre Bourdieu, que em seu estudo acerca da sociologia dos partidos políticos, sustentou a hipótese de que os partidos de esquerda são, geralmente, os mais rígidos, disciplinadores e autoritários. Nessa perspectiva, tanto os dirigentes quanto os militantes, estão submissos a algo sempre maior e mais importante, que é a obrigação para com o partido. Evidentemente que Bourdieu estava pensando, especificamente, a realidade dos partidos políticos franceses, porém, entendemos que o exemplo também válido para a nossa realidade. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

<sup>250</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 260.

encontravam-se os stalinistas, do outro, os trotskistas, ambos os grupos reivindicavam a herança leninista, porém, eram completamente opostos entre si em diversos aspectos. Devemos aqui registrar, a título de compreensão, que o embate político referido acima, ganhou repercussão em escala internacional e entrou na pauta das discussões de todos os PCs<sup>251</sup>. Com base nos depoimentos de Brandão, os comunistas brasileiros tomaram conhecimento destas questões por intermédio, principalmente, da revista parisiense *La Correspondence Internationale*, que era importada e lida com certa frequência por algumas figuras intelectualizadas do partido<sup>252</sup>. Porém, tais discussões só ganharam força a partir da década de 1930, quando se estabeleceu uma cisão definitiva entre stalinistas e trotskistas<sup>253</sup>.

Em relação ao engajamento político durante aquele período, conforme recordou em *Combates e batalhas* voltou-se, por inteiro, para a atividade de propaganda e formação comunista. Redigiu inúmeros estudos e panfletos e os divulgou em fábricas, sindicatos, mercados, em todos os lugares onde se encontravam os trabalhadores. O intelectual estava inteiramente convicto quanto à importância da conscientização das massas operárias, como único meio possível para superar as amarras da sociedade capitalista e implantar o regime comunista. Citamos aqui, a título de exemplo, o livro produzido no ano de 1924, intitulado, *Abecedário dos trabalhadores*<sup>254</sup>. Logo no início do texto, em uma epígrafe, o intelectual chamou a atenção dos trabalhadores da seguinte maneira: “Organizemos e conquistemos, para a luta internacional das classes, os milhões de trabalhadores do Brasil!”<sup>255</sup>. A propaganda de vanguarda, empreendida por Brandão, como não poderia ser diferente, mais uma vez chamou a atenção das autoridades policiais, que acabou confiscando parte deste material que estava sendo divulgado<sup>256</sup>.

<sup>251</sup> KAREPOVS, Dainis, LOWY, Michel, MARQUES NETO, José Castilho. Trotsky e o Brasil In: MORAES, João Quartim de. *História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos*, Vol. 2. Campinas, Ed. da Unicamp, 1995. p. 223 – 246.

<sup>252</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. p. 261.

<sup>253</sup> De acordo com o historiador Ângelo José da Silva, a cisão entre trotskistas e stalinistas se deu, principalmente, a partir de posições opostas em relação ao caminho que deveriam se orientar para se fazer a revolução. Valendo-se das análises do historiador: “No final da década de 1920, Trotsky encontrava-se exilado na Turquia. Os trotskistas, por sua vez, procuravam reagrupar-se. No interior do movimento oposicionista havia algumas posições políticas que buscavam a fundação de novos partidos, desligados dos PCs. Posicionando-se de maneira contrária a esta política, Trotski acabou por romper com alguns dirigentes internacionais, dentre eles Maurice Paz (França), Hugo Urbhans (Alemanha) e Henk Sneevliet (Holanda), por considerar que o PCUS e a Internacional Comunista poderiam ser ‘recuperados’ para a revolução. No Brasil, o surgimento do Grupo Comunista Lênin e, posteriormente, da Liga Comunista Internacional (bolchevique-leninista) se dá dentro desta perspectiva, ou seja, constituir-se como uma fração do PCB e tentar impulsiona-lo para a política que considerava mais apropriada para a revolução”. SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e Trotskistas: a crítica operária à revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002. p. 133 – 134.

<sup>254</sup> BRANDÃO, Octávio. *Abecedário dos trabalhadores*. Rio de Janeiro: s/e, 1924.

<sup>255</sup> *id. ibid.* p. 2.

<sup>256</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 264.

Conforme veremos no tópico a seguir, o engajamento político e, igualmente, a produção intelectual se intensificou a partir do segundo semestre de 1924, quando repercutiram no Rio de Janeiro as notícias do levante dos tenentes paulistas, que se rebelou contra o presidente Arthur Bernardes. Logo após o desfecho deste movimento, quase imediatamente, Brandão procurou tomar conhecimento acerca dos interesses presente no conflito e, a partir destas análises, produziu sua principal obra, a que lhe proporcionou reconhecimento.

#### **4. 2 O contexto da produção de *Agrarismo e industrialismo* e outras atividades importantes no Rio de Janeiro (1924 – 1926)**

Para que possamos compreender o significado de *Agrarismo e industrialismo*<sup>257</sup>, estudo pioneiro realizado por Octávio Brandão, torna-se necessário reconstruir parte da atmosfera social e política brasileira da segunda metade da década de 1920, quando estouraram em diversos quartéis do país uma série de insurreições empreendidas, principalmente, por jovens tenentes do exército, que canalizavam, de certa forma, os anseios de mudança da classe média urbana brasileira.

Uma das insurreições mais importantes até o começo dos anos 1930 ocorreu na cidade de São Paulo<sup>258</sup>, teve início no dia 05 de julho de 1924, quando os rebeldes deixaram os quartéis e tomaram a capital paulista por 23 dias. Segundo dados apresentados pelo próprio Brandão, o conflito envolveu aproximadamente cerca de 6 mil tenentes rebelados contra 18 mil soldados governistas. Este episódio era uma continuação de outro levante parecido, ocorrido anteriormente na cidade do Rio de Janeiro, dois anos antes<sup>259</sup>.

<sup>257</sup> MAYER, Fritz (pseud.) *Agrarismo e industrialismo*, op. cit.,

<sup>258</sup> A historiadora Anna Maria Corrêa Martinez apresentou algumas hipóteses prováveis que podem contribuir para explicar a escolha de São Paulo como palco da luta armada dos militares. Para a historiadora, em primeiro lugar, devemos considerar que a capital paulista possuía um aparato policial menos vigilante e, portanto, menos repressivo do que aquele articulado na cidade do Rio de Janeiro. Em segundo, tratava-se de uma região em crescimento, por conta disso, os revoltosos não seriam identificados com tanta facilidade. Em terceiro, conforme justificou o líder do movimento, o general Isidoro: “[...] as revoluções no Rio fracassaram porque São Paulo prestava ao Governo Federal seu braço forte e então escolheram São Paulo para o primeiro teatro da revolução a fim de que dominado aqui o governo, prosseguissem para o Rio conforme iam fazer”. Declarações de Antônio Alves Lobo. *apud*. CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1976. p. 78.

<sup>259</sup> Este movimento é mais comumente conhecido como Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, deflagrado no dia 05 de julho de 1922. Grosso modo, o objetivo principal do levante dos tenentes do Rio de Janeiro, que canalizavam os interesses da classe média brasileira, era, por um lado, derrubar o presidente, Arthur Bernardes e, por outro, acabar com a República Oligárquica. Ademais, de acordo com o historiador Boris Fausto, havia ainda um outro motivo fundamental, que foi pouco explorado pela historiografia. O desejo dos tenentes reformarem as próprias Forças Armadas, que naquele momento encontrava-se visivelmente dividida entre “quadros médios e cúpula”. Apesar da derrota dos insurgentes, o episódio acabou sendo importante para outras formas de

Após os rebeldes expulsarem o governador de São Paulo, Carlos Campos, e tomarem por inteiro a cidade sob a liderança do general Isidoro Dias Lopes, o Presidente da República, Arthur Bernardes, enviou imediatamente suas tropas e realizou inúmeros ataques seguidos sobre a capital paulista. Valendo-se dos relatos de Brandão: “dia e noite, São Paulo foi horripelmente bombardeada. Bairros, fábricas, riquezas imensas foram devorados pelas labaredas, na voragem dos incêndios ateados pelas balas do governo federal”<sup>260</sup>. Os comunistas, de maneira geral, mostraram-se solidários ao movimento dos tenentes paulistas, organizando, inclusive, uma onda de protestos pelo país. Em alguns lugares da cidade se ouvia grupos de operários cantando o hino de *A Internacional*. Ademais, a multidão faminta, até então completamente renegada pelos governantes, saqueou armazéns e depósitos de alimentos. Ainda segundo as recordações de Brandão, as camadas populares chegaram a pedir armas para aderir ao levante, no entanto, não foram atendidas<sup>261</sup>.

Após vinte e três dias de resistência aos ataques vorazes das forças fiéis ao Governo, o general Isidoro Dias Lopes tomou a decisão de partir com suas tropas para o Rio Grande do Sul, onde somaria forças engrossando suas fileiras com a dos tenentes rebelados daquele estado, desta junção resultou na formação da Coluna Prestes e Miguel Costa<sup>262</sup>.

---

manifestações populares futuras que estouraram em diversas regiões do país, questionando, principalmente, o centralismo da política brasileira. Valendo-se dos comentários do historiador: “O que se poderia chamar de programa de ação dos tenentes tem o seu foco dirigido, a um tempo, para as Forças Armadas e para a sociedade como um todo. Sob o primeiro aspecto, o tenentismo se distingue das pressões militares anteriores por estabelecer uma linha divisória no próprio grupo militar, entre quadros médios e cúpula. Ele representa um movimento de cisão no interior do grupo, em um momento crucial em que a alta oficialidade opta pela acomodação com Bernardes e a hierarquia se encontra abalada. Os tenentes não querem apenas purificar a sociedade, mas a instituição de onde provém”. FAUSTO, Boris. *A crise dos anos vinte e a revolução de 1930*. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977. p. 411.

<sup>260</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 277.

<sup>261</sup> *id. ibid.* p. 277. Os militares antes de deflagrarem a luta revolucionária em São Paulo, procuraram estabelecer aliança com alguns segmentos da sociedade, tais como: figuras políticas, bem como, alguns líderes do movimento operário. Everardo Dias e Maurício Lacerda foram os articuladores dessa aliança, que representavam à camada civil. Porém, ao poucos, os civis foram sendo deixados de lado. Mais uma vez valendo-se das observações de Anna Maria Martinez: “Partindo do princípio de que a revolução seria feita pelos militares e de que os civis acabariam posteriormente por aderir, o movimento foi, contudo aos poucos, perdendo o apóio destes últimos. Devido ao insucesso de algumas tentativas de levante determinados militares atribuíram o fracasso a delações por parte de civis que faziam a ligação entre operários e militares, enquanto que os civis atribuíam ao pequeno grau de confiança inspirado pela guarnições do Rio de Janeiro. Na medida que os militares foram se fechando em suas posições, os civis, postos à margem, abandonaram o movimento a ponto de serem colhidos de surpresa quando teve início a luta”. CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A rebelião de 1924 em São Paulo*, op. cit., p. 87.

<sup>262</sup> Sob forte influência dos levantes anteriores, no dia 25 de abril de 1925, estourou um levante nos quartéis do Rio Grande do Sul, liderado pelo general Miguel Costa e pelo capitão do exército, Luis Carlos Prestes. Este movimento recebeu, posteriormente, o nome de Coluna Prestes. Os soldados partiram do sul em uma marcha lendária pelos sertões país, pretendiam organizar uma frente ampla com o apoio, principalmente, dos camponeses e, por conseguinte, derrubar do poder o governo do presidente Arthur Bernardes, que representava os interesses da oligarquia agrária do país. Os insurgentes sofreram várias baixas, além do mais, não conseguiram mobilizar os camponeses para a causa que defendiam, porém, a Coluna jamais foi derrotada,

No Rio de Janeiro, por sua vez, a situação não era muito diferente de São Paulo. Foi o próprio Brandão que nos forneceu, por meio de sua atuação política, uma dimensão daquele período de enormes turbulências. Sofrendo uma série de privações, submetido por inteiro à vida clandestina, o revolucionário comunista assistiu de perto a polícia truculenta de Bernardes prender e torturar seus camaradas. Além do mais, devido à intensa agitação no interior do partido, sua vida pessoal se transformou por inteiro em um pesadelo. As perseguições empreendidas pelas autoridades aos opositores do regime chegaram a um ponto que já não era mais seguro frequentar sua farmácia, que acabou inevitavelmente sendo fechada. A vida subterrânea fez com que se afastasse, momentaneamente, por questão de segurança, de sua esposa e das filhas, que tiveram de ser assistidas pelo sogro<sup>263</sup>. Conforme constatamos, foi um período realmente bastante conturbado para Brandão, assim como para aqueles que insistiam em se opor ao governo. Sem embargo, foi justamente diante destes antagonismos que o intelectual tomou a iniciativa para produzir um estudo original acerca da luta de classes, bem como sobre o imperialismo no Brasil. Em um artigo intitulado “Uma etapa da história de lutas”, de 1957, Brandão recordou o contexto da publicação de sua obra:

Na vida clandestina, no ambiente de repressão da polícia do marechal Fontoura, comecei a escrever *Agrarismo e Industrialismo* a 28 de julho de 1924, na hora da derrota dos revoltosos pequeno burgueses, quando eles começaram a evacuar a cidade de São Paulo, enquanto que no Rio de Janeiro o ambiente era de desânimo. Terminei a obra, no fundamental, menos de um mês depois, a 22 de agosto de 1924. Tirei cópias à máquina e tratei de divulgá-la imediatamente. Escrevi o penúltimo capítulo em 1925, e o último em 1926. Publiquei-a sob o estado de sítio, em 1926, com o pseudônimo de Fritz Mayer. O livro foi lido por operários, intelectuais e revoltosos pequeno burgueses – civis e militares.<sup>264</sup>

Antes de entrarmos propriamente nas discussões internas referentes ao conteúdo da obra, torna-se necessário sublinharmos algumas questões de caráter introdutório, que foram recordadas por Brandão no fragmento acima. De início, é interessante notarmos que o intelectual começou suas análises acerca do conflito de São Paulo imediatamente após a derrota dos insurgentes e, menos de um mês depois do desfecho, já havia produzido toda a

---

aqueles que conseguiram sobreviver, após dois anos e meio de guerrilha, uma jornada impressionante por 11 estados brasileiros, aproximadamente 25.000 mil quilômetros percorridos a pé, chegaram em território boliviano, onde desintegraram-se no mês de fevereiro de 1927. Alguns combatentes permaneceram na Bolívia, Luis Carlos Prestes, principal figura do levante, partiu para a Rússia. Em linhas gerais, podemos resumir que os objetivos da Coluna eram basicamente os mesmos daqueles defendidos pelos rebelados do Rio de Janeiro e São Paulo, ou seja, derrubar Bernardes do poder.

<sup>263</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 283.

<sup>264</sup> BRANDÃO, Octávio. Uma etapa da história de lutas. In: MAYER, Fritz. (pseud.) *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil*. São Paulo: A. Garibaldi, 2006. p. 192.

parte fundamental da obra. Na seqüência, tirou várias cópias e distribuiu entre alguns camaradas próximos, no intuito de difundir o conteúdo esboçado. Porém, o livro ficou pronto apenas dois anos depois, as primeiras impressões ocorreram a partir de janeiro de 1926, em uma pequena tipografia situada na antiga Praça dos Governadores, atualmente, Praça João Pessoa, na cidade do Rio de Janeiro. Ademais, é interessante registrarmos, a título de curiosidade, que a obra escapou, por muito pouco, de ser inteiramente destruída pela polícia política, a sorte foi que os originais estavam bem guardados. Com base nos depoimentos do próprio Brandão:

em janeiro de 1926, provavelmente por denúncia de algum informante, a polícia política do governo Bernardes invadiu a tipografia e revolveu tudo, procurando textos impressos. Enquanto isto, o camarada e os operários, com maior sangue-frio, na cara da própria polícia, jogaram toda a composição nas caldeiras das linotipos. Os cães de fila de Bernardes deram a busca. Revistaram por todos os lados. Nada perceberam. A vigilância, a fidelidade e o sangue-frio dos operários salvaram a situação! Escaparam os originais, bem guardados. No meio de grandes perigos, com precauções ainda maiores, à noite, o trabalho de composição e impressão recomeçou na mesma tipografia.<sup>265</sup>

O autobiografado comentou que havia espalhado a falsa informação de que a obra teria sido escrita por um pensador alemão de nome Fritz Mayer, que havia passado pelo Brasil e encontrava-se na Argentina. Com base nos depoimentos do próprio Brandão: “A princípio, a polícia política seguiu pista falsa. Espalhei que o autor do livro era um oficial alemão que participara da insurreição de São Paulo e se encontrava na Argentina”<sup>266</sup>. Ora, como sabemos, a intenção do intelectual era justamente despistar-se da truculenta polícia política. Porém outras atividades políticas empreendidas naquele período contribuíram para despertar a atenção das autoridades. A título de exemplo, em julho de 1925, mesmo submetido às durezas da vida ilegal, fundou o primeiro jornal propriamente comunista do país, *A Classe Operária*. A nosso ver, este feito apreciável contribuiu para acelerar o processo da difusão das ideias comunistas no movimento operário brasileiro.

De acordo com o fundador e futuro dirigente do jornal, *A Classe Operária* adquiriu imediatamente uma importância imensurável, uma vez que desde a fundação do Partido, os comunistas brasileiros não contavam com um aparelho transmissor de idéias tão significativo e precioso para qualquer instituição partidária. Basta lembrarmos que o PCB, naquele

---

<sup>265</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 286.

<sup>266</sup> *id. ibid.* p. 286.

momento, ainda estava em processo de construção. Conforme se observa em *Combates e batalhas*, Brandão recordou, com enorme entusiasmo, este feito memorável:

*A Classe Operária* tinha um título que já era um programa teórico e de ação. Acentuava a idéia central de classe. Determinava de que classe se tratava. Levava um subtítulo que era, também, um programa: “Jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores”. Ela prestava atenção às condições de vida dos trabalhadores, às suas reivindicações imediatas, ao movimento sindical, à situação internacional e à popularização da União Soviética socialista. Chamava as massas laboriosas aos combates e batalhas.<sup>267</sup>

Evidentemente que esta questão é muito mais ampla do que esta nossa sucinta exposição, porém, ficamos apenas com estas breves informações de caráter introdutório, no intuito de não fugirmos do objetivo central deste capítulo. Entretanto, acreditamos que seria interessante, por exemplo, um estudo que contemplasse a relação entre o jornal *A Classe Operária* e a definição de partido pensada pela vanguarda pecebista.

#### **4. 3 O marxismo enquanto teoria política de interpretação e transformação da realidade político-social brasileira (1926)**

No início da obra *Agrarismo e industrialismo*<sup>268</sup>, Brandão destacou que o conflito armado ocorrido em São Paulo<sup>269</sup> no ano de 1924, teria se processado a partir da junção de três fatores fundamentais: econômico, político e psicológico. Além do mais, o autor também procurou demonstrar, por meio de uma interpretação pretensamente dialética, os estágios necessários para o triunfo da revolução proletária e comunista no Brasil. Sobre esta questão, argumentou:

---

<sup>267</sup> *id. ibid.* p. 302.

<sup>268</sup> Iniciamos nossa análise a *Agrarismo e industrialismo* com uma necessária indagação: o lugar social em que o autor encontrava-se inserido influenciou, decisivamente, no conteúdo da obra? Se tomarmos como referência aquelas orientações sugeridas pelo historiador francês Michel de Certeau, somos inclinados a pensar que sim, uma vez que este lugar social se constitui em um espaço privilegiado de produção de conhecimento histórico. Ora, argumentou Certeau, o que foi pensado, só foi possível, devido às próprias condições disponíveis naquele presente. Nessa perspectiva, se estivermos em comum acordo com o historiador, devemos, igualmente, considerar que tanto o autor quanto a obra produzida, encontram-se, interligados, de maneira inseparável. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*, op. cit.,

<sup>269</sup> Como argumentou Martinez, o movimento ocorrido em São Paulo, em 1924, insere-se, totalmente: “[...] dentro de um quadro geral, onde um grupo especial de militares, constituído principalmente de jovens oficiais – os ‘tenentes’, preocupado com a integridade do poder político chegou a manifestar por várias vezes de diferentes maneiras sua posição crítica diante do poder estabelecido, assumindo por vezes uma atitude de contestação. A Rebelião de 1924 foi um desses momentos”. CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A rebelião de 1924 em São Paulo*, op. cit., p. 1.

O governo promove juramentos solenes de que nunca mais haverá dessas revoltas no Brazil, “que nos mancham aos olhos do estrangeiro”, etc. Nós, porém, que não confundimos os nossos desejos com a realidade, rimo-nos dessas ilusões. Assim é que, mesmo vencida definitivamente a segunda revólta, a terceira ha de vir como uma necessidade fatal, porque as causas que têm originado esses movimentos persistem e persistirão ainda por bastante tempo.<sup>270</sup>

Em relação aos fatores econômicos que supostamente teriam ocasionado o conflito, Brandão listou uma série de problemas estruturais, tais como, os sucessivos empréstimos realizados pelo governo brasileiro ao exterior, a emissão inconseqüente de papel moeda sem lastro, as moratórias, os *fundings* federais, o processo de proletarização da pequena burguesia e dos pequenos camponeses, a miséria dos operários, as greves, as contradições envolvendo os poderosos cafeicultores e industriais do país, e, sobretudo, a disputa pelo mercado brasileiro entre o imperialismo inglês e o norte-americano<sup>271</sup>. Além destes motivos apontados, para Brandão o capitalismo estaria provocando outros efeitos nocivos ao Brasil, um exemplo: a diminuição da importância efetiva do Estado, cada vez mais endividado e enfraquecido, em detrimento do poder econômico e político cada vez mais acumulado nas mãos dos grandes comerciantes e industriais. A esse respeito, acrescentou que o sistema financeiro representado, principalmente, pelo Banco do Brasil e pelos meios de comunicação da época, tais como: *O Jornal do Comércio*, *A Gazeta de Notícias*, *O Imparcial*, etc., estariam todos corroborando para fazer o jogo do grande empresariado.

Na seqüência, procurou demonstrar os fatores políticos. Citou, a título de exemplo, o contexto internacional, favorável aos interesses da grande burguesia e, mais uma vez, apontou as rivalidades políticas entre a grande burguesia e a velha oligarquia agrária, composta pelos latifundiários paulistas e mineiros. Somaram-se ainda a estes fatores, a inexpressiva participação da pequena burguesia nos assuntos de interesse político, bem como o crescimento dos antagonismos de classe, expresso, sobretudo, pelas reivindicações operárias nos principais centros comerciais do país.

O terceiro fator, teria sido de origem psicológica e, de certa forma, encontrava-se estreitamente relacionado aos dois anteriores. Para Brandão, havia um cenário internacional favorável às revoltas ocasionado pelas repercussões provocadas pela Grande Guerra Mundial, pela Revolução de Outubro, e, igualmente, no outro pólo, pela expansão das idéias liberais e o acúmulo de capital nas mãos da grande burguesia. Grosso modo, todos estes fatores passaram a contrastar com a herança oligárquica e feudal, enraizada fortemente no interior da política

<sup>270</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 3.

<sup>271</sup> *ib. ibid.* p. 3.

brasileira. Ora, justificou Brandão, estes enormes antagonismos de classes, aliados ao desejo de transformação, tanto por parte da camada proletária e da pequena burguesia<sup>272</sup>, quanto do grande empresariado urbano, teriam sido as verdadeiras motivações da insurreição armada de 1924 e, por conseguinte, teriam preparado o terreno para a terceira e definitiva etapa do processo revolucionário<sup>273</sup>. Discorrendo acerca destas questões, acrescentou Brandão:

Se juntarmos a todas essas razões a dureza da repressão desta segunda tentativa de aniquilamento dos elementos feudais do país, repressão que será um dos maiores auxiliares dos revoltosos compreenderemos integralmente a fatalidade da terceira tentativa, que poderá ser vitoriosa se os combatentes souberem aproveitar as lições das derrotas.<sup>274</sup>

Para pensar o conflito de classes no Brasil, Brandão tomou como referência os suportes teóricos presente na obra *O imperialismo, estágio superior do capitalismo*<sup>275</sup>, de Lênin<sup>276</sup>. Conforme havíamos comentado no capítulo anterior, o marxismo chegou ao Brasil, assim como aos outros países da América Latina, por intermédio do leninismo, difundido pela Internacional Comunista.

---

<sup>272</sup> Segundo observou Paulo Sérgio Pinheiro, a interpretação que Brandão e os comunistas fizeram “[...] da revolução de 1924 como ‘movimento liberal da burguesia industrial’ nada tem a ver com a natureza do movimento, nem objetiva nem subjetivamente. Frágil também é a suposição de que as classes médias eram de algum modo ‘representadas’ pelos tenentes, transfigurados em pequena burguesia armada e de que havia um apoio do imperialismo ianque ao movimento. Aquele que poderia ser seu representante mais consciente, pelo menos no nível dos objetivos políticos gerais, o governo norte-americano, do mesmo modo que em 1922, não parecia entusiasmado pelos feitos dos revoltosos”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922 – 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 69.

<sup>273</sup> Por conta desta situação desfavorável tanto para a camada operária quanto para a pequena burguesia, a vanguarda comunista apostou em uma aliança ampla, procurou atrair com a pequena burguesia para a causa revolucionária. Porém, segundo alguns críticos contemporâneos, faltaram, à sensibilidade necessária, para perceber que os interesses de ambas as classes eram bastante diversos entre si, que o fato de estarem afastados do campo político, propriamente dito, não se constituía, em hipótese alguma, em interesses comuns de classes. Sem embargo, não podemos exagerar quanto a esta interpretação, pois, devemos ter em mente que as condições daquela época não pareciam aos comunistas tão evidentes quanto julgamos parecer nos dias atuais.

<sup>274</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 5.

<sup>275</sup> Esta obra foi escrita por Lênin em Zurique, na Suíça, na primavera de 1916, em um período caracterizado pela transformação e expansão do capitalismo internacional. Naquela conjuntura, argumentou o pensador russo que estava em questão às disputas entre as principais potências ocidentais para empreender a espoliação daquelas regiões mais periféricas do globo. A hipótese central levantada em *Imperialismo, a fase superior do capitalismo*, se resumiu as seguintes características: a concentração da produção e a formação de monopólios; o sistema bancário e o seu novo papel; o capital financeiro e a oligarquia financeira; a exportação de capital; a partilha do mundo entre as associações de capitalistas. Foi justamente a partir destas questões apontadas por Lênin que Brandão pensou a realidade político-social brasileira dos anos 1920. In: <http://marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>.

<sup>276</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 289.

Antes de prosseguirmos em nossa exposição é importante nos determos em uma questão que assumiu contornos decisivos na história da esquerda e da revolução brasileira, ou seja, a tese do passado feudal e suas conseqüências para a estratégia da revolução brasileira<sup>277</sup>.

Brandão procurará demonstrar, em sua análise, a existência de vários traços do feudalismo na economia, na política e na mentalidade brasileira<sup>278</sup>. A discussão sobre a existência no Brasil do Modo de Produção Feudal e de sua eventual sobrevivência se transformará em um problema central nas discussões sobre o passado nacional e sobre o caráter da revolução brasileira.

Defendida pelo PCB desde 1925, na ocasião do Segundo Congresso Comunista<sup>279</sup>, a “tese do feudalismo no Brasil” será retomada, sobretudo, por Alberto Passos Guimarães em seu livro *Quatro séculos de Latifúndio* e por Nelson Werneck Sodré<sup>280</sup> na obra *Formação histórica do Brasil*, publicada em 1962. Trata-se de uma pesquisa de fôlego, realizada a partir das experiências adquiridas como professor e pesquisador do ISEB. Grosso modo, o sociólogo procurou demonstrar, entre outros aspectos, o desenvolvimento das forças produtivas no Brasil. A obra de Sodré foi severamente criticada por sustentar a existência de um modo de produção feudal e por defender a aliança do proletariado e campesinato com a burguesia nacional.

---

<sup>277</sup> Um trabalho de valor informativo sobre os principais autores envolvidos na discussão referente aos distintos modos de produção no Brasil: FIGUEIREDO, José Ricardo. *Modos de ver a produção do Brasil*. São Paulo: Educ, 2004.

<sup>278</sup> Conforme demonstrou o historiador Pedro Roberto Ferreira: “O Feudalismo brasileiro, apontado por O. Brandão, não se achava suspenso no ar. Recebia uma sustentação importante do Capitalismo financeiro inglês, com empréstimos e investimentos, diretos e indiretos para a produção cafeeira. Estabelecendo um paralelo com os empréstimos e investimentos do Capitalismo norte-americano, feitos no Brasil dessa época, Brandão e os pecebistas inferiam a célebre tese: O Agrarismo se apóia no Imperialismo Inglês, o Industrialismo no Imperialismo Ianque. Por quê? Como o Imperialismo norte-americano é competidor do inglês só restará essa outra alternativa como setor para sua expansão inicial. Inclusive, muitos investimentos norte-americanos se concretizavam nessa direção”. FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920-1946*. Londrina: EDUEL, 1999. p. 91.

<sup>279</sup> PRESTES, Anita Leocádia. A que herança os comunistas devem renunciar? *Oitenta*. Porto Alegre: LP&M, nº. 4, 1980. p. 199 – 200.

<sup>280</sup> O historiador José Carlos Reis sintetizou a concepção de feudalismo, bem como o caráter da revolução brasileira presente na obra de Sodré da seguinte maneira: “[...] Sodré pretendeu fazer uma análise histórica, profunda, do Brasil: ele olhou do presente para o passado. Discutiu o contexto europeu da descoberta do Brasil, os modos de produção que teriam predominado e convivido no Brasil colonial e independente, o surgimento e ascensão da burguesia industrial, as relações entre esta e o latifúndio, o imperialismo e as classes que sustentaram seu avanço. Descreveu um processo tortuoso, lento, mas sempre em mudança: ora o escravismo declina e o feudalismo se instala, ora o feudalismo se amplia e bloqueia as relações de produção capitalistas que surgem. Os três modos de produção se entrecruzam em épocas em épocas distintas, com forças diferenciadas, dependendo do local e da época. [...] A partir de então, Sodré olhou do presente para o futuro e, com raro otimismo, viu a burguesia brasileira como sujeito histórico que lideraria o proletariado, o campesinato e a pequena burguesia na implantação de um tempo mais ágil, mais aberto ao novo, mais insatisfeito e intransigente: o tempo capitalista. Sodré ofereceu à burguesia brasileira nacional, a partir do PCB, um programa de ação.” REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 163.

Por outro lado, a caracterização do Brasil como feudal foi desde os anos 1930 objeto de crítica por inúmeros historiadores e economistas, entre os quais podemos destacar as seguintes obras: *História Econômica do Brasil: 1500 – 1820* (1937) de Roberto Simonsen de 1937; *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) e *A Revolução Brasileira* (1966) de Caio Prado Júnior; *Formação econômica do Brasil* (1959) de Celso Furtado que caracterizaram o passado brasileiro como capitalista. Na década de 1960, Caio Prado Júnior analisará igualmente esta questão em seus estudos sobre o problema agrário no Brasil, igualmente importante serão as contribuições de André Gunder Frank, em particular seu artigo *Agricultura brasileira: Capitalismo e o mito do feudalismo* publicado na Revista Brasileira em 1964. Por fim, esta discussão será novamente retomada nos anos 1970 – 1980, a partir do trabalho *O Escravismo Colonial* (1978) de Jacob Gorender, que caracterizou o passado nacional como escravista colonial e de diferentes escritos de Ciro Flamarion Cardoso<sup>281</sup>.

Como sabemos, as distintas caracterizações sobre os modos de produção no Brasil tiveram implicações políticas imediatas, em particular, no referente à tese sobre o caráter da revolução brasileira. Os defensores da tese do passado feudal defendiam geralmente a tese do caráter nacional democrático – burguês – da revolução brasileira (*História do Marxismo no Brasil*, Vol. 3)<sup>282</sup>. Sob o influxo da Revolução cubana se desenvolverá no Brasil uma concepção do caráter da revolução brasileira como socialista, influenciada igualmente pelas teses que defendiam o caráter capitalista do passado nacional, posição esta defendida, sobretudo, pela Política Operária (POLOP)<sup>283</sup>.

Conforme já constatamos anteriormente, Brandão em *Agrarismo e industrialismo*, procura relacionar o conflito de 1924 ao contexto de expansão do imperialismo internacional. Nesse sentido, a intenção do autor era demonstrar que o imperialismo se tratava de uma fase superior do sistema capitalista, um estágio mais avançado e mais complexo de ser analisado. Ao mesmo instante, buscou também reforçar sua adesão incondicional ao marxismo-leninismo. Valendo-se das palavras do próprio autor: “se isolarmos do cenário mundial, a

---

<sup>281</sup> CARDOSO, Ciro F. S. Observações sobre o “dossier” Preparatório da discussão sobre o modo de produção feudal. In: CARDOSO, Ciro F. S. *Sobre o feudalismo*. Portugal: Editorial Estampa, 1973. p. 71 – 73.

<sup>282</sup> Sobre o caráter nacional-democrático da revolução brasileira, consultar: DÓRIA, Carlos Alberto. O dual, o feudal e o etapismo na teoria da revolução brasileira. In: QUARTIM, João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil*, Vol. 3: Teorias e Interpretações. Campinas Unicamp. 1998. pp. 201-244; e MORAES, João Quartim de O Programa Nacional Democrático: Fundamentos e Permanência. In: MORAES, João Quartim de. e DEL ROIO, Marcos. *História do Marxismo no Brasil: visões do Brasil*, Vol. 4. Campinas Unicamp. 2000. pp. 151 – 210.

<sup>283</sup> BADARÓ MATTOS, Marcelo. Em busca da revolução socialista: A trajetória da Polop 1961 – 1967. In: RIDENTI, Marcelo e AARÃO REIS FILHO, Daniel. *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 20 aos 60*, Vol. 5. Campinas Unicamp. 2002. pp. 185 – 212.

revólta de 1924 perderá uma de suas significações fundamentaes. Nossa escala, nosso padrão de analyse é um padrão universal. Baseia-se no internacionalismo leninista<sup>284</sup>.

Após realizar uma análise conjuntural acerca da situação econômica e política das principais potências capitalistas do início dos anos 1920, Brandão constatou a existência de um cenário de incertezas caracterizado, sobretudo, pelo acirramento das disputas entre as classes sociais. Nos Estados Unidos, por exemplo, principal potência capitalista da época, a indústria atravessava um momento delicado, com uma crise de superprodução e, ao mesmo tempo, uma disputa bastante acirrada pela presidência do país, que inevitavelmente deixou vulnerável o país. Na Europa, por sua vez, a direita conservadora endurecia o pulso e adotava medidas autoritárias para conter o avanço da esquerda<sup>285</sup>. Com algumas ressalvas, concluiu que o conflito armado de São Paulo, estaria inserido nesta conjuntura internacional, favorável à luta de classes<sup>286</sup>.

Porém, a luta de classes no Brasil teria assumido outras particularidades, uma vez que os estágios de desenvolvimento do sistema capitalista eram distintos. Ademais, argumentou que o caso brasileiro estaria muito mais próximo daqueles países “atrasados” do oriente médio e outras regiões secundárias do que propriamente dos centros capitalistas. Esta questão a qual nos referimos pode ser identificada no comentário a seguir:

No Brazil, a pequena burguesia luta contra o fazendeiro de café. Nos paizes “civilizados” o proletariado luta contra a burguezia. Eis a differença, o que mostra o nosso atrazo de pobres bugres da America do Sul. No Brazil os pequenos burguezes agrarios feudaes como na Allemanha em 1848. No Egypto de Zaglul Pachá, na Turquia de Mustapha Kemai, no Afghanistan de Amanullah, na Persia de Riza-khan, na Syria e na Mesopotamia do Partido Nacional arabre, os burguezes em geral lutam contra os agrarios feudaes e lutam ao mesmo tempo pela independecia nacional.<sup>287</sup>

É preciso mencionar que, Brandão não se limitou a afirmar o atraso do Brasil em relação às potências capitalistas de maneira superficial, pelo contrário, procurou reforçar seu ponto de vista utilizando-se de uma variedade considerável de abordagens. Vejamos alguns destes pontos de maneira isolada que o autor considerou como sendo imprescindível para a

<sup>284</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 5.

<sup>285</sup> De acordo com Brandão, a Rússia comunista era uma exceção, pois, diferentemente do que estava ocorrendo nos países capitalistas, à economia russa já havia se recuperado e, aparentemente, os antagonismos entre as classes sociais teriam sido resolvidos.

<sup>286</sup> Neste ponto, devemos aqui sublinhar a lucidez do autor no que se refere à análise da conjuntura internacional do início dos anos 1920. Ora, tratava-se de um quadro bastante complexo de ser analisado, principalmente em período cujas informações eram absolutamente imprecisas. Sem embargo, Brandão mostrou-se sensível a esta atmosfera em plena ebulição, caracterizada, sobretudo, pelo início da crise do sistema capitalista e o revanchismo ascendente entre a burguesia e a classe operária.

<sup>287</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 6.

compreensão da situação brasileira. Inicialmente, comentou que o Brasil encontrava-se em processo de formação física e etnológica e, por conta desta questão, não havia ainda se desenvolvido, com todas as suas potencialidades, o homem brasileiro. Como resultado imediato desta indefinição, a permanência de uma série de problemas nacionais<sup>288</sup>.

A situação da economia nacional foi descrita como sendo demasiadamente frágil e bastante dependente do mercado internacional. Citou alguns exemplos para reforçar seu argumento, comentou que o principal produto de exportação continuava sendo o café, ou seja, um produto pouco valorizado no exterior; as indústrias se resumiam a uma fração muito pequena do litoral; a enorme dependência externa de combustível; os empréstimos freqüentes tomados das potências capitalistas, etc. Somadas a estas questões, argumentou o intelectual comunista:

Ha uma numerosa pequena burguezia – rural, commercial, industrial, burocratica – procurando sempre conciliar: nos campos, o interesse dos colonos-servos com o dos fazendeiros; nas cidades, o interesse dos operarios com o dos grandes burguezes industriaes. Existem 13 mil estabelecimentos industriaes quando, nos Estados Unidos, seu numero se eleva a mais de 290 mil. Ha 275 mil trabalhadores fabris, isto é, reduzido numero de elementos de progresso; já nos Estados Unidos só a Internacional General Electric Company Inc. tem mais de 80 mil, a United States Steel Corporation tem 215 mil e, em todo o paiz, ha 13 milhões, enquanto a Allemanha possui 15 milhões.<sup>289</sup>

Conforme se observa, Brandão procurou relacionar o nível de desenvolvimento industrial das principais potências capitalistas da época ao nível de desenvolvimento do Brasil. A conclusão que se chegou foi algo alarmante para o autor, pois, as disparidades eram enormes, quase que intransponíveis. Aliadas a estas questões, somaram-se também outros dois fatores importantes, o primeiro, a grande quantidade de trabalhadores rurais (dispersos pelo interior do país, sem acesso a educação); o segundo, os imigrantes que aqui se instalaram que não tinham maiores preocupações com o desenvolvimento nacional, buscavam apenas fazer riquezas e retornar para seus países de origem.

Em relação à política nacional, segundo o autor, permanecia basicamente agro-exportadora e continuava a beneficiar, exclusivamente, os ricos cafeicultores paulistas e mineiros. Os únicos segmentos da sociedade que poderiam, efetivamente, empreender uma oposição contundente a esta elite agrária, encontravam-se desorganizados. A esse respeito, acrescentou:

---

<sup>288</sup> Ao que nos pareceu, a influência das ciências naturais, em especial, a partir das leituras de Euclides da Cunha, continuava enraizada e bastante viva no pensamento político de Octávio Brandão.

<sup>289</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 7.

Existe uma oposição burguesa desorganizada, caótica. Dois únicos Partidos organizados – o Comunista, ainda fraco, pobre, fundado há pouco mais de dois anos, e o Partido Republicano, dos grandes fazendeiros de café, partido forte, rico, partido do governo – quer dizer, os dois extremos, a extrema esquerda e a extrema direita. Uma burguesia industrial e comercial politicamente nula, desorganizada. O atraso político é tamanho que a burguesia industrial ainda não formou o seu partido, enquanto o proletariado já conseguiu forjar o seu partido desde 1922.<sup>290</sup>

Para Brandão, atrelados a estes fatores, persistia no Brasil vários arcaísmos característicos do período medieval, enraizados fortemente no interior da cultura política brasileira desde os tempos da colonização portuguesa. O autor argumentou que a aristocracia agrária e fundiária do sudeste, por exemplo, exercia sua dominação política por meio do enorme poder econômico concentrado em suas mãos da mesma forma como faziam, no período colonial, os senhores de engenho do nordeste brasileiro.

Conforme assinalamos anteriormente, a interpretação da realidade político-social brasileira ocorreu a partir da influência do marxismo-leninismo, em particular, por meio do materialismo dialético e da luta de classes. Este arcabouço teórico permitiu, por exemplo, que Brandão imaginasse que seria possível, naquele contexto, a superação do presente aristocrático e feudal pelo industrialismo burguês e, por conseguinte, a superação do industrialismo burguês pelo comunismo proletário. Posto desta maneira, para o autor, tanto a situação interna quanto a conjuntura internacional estariam corroborando por igual para viabilizar a luta entre as classes sociais no Brasil e, igualmente, para impulsionar o processo revolucionário. Valendo-se das interpretações de Brandão acerca do quadro complexo de disputas internas no Brasil da década de 1920:

Encarando as nossas lutas parciais, observamos: o combate entre a burguesia industrial norte americana e a burguesia financeira inglesa; o combate entre o fazendeiro de café, de um lado, e, do outro lado, o grande burguez manufactureiro, o grande burguez commercial, o usineiro, o pequeno burguez rural, commercial e industrial, o operario, o camponez; o combate entre o grande burguez commercial e industrial e o fazendeiro de café, o combate entre o pequeno burguez rural e o grande proprietario (fazendeiro, senhor de engenho); o combate entre o senhor de engenho e o usineiro; o combate entre o pequeno burguez commercial e o atacadista, isto é, o grande burguez commercial; o combate entre o pequeno burguez commercial e o senhorio; o combate entre o artesão e grande industrial; o combate do operario e do trabalhador rural pobre contra todas essas sub-classes.<sup>291</sup>

---

<sup>290</sup> *id. ibid.* p. 8-9.

<sup>291</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e industrialismo*, op. cit., p. 17.

O cenário internacional foi descrito como sendo favorável às disputas imperialistas. Nessa perspectiva, o Brasil encontrava-se inserido neste quadro de rivalidades externas. O autor ponderou que, dependendo da escolha tomada, o país poderia tirar algumas importantes vantagens desta disputa imperialista. Esta, aliás, nos pareceu ser a tese central defendida em *Agrarismo e Industrialismo*. Entretanto, antes de entrarmos propriamente nesta discussão fundamental, devemos destacar o que entendia por imperialismo:

O imperialismo é a dominação mundial do capitalismo; é a substituição da livre concorrência pelo monopólio; é a formação de uma *oligarchia* financeira; é a exportação do capital; é a dominação de uma santíssima trindade constituída pela indústria pesada, pelos bancos e pelas estradas de ferro; é a união entre os políticos com os financistas; é a união dos políticos com os industriais; é a internacionalização das relações sociais; é a divisão do mundo em zonas de influência; é a luta pelas fontes de matérias primas; é a luta pelas esferas de aplicação do capital; é a luta pelos mercados de escoamento. O imperialismo é a rapina, é o despovoamento das colônias; é o envenenamento pelo álcool e pelo opio; é o desespero das multidões famintas e sangrentas; é o desperdício; é o sacrifício estéril; é o acirramento dos antagonismos econômicos, políticos e psicológicos; são as guerras de extermínio; é o aperfeiçoamento de todos os meios de destruição. E é também o desenvolvimento das forças proletárias, o despertar dos povos colônias, o avolumar de todos os fatores anti-capitalistas. Em resumo, o imperialismo é a última etapa do capitalismo. O capitalismo atingiu o topo da montanha e vai rolar pelo outro lado. Rolar para a morte. Tal é a palavra da Internacional Comunista. Tal é a palavra de seus soldados no mundo inteiro.<sup>292</sup>

Segundo Brandão, a nova lógica imposta pelo sistema capitalista estaria provocando uma série de transformações a aquelas regiões mais periféricas e atrasadas do planeta. Além do mais, acrescentou que conforme o capitalismo se desenvolvia, gradualmente, eliminava a livre concorrência, prevalecendo, exclusivamente, os interesses dos monopólios internacionais. Nesse sentido, estes efeitos estariam sendo mais nocivos para os pequenos e médios proprietários, uma vez que seriam, inevitavelmente, esmagados pelo grande burguês, bem como pelo capital internacional. Por outro lado, argumentou que o imperialismo estaria de certa forma, contribuindo para eliminar algumas práticas primitivas, enraizadas no interior da cultura política nacional, encaradas como sendo os principais obstáculos ao desenvolvimento industrial do Brasil.

Na interpretação de Brandão acerca do conflito armado de São Paulo, o imperialismo financeiro inglês teria se articulado com os interesses da oligarquia agrária e fundiária do país desde os tempos da colonização portuguesa. Como resultado desta aliança, teria prevalecido

---

<sup>292</sup> *id. ibid.* p. 31.

aqui um sistema político, econômico e social, cujo foco principal era a atividade agro-exportadora e, igualmente, as relações de dependência estabelecidas pelo capital inglês. Entretanto, após o contexto da Grande Guerra Mundial caracterizado, sobretudo, pela perda de influência da Inglaterra no cenário internacional, outro imperialismo emergiu e, por conseguinte, substituiu o anterior em diversos aspectos. Conforme sublinhou o intelectual, trata-se do imperialismo industrial norte-americano, mais avançado e interessante para o Brasil.

Brandão e os comunistas chegaram a seguinte conclusão, tanto o imperialismo inglês quanto o norte-americano estariam disputando espaço pela hegemonia nos negócios internacionais. Nesse sentido, o Brasil encontrava-se na condição de vítima deste longo processo histórico de desenvolvimento do sistema capitalista. Valendo-se dos comentários do próprio autor:

A luta pela supremacia do mercado brasileiro lança as burguezias inglesa e norte-americana numa guerra mortal. A Inglaterra apóia o presidente Bernardes, isto é, o fazendeiro de café, o agrário retrógrado. A América do Norte, directa ou indirectamente apoia o revoltosos, isto é, a pequena burguezia, atraz do qual, mais cedo ou mais tarde, agirá o grande burguez industrial.<sup>293</sup>

É interessante observar que para Brandão, o proletariado brasileiro não deveria depositar suas expectativas de classe em nenhum dos dois imperialismos, uma vez que ambos representavam à exploração capitalista. Entusiasmado com a descoberta da dialética, arriscou algumas interpretações acerca da formação e desenvolvimento do proletariado industrial brasileiro, na seqüência, dividiu toda história operária em oito fases distintas, delimitada entre o ano de 1889 a 1925. De acordo com Brandão, a história do proletariado brasileiro poderia ser sintetizada da seguinte maneira:

Primeira etapa: preparação ou gestação: vae de 15 de novembro de 1889 a agosto de 1914. Segunda etapa: eclosão ou desabrolhamento: vae da conflagração á revolução russa: agosto de 1914 a 7 de novembro de 1917. Terceira etapa: culminancia, apogeu: fins de 1917 e meados de 1919 (presidencia Eptacio). Quarta etapa: crepusculo: fins de 1919 a meados de 1920, quando a “Voz do Povo” morreu. Quinta etapa: vazante completa: fins de 1920 a 6 de novembro de 1921. Sexta etapa: reagrupamento das forças: 7 de novembro de 1921 (fundação do Grupo Comunista do Rio) a 24 de março de 1922. Setima etapa: preparação das forças para as novas batalhas: 25 de março de 1922 (fundação do P.C.B.) a 30 de abril de 1925. Oitava etapa: aurora da CLASSE OPERARIA: 1 de maio de 1925 – o dia mais importante da história do proletariado do Brazil, o desabrochar do

---

<sup>293</sup> *id. ibid.* p. 43.

primeiro e unico órgão da classe operaria do Brazil – a primeira obra verdadeiramente proletária que se realiza no Brazil, obra onde palpitam o genio de uma classe, o heroísmo de uma vanguarda curtida em cem batalhas e a vontade inquebrantavel de dezenas de milhares de trabalhadores! <sup>294</sup>

Em relação à concepção de dialética, identificamos uma série de incompreensões conceituais. Para Brandão, a dialética se constituía em um jogo de contradição entre três momentos distintos, porém, complementares entre si. Seriam eles: “tese-antítese-síntese”. A tese seria a afirmação de algo, por exemplo, o período do crescimento do proletariado brasileiro e da hegemonia anarquista, verificado entre o ano de 1889 a 1919. A antítese, por sua vez, seria a negação desse algo, descrito como sendo o período das dificuldades: as repressões policiais empreendidas pelo presidente Bernardes, a desestruturação do proletariado, etc.

Por último, a síntese ou a negação da negação, de acordo com Brandão, o período que se inicia com a fundação do PCB, em março de 1922, e segue até o surgimento do jornal *A Classe Operária*, no início de 1925. Grosso modo, a síntese seria a negação de tudo que ocorreu anteriormente, o despertar do proletariado industrial para a revolução derradeira, no caso, a implantação do comunismo<sup>295</sup>. Como se observa, trata-se de uma noção demasiadamente superficial acerca do desenvolvimento do operariado brasileiro e, igualmente, mecanicista, no que se refere ao entendimento da dialética marxista (Brandão e os comunistas reproduziam mecanicamente o modelo leninista no Brasil). De acordo com Konder:

Do ponto de vista do instrumental conceitual utilizado, a inovação teórica mais espetacular do estudo é a adesão do autor à “dialética marxista”. Exatamente nesse ponto, porém, nos deparamos com um formidável mal-entendido, já que Brandão reduz a “dialética marxista” à tríade hegeliana: tese-antítese-síntese”. O esquema triádico é aplicado à interpretação da revolta de 1924 e resulta no seguinte: Arthur Bernardes é a tese (o agrarismo feudal); Isidoro Dias Lopes é a antítese (pequena burguesia rebelada, por trás da qual se acha o capital industrial); e a síntese – ainda por vir é a revolução proletária, comunista. <sup>296</sup>

Antes da terceira etapa do processo revolucionário, que ainda estaria por vir, Brandão convocou a vanguarda comunista e o proletariado, em geral, para se organizar e encarar, a guerra das classes. Defendeu a imediata abertura de núcleos de estudos comunistas e espaços culturais dedicados, exclusivamente, a causa do proletariado industrial. Ponderou que, na

<sup>294</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e industrialismo*, op. cit., p. 51-52.

<sup>295</sup> *id. ibid.* p. 52.

<sup>296</sup> KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 146.

atual conjuntura, seria um enorme erro forçar aliança com a pequena e média burguesia, bem como com grupos de artesãos e outros segmentos menos conscientes, uma vez que os objetivos de classe seriam opostos. Ademais, argumentou que a teoria e a ação do proletariado industrial deveriam ser verdadeiramente a bandeira comunista e a ideologia marxista.

Nesta passagem interessante do texto, novamente pareceu-nos bastante evidente, no discurso de Brandão, aquelas orientações indicadas por Lênin, principalmente no que se refere ao caminho que os comunistas brasileiros deveriam se orientar para alavancar a luta revolucionária. Tomando novamente como referência as ideias políticas do mestre russo, o intelectual insistiu na importância da vanguarda comunista no sentido de se ensinar a teoria marxista para o operariado industrial. Pois, somente procedendo desta maneira, a revolução proletária seria possível no Brasil. A esse respeito, sublinhou Brandão:

Não esqueçamos que a nossa dialectica, o nosso methodo de analyse e interpretação da vida, do universo e da sociedade, é essencialmente critico e revolucionario. Compreendamos que toda luta economica e politica é uma luta de classes, e vice-versa. Compenetremo-nos de que toda historia universal é uma história de lutas economicas e politicas, de lutas de classes, e não uma historia de reis e imperadores. Compreendamos que o proletariado é a unica classe revolucionaria até ao fim. Compreendamos que, sendo nós o granito social, a camada sobre a qual se superpõem todas as outras, a camada mais profunda de toda a sociedade, não poderemos erguer o espinhaço sem rachar, aluir, despedaçar as camadas superpostas: a pequena, a média e a grande burguezia rural, commercial, industrial, predial, financista, burocratica, etc.<sup>297</sup>

Seguiu seu raciocínio apontando para importância de se compreender a fundo toda a complexidade inerente ao sistema organizacional vigente no Brasil. Nessa perspectiva, o materialismo histórico aliado ao pensamento dialético, poderia, certamente, contribuir para a percepção da realidade histórica brasileira, bem como servir de bússola para a ação revolucionária:

Não adoptemos explicações ligeiras, unilateraes, porque nada é mais complexo que a sociedade e a luta social. Estudemos os fhenomenos sociaes á luz da nossa pilosophia, o materialismo dialectico – um materialismo, como a propria sciencia, em constante elaboraçã, um materialismo que só admite a sciencia positiva da natureza e da historia, um materialismo militante, proletario, que destróe a sciencia e a literatura reaccionarias. Compreendamos, que sem a theoria – a bússola – naufragaremos completamente no meio do cháos. Unamos diariamente a theoria marxista-leninista é luta pratica e revolucionaria, e vice-versa.<sup>298</sup>

---

<sup>297</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e industrialismo*, op. cit., p. 56-57.

<sup>298</sup> *id. ibid.* p. 57.

O intelectual estava inteiramente convicto quanto à certeza da revolução proletária e comunista no Brasil<sup>299</sup>. Como argumentou, seria apenas uma questão de tempo, uma vez que o terreno encontrava-se preparado para a terceira revolta. As esperanças foram depositadas na força em potencial do proletariado industrial e, igualmente, na capacidade de teorizar e agir da vanguarda comunista. Além do mais, para Brandão, o industrialismo estaria progredindo, gradualmente, para derrotar o agrarismo feudal e aristocrático da grande burguesia fundiária.

Acrescentou que guerra entre as classes na cidade de São Paulo e no Brasil como um todo, estaria sendo uma fase necessária de desenvolvimento do capital, um embate travado pela hegemonia político-econômica. A vitória do industrialismo burguês, de certa maneira, também representaria uma conquista parcial do proletariado industrial, pois, seriam beneficiados pelo fato de ser em maior número e ter a consciência do seu papel revolucionário na história. Empolgado, ponderou que a terceira e derradeira revolta, se orientada corretamente com base na teoria marxista, provocaria uma transformação radical na sociedade brasileira, derrotaria o industrialismo burguês e, por conseguinte, instituiria, de uma vez por todas, um governo voltado, exclusivamente, para os interesses da classe proletária. Na perspectiva histórica de Brandão, a revolução proletária seria uma tendência presente em todas as sociedades modernas.

Seis meses depois de haver empreendido estas análises, e de arriscar algumas previsões acerca do embate entre o industrialismo e o agrarismo no Brasil, acrescentou ao texto original uma terceira parte, que recebeu o seguinte título, “A revolta permanente”<sup>300</sup>. Inicialmente, Brandão comentou que os revoltosos paulistas frustraram-se diante do projeto arquitetado para liquidar o agrarismo feudal e implantar o industrialismo burguês no Brasil. Ademais, as previsões realizadas anteriormente teriam se operado de outra maneira, diferente daquilo que haviam imaginado os rebeldes. A esse respeito justificou:

As sympathias da América do Norte pelos revoltosos têm diminuído. Explica-se: Coolidge foi reeleito pela pressão de wall street, isto é, da alta finança norte-americana. Esta adquire uma preponderância econômica e política fundamental. Ultimamente, os financistas norte-americanos estão exportando mais capital que os próprios financistas ingleses. Diz Radek que

---

<sup>299</sup> Para Brandão, as expectativas para com o futuro revolucionário do proletariado brasileiro eram bastante animadoras. A esse respeito, acrescentou: “Progride a proletarização da pequena burguesia; cresce sua experiência revolucionária; esfrelam-se muitas de suas ilusões; desagrega-se a média burguesia; avoluma-se a concentração capitalista; acirra-se a rivalidade entre o grande burguez industrial e o fazendeiro de café; brigam entre si os politiqueros paulistas e mineiros; aumenta a ascendência do proletariado”. *id. ibid.* p. 64.

<sup>300</sup> A obra *Agrarismo e industrialismo* foi dividida da seguinte maneira: parte I, *Analyse*; parte II, *Synthese*; parte III, *A revolta permanente*. Uma curiosidade em relação a parte III, Brandão havia retomado a discussão seis meses após ter concluído as partes anteriores, foram acrescentadas novas informações sobre o período posterior ao conflito de 1924.

a exportação de capitães constitue, agora, o problema mais importante da vida economica dos Estados Unidos. [...] E as sympathias pelos revoltosos nacionaes rolam para a indiferença porque o financista é o alliado natural do agrario e o adversário do pequeno burguez e do industrial.<sup>301</sup>

Para Brandão, as transformações inesperadas faziam parte da lógica de funcionamento do capitalismo, ou seja, um sistema contraditório por natureza. O que se verificou no Brasil, por exemplo, no momento posterior ao levante, foi justamente o oposto do imaginado. Segundo informou autor, ganhou força à especulação financeira empreendida pelo capital norte-americano, e ampliou a dependência do governo e da oligarquia agrária para com a burguesia financeira inglesa. Argumentou ainda que alguns grupos agrários nacionais, bastante influentes nas decisões tomadas no palácio do Catete, continuavam a se beneficiar com a situação imposta pelo imperialismo financeiro internacional. Estas figuras ilustres da política brasileira, na verdade, seriam: “os monstros da história nacional, os esmagadores de rebeliões como o visconde de Barbacena, o general Lima e Silva e o duque de Caxias, os odiados do passado e os malditos do futuro, de mãos dadas com a Igreja, manobram por traz de Bernardes”<sup>302</sup>.

De acordo com Brandão, diante desta nova lógica imposta pelo imperialismo financista internacional, completamente desfavorável ao desenvolvimento da indústria nacional, abalado pelo choque de realidade, ponderou acerca da importância de uma aliança ampla com a pequena burguesia e com os soldados revoltosos que haviam se levantado contra o agrarismo feudal em 1924. Na seqüência, apontou a direção que a massa proletária deveria se orientar no intuito de superar a realidade político-social brasileira:

Para nós, o futuro do Brazil não está no café, na lavoura feudal. Esta no petroleo do Norte, no carvão do Sul, no ferro de Minas, no manganez de Matto Grosso, na lavoura industrializada, na machinaria que transformará a borracha e o algodão, nos trinta milhões de cavallos vapor das cachoeiras. Especialmente no ferro e no carvão. O futuro do Brazil está na grande industria centralizada – base objectiva da sociedade comunista. Assim, pois, continuamos irreductiveis em nossas aspirações e palavras de ordem: Pelo industrialismo! Pela revólta! Pelos positivistas rebeldes! Pelos militares e pequenos burguezes revoltosos! Pelos operarios, camponeses, soldados e marinheiros colligados! Pelo funcionamento das associações! Pela reabertura dos jornaes suspensos! Pela legalidade do Partido Comunista do Brazil! Pela restituição dos milhares de livros e folhetos confiscados ao Partido Comunista! Pelo regimen especial para os presos politicos! Pela organização e reorganização das vastas massas operarias e camponezas! [...] Abaixo a burguezia agrária! Abaixo os que querem vender o Brazil a Rotschild! Abaixo os que querem entregar o Brazil ao Vaticano!

<sup>301</sup> MAYER, Fritz. (pseud.). *Agrarismo e industrialismo*, op. cit., p. 69.

<sup>302</sup> *id. ibid.* p. 71.

Abaixo entre os que hesitam entre o proletariado e a burguesia! Contra a reação agrária, pela revólta pequeno-burgesa! Mas contra a pequena burguesia, pela revolução proletária!<sup>303</sup>

Brandão concluiu que o contexto posterior à derrocada dos insurgentes paulistas foi, de fato, à expansão desenfreada do imperialismo financista internacional, aliado aos interesses retrógrados da burguesia agrária nacional<sup>304</sup>. Sem embargo, conforme acrescentou o intelectual comunista, o proletariado brasileiro deveria se preparar para não ser novamente surpreendidos por estes fenômenos externos, uma vez que a terceira revolta eclodiria inevitavelmente.

#### 4. 4 As repercussões da obra *Agrarismo e industrialismo* no PCB

Em relação ao significado da obra *Agrarismo e industrialismo*, conforme constatamos, este estudo foi fundamental para a formação política dos primeiros comunistas brasileiros. Aliás, é preciso que se diga: logo após sua publicação, em março de 1926, foi utilizado pela vanguarda do Partido Comunista do Brasil como programa de orientação política até, pelo menos, meados de 1930<sup>305</sup>.

Na ocasião do Segundo Congresso dos pecebistas, por exemplo, realizado na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 16, 17, e 18 de maio de 1925, ficou estabelecido em assembléia que o referencial de luta dos comunistas brasileiros seria com base nas teses apresentadas em *Agrarismo e industrialismo*. O secretário-geral do PCB, Astrojildo Pereira, forneceu uma dimensão da importância que o livro de Brandão desempenhou durante aqueles anos. Segundo Astrojildo: “As teses sôbre a situação política nacional baseavam-se na concepção dualista ‘agrarismo-industrialismo’, dominante na direção do Partido. Falam-se aí em luta entre o capitalismo agrário semifeudal e o capitalismo industrial moderno, como sendo a contradição fundamental da sociedade brasileira após a República”<sup>306</sup>.

Apesar da importância considerável que o livro desempenhou durante aqueles anos, para Leandro Konder, as interpretações presente em *Agrarismo e industrialismo* corroboraram para explicitar o “mal-entendido” estabelecido entre Brandão e a dialética marxista. Outro aspecto fundamental observado por Konder, a personalidade forte e o comportamento sempre presunçoso do intelectual, somado ao pequeno rigor teórico dos primeiros leitores comunistas

<sup>303</sup> *id. ibid.* p. 71 – 72.

<sup>304</sup> *id. ibid.* p. 84.

<sup>305</sup> SILVA, Ângelo José da. *Agrarismo e industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil*. In: *Revista de Sociologia e Política*, nº 8, Curitiba: Editora da UFPR, 1997. p. 44.

<sup>306</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*, op. cit., p. 66.

no Brasil, fez com que as ideias de Brandão fossem amplamente aceitas perante aquele grupo social. Acrescenta-se ainda o fato de que Brandão era uma figura autorizada a falar em nome do Partido, em seu discurso, carregava consigo a noção de verdade<sup>307</sup>. A esse respeito, acrescentou Konder:

O tom convicto, peremptório, que Brandão utilizava para expor suas posições, nas condições da época, aumentava seu poder de persuasão. Pouco afeitos a reflexão filosófica, seus leitores eram levados a crer que ele *sabia* das coisas; eram levados a sentir vergonha de terem dúvidas e a aceitar aquilo que era afirmado com tanta ênfase. As afirmações eram impressionantes; só depois é que se verificaria que a história não viria a confirmá-las.<sup>308</sup>

Foram poucos os comentadores sobre a obra naquela época. Inicialmente, Brandão recordou das críticas do jornalista Jackson de Figueiredo, em um artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Jackson manifestou uma enorme preocupação para com o conteúdo exposto na obra<sup>309</sup>.

O ex-capitão do exército, Luis Carlos Prestes, que naquele momento era cortejado por Astrojildo Pereira a aderir à causa comunista, entrou em contato com o livro em meados de 1927, conforme veremos mais adiante. Em uma entrevista concedida ao historiador Ângelo José da Silva no ano de 1988, Prestes não poupou críticas às interpretações realizadas por Brandão. Para o “Cavaleiro da Esperança”:

O livro de Brandão, que exerceu uma influência muito grande na direção do partido, é um tema completamente errado. [...] Ele resolveu criar uma oposição entre o agrarismo e o industrialismo e batizou: o agrarismo está com o imperialismo inglês e a industrialização está com o imperialismo americano. Isso é artificial. É completamente artificial [...]. E ele não tinha noção nenhuma de dialética.<sup>310</sup>

Mesmo Astrojildo Pereira, uma pessoa muito próxima a Brandão, que havia anteriormente aceitado, sem questionamento, o conteúdo exposto no livro, e que colaborou para sua difusão entre os comunistas, posteriormente, realizou uma série de críticas ao pensamento de Brandão, o denominou de esquemático e mecânico. Segundo Astrojildo:

<sup>307</sup> CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>308</sup> KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 148.

<sup>309</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 286.

<sup>310</sup> PRESTES, Luis Carlos. Luis Carlos Prestes e os antecedentes da Revolução de 1930. *Revista de Sociologia e Política*, nº 1, Curitiba: Editora da UFPR, 1993. p. 96.

Partindo de tais concepções, que resultaram de uma aplicação mecânica e arbitrária do método dialético na análise da situação brasileira, os movimentos que desembocaram no 5 de julho de 22 e no 5 de julho de 24 são simplesmente enquadrados no esquema “agrarismo-industrialismo”, e dentro desse enquadramento isolados do contexto vivo da situação política. [...] As conclusões práticas a que chega o documento, apresentadas como diretivas políticas para a atividade imediata do Partido, são apenas o reflexo lógico da concepção esquemática em que fundamentavam as teses. As teses sobre a situação internacional possuem um caráter meramente descritivo e panorâmico, sem qualquer feição analítica ou interpretativa. O quarto ponto da ordem-do-dia trata dos novos estatutos do Partido – simples adaptação do modelo elaborado pela IC.<sup>311</sup>

O próprio Brandão, posteriormente, realizou uma autocrítica em relação as hipóteses e previsões apresentadas anteriormente em sua principal obra, *Agrarismo e industrialismo*. A esse respeito reconheceu:

A obra tem *falhas*. Não compreendeu, com devida clareza, o caráter e o conteúdo da revolução no Brasil. Nem suas forças motrizes. Nem suas etapas. Nem a ligação e a correlação entre as etapas. Nem o desenvolvimento e a transformação da revolução agrária, popular, democrática e antiimperialista, em revolução proletária, socialista. Subestimou a importância dos camponeses – os melhores aliados da classe operária. Não viu com clareza a diferença entre os vários grupos dos trabalhadores revoltosos. Exagerou a significação da tríade – a tese, a antítese e a síntese. Fez uma aplicação esquemática da tríade materialista da História do Brasil. Apesar destas e de outras falhas, trata-se de um livro progressista e revolucionário, de pioneiro e precursor.<sup>312</sup>

Não nos restam dúvidas de que o livro apresentou uma série de incompreensões com relação à interpretação da realidade político-social brasileira da década de 1920 e, principalmente no que se refere à concepção de dialética. Porém, por outro lado, devemos registrar que o pensamento de Brandão representou um avanço para a época, pois, foi o primeiro estudo que se propôs compreender as condições objetivas para uma transformação radical da sociedade brasileira com base no marxismo<sup>313</sup>. Além do mais, conforme assinalou acertadamente Quartim de Moraes, em *Agrarismo e industrialismo* “[...] seus defeitos saltam aos olhos, mas não devem fazer perder de vista nem o pioneirismo doutrinário, [...] nem a

<sup>311</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*, op. cit., p. 66.

<sup>312</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 287.

<sup>313</sup> Caio Prado Júnior reconheceu em *Evolução política do Brasil*, sua primeira obra orientada com base na teoria marxista, publicada no início dos anos 1930, que o método de investigação empregado em seu livro se tratava de algo “relativamente novo” no Brasil. Ora, relativamente novo pelo fato de antes do seu trabalho, outro estudo já havia se arriscado nesta empreitada. Caio Prado estava seguramente se referindo a *Agrarismo e industrialismo*, de Octávio Brandão. PRADO Júnior, Caio. *Evolução política do Brasil*: e outros estudos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 9.

percepção, que nos parece justa, de que o principal conflito no Brasil de então opunha os interesses da nação aos das oligarquias”<sup>314</sup>.

---

<sup>314</sup> MORAES, João Quartim de. A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro. In: REIS Filho, Daniel Aarão *et al.* (orgs.). *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 79.



FIGURA 08: III Congresso do PCB, dezembro de 1928/ janeiro de 1929.  
Octávio Brandão (em pé, o quinto da direita para a esquerda).

*Banco de imagem AEL/ Unicamp*

#### 4. 5 Da luta revolucionária no Bloco Operário e Camponês ao exílio político (1927 – 1931)

Brandão havia se tornado uma figura muito respeitada no PCB, sobretudo, a partir da publicação de *Agrarismo e industrialismo*. Além de ter desempenhado a função de importante teórico do partido, era também o responsável por toda atividade referente à propaganda político-ideológica. O intelectual comunista continuava a organizar cursos, palestras e grupos de estudos direcionados aos trabalhadores. As atividades eram realizadas com bastante sigilo para não despertar a atenção das autoridades policiais. Porém, apesar de toda precaução tomada, no dia 14 de julho de 1926, foi localizado pela polícia política de Bernardes em uma pequena casa situada na Rua do Curvelo, nº 11. A perseguição havia durado dois anos e nove dias<sup>315</sup>.

Assim que ganhou a liberdade, procurou fazer repouso em um sítio no interior de Minas Gerais. O descanso durou pouco tempo, de volta a capital federal, por determinação da Comissão Central Executiva do PCB, passou a dirigir uma organização de trabalhadores conhecida como Bloco Têxtil. Este bloco composto por comunistas e simpatizantes, tinha como propósito concorrer às eleições pela diretoria da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, que tinha sua sede na Rua Acre, no Rio de Janeiro. A chapa eleitoral apoiada pelo PCB e dirigida por Brandão venceu com uma margem expressiva de votos. De acordo com Brandão: “Votaram no Bloco Têxtil 445 operários e 88 contra. E, com esta vitória do proletariado e do seu PCB, findou o ano de 1926 – duro e terrível, mas fecundo”<sup>316</sup>.

Em janeiro de 1927, Washington Luiz, apoiado pela oligarquia cafeeira paulista, tomou posse do cargo de Presidente da República do Brasil. Segundo informou Brandão, inicialmente, o novo presidente: “procurou descarregar sobre o governo Bernardes, toda a culpa da situação trágica do país. Tentou criar um ambiente de expectativa simpática e ilusões, e obter um crédito de confiança. Muita gente deixou-se arrastar por essa manobra”<sup>317</sup>.

Aproveitando-se do espaço aberto com a transição do novo governo, em janeiro de 1927, os comunistas fundaram o jornal *A Nação*<sup>318</sup>, na cidade do Rio de Janeiro. Brandão,

<sup>315</sup> Para a sorte de Brandão, o Governo do presidente Arthur Bernardes e, igualmente, o Estado de Sítio estavam chegando ao fim. O prisioneiro político, com a saúde fortemente abalada, logo foi libertado. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 329.

<sup>316</sup> *id. ibid.* p. 331.

<sup>317</sup> *id. ibid.* p. 332.

<sup>318</sup> O jornal *A Nação* pertencia ao jornalista Leônidas de Resende. O jornalista havia adquirido uma posição de respeito entre alguns setores da esquerda por ter sido um importante crítico do governo de Arthur Bernardes. A ligação de Leônidas com os comunistas e o caráter do jornal foi descrita da seguinte maneira por Astrojildo Pereira: “Sem se desprender totalmente de certas concepções de Comte, Leônidas de Resende aproximou-se

Astrojildo Pereira, Paulo de Lacerda e Leônidas de Resende compuseram a equipe editorial do tablóide. A contribuição de Brandão foi significativa durante o curto período de existência do jornal. Publicou uma série de artigos denunciando, principalmente, o imperialismo. Grosso modo, a fundação de *A Nação* trouxe novas expectativas para os comunistas brasileiros. Pela primeira vez desde a fundação do Partido, os pecebistas passaram a desfrutar de uma considerável liberdade de expressão. Puderam, inclusive, solenizar publicamente, naquele início de ano, o aniversário de falecimento de Lênin. As conferências foram agendadas para o dia 13 de maio, e o jornal *A Nação* se encarregou de divulgar os informes do evento entre os trabalhadores. De acordo com o Secretário Geral do PCB na época, Astrojildo Pereira:

A sessão efetuou-se na sede da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, grade salão num sobrado da Rua Acre. Centenas de pessoas, quinhentas ou mais encheram literalmente o local, para ouvir os oradores: Leônidas de Resende, que discorreu sobre “Lênin, marxista”; Azevedo Lima, sobre “Lênin, homem de ação”; Octávio Brandão, sobre “Lênin e o imperialismo”; Astrojildo Pereira, sobre “Lênin e os sindicatos operários”. Tudo publicado a seguir no jornal, em dias sucessivos. Foi um êxito absoluto, que as estrofes da Internacional encerraram em grande estilo.<sup>319</sup>

Os pecebistas também aproveitaram a momentânea liberdade de expressão para realizar outras atividades importantes. Fundaram, por exemplo, O Bloco Operário no mês de janeiro, no intuito de concorrer às eleições pela Câmara Federal. Ademais, conforme recordou Brandão em sua autobiografia, foi um período bastante produtivo para o Partido, pois, conseguiram realizar, sem intervenções policiais, vários cursos de formação política e comícios nas portas das fábricas. A participação da vanguarda comunista nos assuntos referentes à política nacional foi algo realmente significativo. Os pecebistas foram atuantes, por exemplo, na luta contra a aplicação da *Lei Celerada*, ou *Lei Aníbal de Toledo*, idealizada pelo presidente Washington Luiz. Na ocasião, os comunistas ajudaram a fundar o Núcleo de Defesa dos Direitos Constitucionais, uma instituição composta por uma frente ampla que pretendia impedir a aplicação do projeto presidencial.

No centro da Capital Federal, em frente ao Teatro Municipal, representando o PCB, o intelectual discursou para uma multidão criticando o conteúdo autoritário da lei. Para os

---

resolutamente das posições revolucionárias do marxismo-leninismo, e nessa disposição de espírito é que procurou a direção do PCB, em fins de 1926, novembro ou dezembro, propondo-lhe retomar a publicação do jornal como órgão comunista a serviço do Partido. Os entendimentos se fizeram facilmente, como se pode imaginar, marcando-se data para o reaparecimento da folha sob nova feição, com três membros da direção do Partido em sua redação. No cabeçalho do jornal, que saiu a 3 de janeiro de 1927, evidenciavam-se à primeira vista os veementes sinais do seu novo caráter: ‘Proletários de todos os países, unívos!’, versos da Internacional, uma frase de Lênin”. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*, op. cit., p. 75 – 76.

<sup>319</sup> *id. ibid.* p. 79.

comunistas e alguns setores da sociedade, se tratava de um mecanismo de dominação política, exercido pelo presidente do Brasil, seguindo instruções do governo imperialista inglês. Para Brandão, o resultado deste embate travado contra o controle da liberdade de expressão foi algo emblemático, como se observa no fragmento a seguir:

A batalha contra a lei celerada foi memorável. O imperialismo inglês e o governo do Brasil impuseram a aprovação da lei. A maioria do Parlamento curvou-se, servilmente. O jornal *A Nação* bateu-se corajosamente. Foi fechado por decisão do PCB, a 11 de agosto de 1927, a fim de não ser fechado pelo governo, baseado na nova “lei”. O ódio à lei celerada tornou-se geral. O governo nunca teve coragem de aplicá-la.<sup>320</sup>

Empolgados com os resultados obtidos na luta contra o presidente Washington Luiz, os pecebistas trataram de estabelecer aliança com os revoltosos da Coluna Prestes. No intuito de tentar uma aproximação com Luís Carlos Prestes, principal liderança do movimento, Astrojildo Pereira partiu com alguns livros marxistas para a Bolívia, onde os últimos membros da Coluna haviam se refugiado<sup>321</sup>. Em meados de 1928, por determinação da direção do Partido, Brandão ficou responsável por reorganizar o Bloco Operário, que passou a ser chamado, a partir de então, de Bloco Operário Camponês. Enormemente influenciado pelos ensinamentos do seu mestre, Lênin, comentou acerca da importância do BOC durante aquele período: “lançou a idéia da aliança política dos operários com os camponeses, e vice-versa. Semeou esta idéia fundamental no seio dos trabalhadores urbanos e rurais. Abriu, assim, vasta perspectiva política para o futuro do Brasil. O BOC fez muito trabalho de educação e organização, agitação e propaganda”<sup>322</sup>.

Para o historiador Edgar Salvadori de Decca, o contexto do surgimento do BOC é fundamental para que possamos compreender, entre outros aspectos, a linha política, bem como o conceito de revolução defendido pelos intelectuais pecebistas até, pelo menos, o final dos anos vinte<sup>323</sup>. De acordo com Edgar de Decca:

<sup>320</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 336.

<sup>321</sup> ROIO DEL, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919 – 1929). In: FERREIRA, Jorge & FILHO, Daniel Aarão. *A formação das tradições: 1889 – 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 239. Para mais informações, consultar a obra do próprio Astrojildo Pereira, onde é possível perceber as razões que possibilitaram este encontro histórico. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*, op. cit., p. 105 – 110.

<sup>322</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 343.

<sup>323</sup> Em *Autocrítica*, publicado no ano de 1928 e, posteriormente, reproduzido em anexo no livro *PCB (1922 – 1929)*, do historiador Michel Zaidan Filho, Brandão, mais uma vez, expressou o caráter da revolução brasileira. Para o intelectual comunista: “Poderemos afirmar que o Brasil atual está no caminho da conquista imediata do poder pelo proletariado? Seria uma loucura. Sem o país atravessar a terceira revolta e a conseqüente revolução democrática pequeno-burguesa, não poderemos pensar na conquista imediata do poder”. BRANDÃO, Octávio. O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa. In: ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922 – 1929)*, op. cit., p. 122.

O Bloco Operário e Camponês, em 1928, apareceu com a proposta de revolução democrático-burguesa que, combatendo o feudalismo e o imperialismo, dava ênfase à aliança operário-camponesa no encaminhamento da questão agrária. Tal proposta, de inspiração leninista, obedecia a um conjunto de proposições teóricas, até agora não explicitado, que dava fundamento *ao tema da industrialização*. [...] A proposta de revolução democrático-burguesa de inspiração leninista refazia os marcos anunciados por Marx no Período de 1848, apontando a tarefa fundamental do proletariado e do campesinato na questão da solução agrária.<sup>324</sup>

O esforço dos intelectuais comunistas para ampliar o número de eleitores no intuito de participar do processo eleitoral, exigiu uma série de sacrifícios aos envolvidos<sup>325</sup>. Brandão relatou que durante os comícios e as atividades de panfletagens, geralmente realizadas nas portas das fábricas e outros lugares estratégicos da cidade, a polícia passou a ser implacável, por conta disso, acabou sendo preso algumas vezes.

Para as eleições municipais realizadas em outubro de 1928, foram apresentados os nomes de Minervino de Oliveira e Octávio Brandão<sup>326</sup>. Na ocasião, a CCE promoveu uma série de atividades políticas, no intuito divulgarem as propostas do BOC entre os trabalhadores do Distrito Federal<sup>327</sup>. Apesar dos obstáculos, sobretudo aqueles ocasionados pela repressão policial, os esforços dos pecebistas sortiram efeito, pois, pela primeira vez, conseguiram eleger dois dos seus representantes para o cargo de intendentess (vereadores) para o Conselho Municipal.

---

<sup>324</sup> DE DECCA, Edgar Salvadori. *1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 113.

<sup>325</sup> DEL ROIO, Marcos. *A gênese do Partido Comunista (1919 – 1929)*, op. cit., p. 242.

<sup>326</sup> PEREIRA, Astrojildo. *A Classe Operária*. Rio de Janeiro. 1928.

<sup>327</sup> No dia das comemorações do 1º de maio, perante uma multidão de operários reunidos na Praça Mauá, os comunistas fizeram ressurgir *A Classe Operária*, o jornal que, a partir de então, se tornaria, novamente, o principal instrumento ideológico dos pecebistas.



FIGURA 09: Octavio Brandão (à esquerda) e Minervino de Oliveira na década de vinte, no Rio de Janeiro.

*Coleção particular pertencente à Dionysa Brandão Rocha*

Brandão recordou que após a vitória nas urnas, encontrava-se completamente enfraquecido fisicamente pelo acúmulo de atividades. Com a solicitação de repouso provisório negada pelo Secretário Geral do Partido, continuou exercendo sua função de ideólogo-propagandista das massas operárias e, ao mesmo tempo, viajando para outras regiões do país realizando conferências representando o Partido.

Somente em junho, as atividades no Conselho Municipal se iniciaram. Brandão e Minervino, representantes do PCB e do BOC, mesmo hostilizados pela maioria dos intendentes, foram atuantes no embate político pelos direitos dos operários e camponeses, e se posicionaram de maneira bastante contundente contra a espoliação financeira, praticada pelos países desenvolvidos. Acerca das principais atividades realizadas naquele período<sup>328</sup>, Brandão assinalou que, ao lado do companheiro Minervino: “[...] apresentaram muitos requerimentos, indicações e emendas ao orçamento, em prol dos operários, camponeses e massas populares em geral. Atacaram implacavelmente a reação e o imperialismo inglês e norte-americano. Propuseram a anulação de todas as dívidas aos bancos estrangeiros. Recusaram créditos para pagá-las”<sup>329</sup>. Destacou que, além dos discursos inflamados direcionados aos grupos que representavam os interesses do imperialismo internacional e da grande burguesia nacional, ambos foram bastante atuantes em outras importantes reivindicações e projetos de lei, um exemplo, a proposta que exigiu do Governo um maior investimento na educação, no intuito de erradicar o analfabetismo no Distrito Federal<sup>330</sup>.

Preocupado com o crescimento dos protestos e das reivindicações das massas operárias nos principais centros industriais do país, sobretudo na Capital Federal, o Presidente da República ordenou o fechamento imediato do jornal *A Classe Operária*, do BOC e de vários sindicatos insurgentes. Além do mais, empreendeu uma série de prisões aos militantes

---

<sup>328</sup> Analisando em detalhe o livro de atividades do Conselho Municipal Estado do Rio de Janeiro (Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), foi possível verificar várias discussões, todas bastante acaloradas, que envolveram o intendente do PCB. Entre os debates realizados, um em especial, chamou-nos a atenção pela tensão provocada entre os indendentes, trata-se da discussão em torno do papel atribuído a Câmara Municipal que, segundo denunciou Brandão, representava apenas os interesses dos grandes grupos capitalistas. Discursando pela bancada do PCB e do BOC, comentou: “A política Municipal tem sido, até hoje, sacrifício das massas laboriosas no altar dos capitalistas. Para combate-la, é preciso que as massas se organizem syndical e politicamente, sob a bandeira da Confederação Geral dos Trabalhadores e do Bloco Operário e Camponez. Organização, mais organização, sempre organização! Rio de Janeiro, 6 de junho de 1929 – Octávio Brandão”. Intendente Octávio Brandão. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, 13.ª Sessão. 19.06.1929. p. 684. Na mesma sessão, Brandão já havia se levantado denunciando os gastos públicos da Prefeitura do Rio de Janeiro, questionou o fato de não pagar em dia os funcionários municipais em proveito dos poderosos, a esse respeito, denunciou: “Os salários e os vencimentos são insuficientes. A Prefeitura não os paga em dia, mesmo sabendo que os pobres não podem esperar, pois não tem capitais em reserva nem heranças como o prefeito. [...] A prefeitura não paga em dia e ainda rouba os operários e pequenos funcionários oferecendo-lhes, com juros, umas migalhas que não dão para matar a fome [...]!”. *id. ibid.* p. 683.

<sup>329</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 361.

<sup>330</sup> *id. ibid.* p. 361.

pecebistas. Com esta medida autoritária, o governo pretendeu, ao mesmo tempo, fragilizar o movimento operário e desarticular a direção do PCB<sup>331</sup>. De acordo com Brandão, no Conselho Municipal a situação não era muito diferente:

Os intendentos reacionários cometeram todos os abusos. Atacaram sempre a tribuna os dois intendentos do PCB e do BOC. Aprovaram a Indicação que suprimiu a publicação os materiais desses dois intendentos. Surrupiam apontamentos necessários aos meus discursos. Juntaram jornais em minha banca e, de surpresa, tocaram fogo neles, junto aos meus pés. Ameaçaram-me de morte. Era ódio de classe.<sup>332</sup>

Em outubro de 1929, a situação econômica do país se agravou ainda mais, além do aumento significativo do custo de vida nas grandes cidades<sup>333</sup>, que afetou diretamente os trabalhadores pobres, e com uma economia fortemente impactada pelo *crash* da Bolsa de *New York*<sup>334</sup>, o governo intensificou o uso da violência policial para conter as ondas de revoltas das massas operárias. Dividido entre a militância política no movimento operário e intendente pelo PCB, conforme constatamos, este foi um período muito agitado da vida de Brandão. Com a polícia política sempre por perto, teve de recorrer a vários métodos para não ser preso enquanto incitava a massa proletária a se levantar contra a exploração dos patrões.

As atividades legislativas se encerraram no dia 31 de dezembro, segundo informou, já prevendo as possíveis perseguições, tomou algumas precauções para não ser novamente preso: “[...] Para evitar ser preso e ficar mofando, mergulhei imediatamente na vida clandestina. Na própria noite de 31 de dezembro, a polícia política mais uma vez, foi buscar-me em casa. Mas, caboclo desconfiado, prevendo a batida, não fui dormir no lar. Desaparei”<sup>335</sup>. Recordou que se refugiou, por um tempo, na chácara de um amigo, o padeiro Elpídio Baltazar, na cidade de Friburgo. Retornou ao Rio de Janeiro apenas no dia das

<sup>331</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*, op. cit., p. 130 – 131.

<sup>332</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 362.

<sup>333</sup> SIMONSEN, Roberto C. *Evolução industrial do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Nacional, 1973. p. 40.

<sup>334</sup> O principal produto de exportação continuava sendo predominantemente o café produzido na região sudeste. O mercado norte-americano era responsável por quase a totalidade das negociações envolvendo este produto. Porém, com a crise econômica, interromperam as negociações. Como consequência, no Brasil, os preços do produto despencaram, significativamente, provocando um déficit na economia. Outro efeito importante ocasionado pela crise de 1929, foi à falência das oligarquias cafeeiras. Além do mais, como assinalou Boris Fausto: “O agravamento das tensões no curso da década de 20, as peripécias eleitorais das eleições de 1930, a crise econômica propiciam a criação de uma frente difusa, em março/outubro de 1930, que traduz a ambigüidade da resposta à dominação da classe hegemônica: em equilíbrio instável, contando com o apoio das classes médias de todos os centros urbanos, reúnem-se o setor militar, agora ampliado com alguns quadros superiores, e as classes dominantes regionais. Vitoriosa a revolução, abre-se uma espécie de vazio de Poder, por força do colapso político da burguesia do café e da incapacidade das demais frações de classe para assumi-lo, em caráter exclusivo”. FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 150.

<sup>335</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 378.

eleições presidenciais, realizadas a primeiro de março de 1930. Ironicamente, neste mesmo dia, enquanto participava de uma agitação operária, realizada no bairro da Gávea, as autoridades policiais o prenderam imediatamente. Assim que ganhou a liberdade, continuou a exercer sua militância política no movimento operário de maneira clandestina.

Em abril de 1930, foi encarregado pela direção do PCB, junto a Astrojildo Pereira, de participar de uma conferência internacional dos Partidos Comunistas em Buenos Aires. Em sua autobiografia, lamentou profundamente o significado dessa conferência: “Foi um ‘prêmio’ por tantos combates, batalhas e vitórias. Em nome da absurda Revolução Soviética imediata para o Brasil da época, fui duramente combatido”. Acrescentou: “Ouvi 16 discursos de ataques, inclusive pessoais. Procuraram fazer tábua rasa de minha vida, obra e luta”<sup>336</sup>. O autobiografado recordou que nessa conferência foi inteiramente responsabilizado pelas incompreensões e pelos desvios ideológicos cometidos pela direção do PCB<sup>337</sup>. Conforme observamos, as principais acusações que recaíram sobre as lideranças pecebistas foram: ter defendido a aliança com os tenentes insurgentes e com os revoltosos da Coluna Prestes; a interpretação acerca da realidade brasileira expressa em *Agrarismo e industrialismo*; a concepção de revolução democrático pequeno-burguesa<sup>338</sup>.

Brandão comentou que diante de tais circunstâncias, praticamente isolado, se viu forçado a realizar uma autocrítica e a reconhecer os supostos equívocos cometidos enquanto esteve à frente na direção da CCE do PCB, caso contrário, corria o risco de ser expulso do Partido, pior ainda, ser considerado traidor. Tomando como referência o depoimento do ex-dirigente da União dos Alfaiates Heitor Ferreira Lima, o responsável pelas acusações que culminaram no afastamento de Brandão e de Astrojildo da direção do PCB foi o polêmico

---

<sup>336</sup> *id. ibid.* p. 379.

<sup>337</sup> Décadas após o ocorrido, ao ser perguntado pelo jornalista Renato Lessa, se mais tarde a Internacional havia feito justiça, Brandão, mais uma vez, reclamou: “Nunca! Morreu e nunca fez justiça”. Porém, nos pareceu que a maior mágoa do intelectual foi em relação ao ex-companheiro de partido e amigo pessoal Astrojildo Pereira, conforme se observa no comentário a seguir: “[...] Astrojildo logo descarregou tudo nas minhas costas. Ficou... encolheu-se covardemente. Mas uma coisa triste! Eu digo: ‘Como, depois de tantos anos de luta? Ele era meu amigo número um e capitula assim?’ Então, eu estava sozinho e ia ser expulso como traidor. E acabou-se, nunca me fariam justiça e nunca me permitiriam fazer nada de nada. Fiquei cinco anos e meio no ostracismo”. REGO, Octávio Brandão. *Octávio Brandão (depoimento 1977)*, op. cit.,

<sup>338</sup> No que se refere a concepção da revolução pequeno-burguesa defendida por Brandão e pelos pecebistas, mais uma vez valendo-se das observações de Pedro Roberto Ferreira: “Restava a Brandão e seus companheiros de partido e defesa de uma burguesia industrial progressista, todavia, esta somente existiria na revolução de 1924 quando projetada nos tenentes. A revolução democrática, defendida no 2º Congresso dos Comunistas, enfrenta um sério problema justamente em relação ao seu ator principal. Não podendo contar com aquele que lhe seria natural, toma-o emprestado de um segmento comprometido com a manutenção da ordem político-social. Esse empréstimo, à revelia da burguesia industrial, contraria o sentido de uma revolução democrático-popular, porque inverte o espaço da articulação das forças sociais”. FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920 – 1946*, op. cit., p. 93.

Abraham Guralski<sup>339</sup>, dirigente da Seção da Internacional Comunista da América Latina (SSA-IC). A esse respeito, recordou Heitor Ferreira Lima:

Ao que me lembro, por cartas por mim recebidas de Astrojildo, os problemas e as críticas foram às mesmas de Moscou, sendo, porém, Octávio Brandão responsabilizado pelos desvios. No entanto, os escritos de Brandão não representavam sua opinião pessoal e única, e, sim, constituíam o pensamento oficial da direção do PCB. A paternidade individual que lhe foi atribuída magoou profundamente Brandão, deixando-o abaladíssimo, chegando-se mesmo a temer por um possível desatino seu, dada a virulência das críticas “à moda Guralski, naturalmente”.<sup>340</sup>

A indignação de Brandão pode ser verificada no seguinte fragmento: “Em vez de fazer autocrítica dos erros reais, fui obrigado a fazer ‘autocrítica’ de erros imaginários, por não ter lutado pela fantástica Revolução Soviética imediata. Tal o absurdo”<sup>341</sup>. Os efeitos imediatos dessa conferência puderam ser verificados desde o dia 31 de maio de 1930, justamente quando Brandão retornou ao Rio de Janeiro da viagem à Argentina<sup>342</sup>. Às pressas, o Núcleo do PCB preparou uma reunião extraordinária na cidade de Niterói, cumprindo ordens da IC, dissolveu o BOC e demitiu toda direção do PCB<sup>343</sup>. Para Marcos Del Roio: “A mudança na orientação política do PCB imposta pela IC pôs em crise o grupo dirigente do partido e isolou o movimento operário autônomo no processo de desagregação da dominação oligárquica e de início da revolução burguesa, facilitando a repressão estatal”<sup>344</sup>. Conforme observamos,

---

<sup>339</sup> A mudança radical na linha política dos partidos comunistas (processo de “bolchevização”) havia se iniciado em Moscou, na ocasião do VI Congresso dos Comunistas, realizado entre os meses de julho e setembro de 1928. Valendo-se das palavras de Paulo Sérgio Pinheiro: “A estratégia e as táticas recomendadas aos comunistas brasileiros estão longe de ser específicas e devem ser situadas no padrão mais largo da evolução da IC. As características das novas táticas, definidas especialmente a partir de 1928, foram as mesmas em toda parte. [...] As acusações de que Astrojildo Pereira será alvo em Moscou, e Octávio Brandão em Buenos Aires, foram a repetição ritual das mesmas acusações brandidas contra dirigentes comunistas de países europeus. Entre 1928 e 1934, todos os partidos comunistas mudaram, em grande parte, suas características. Mesmo com as exclusões ocorridas por ocasião de cisões e com a rígida disciplina que era marca registrada do comunismo, os partidos comunistas do período anterior tinham conhecido alguma liberdade intelectual. Considerava-se normal haver um certo número de opiniões divergentes, algumas mais para a direita, outras para a esquerda”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*, op. cit., p. 197.

<sup>340</sup> LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos Percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 106.

<sup>341</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 380.

<sup>342</sup> De volta ao Brasil, no dia 31 de maio de 1930, antes mesmo de o navio Conte Verde aportar na cidade do Rio de Janeiro, a Polícia Marítima, cumprindo ordens da 4ª Delegacia Auxiliar, interceptou a embarcação e prendeu imediatamente Brandão. Algumas horas após a prisão, acabou sendo solto, porém, seu passaporte permaneceu sob custódia da polícia, apesar de toda insistência para que fosse devolvido. A ocorrência foi registrada pela *Seção de Ordem Política e Social* da seguinte maneira: “Dia 31 – Octávio Brandão chegou hoje da Argentina, às 6 horas, a bordo do CONTE VERDE, vapor italiano, que atracou no Armazém n.º 18 da Praça Mauá. De bordo desse vapor foi o mesmo embarcado na lancha da Polícia da Marítima até a sede desta, sendo ali solto por ordem do Sr. Dr. 4ª Delegado Auxiliar”. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Prontuário Octávio Brandão*, pasta GB, folha 2077, Rio de Janeiro.

<sup>343</sup> DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa*. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1990. pp. 137 – 159.

<sup>344</sup> DEL ROIO, Marcos. *A gênese do Partido Comunista (1919 – 1929)*, op. cit., p. 247.

mesmo depois de algumas décadas, Brandão não se recuperou plenamente desse impacto, lamentou este episódio até os últimos dias de sua vida:

Aderi ao PCB em condições penosas, nacionais e internacionais. Suportei 4 longos anos de estado de sítio, sempre lutando. Travei combates e batalhas vitoriosos. Membro da Comissão Central Executiva durante 7 anos. Depois de tudo isto, fui demitido da CCE, *em 5 minutos*, sem nenhuma cerimônia, em 1930, ao voltar de Buenos Aires, numa reunião em Niterói. De um lado, perseguido pela polícia. Do outro lado, hostilizado dentro do PCB. <sup>345</sup>

Sem embargo, mesmo bastante aborrecido e abalado pelas medidas adotadas naquela reunião de Niterói, continuou contribuindo com a nova direção do PCB. Durante o segundo semestre daquele ano, por exemplo, realizou inúmeras palestras e comícios nas portas de fábricas, nos sindicatos e em outros lugares onde se encontravam as massas operárias.

Em outubro de 1930, o país foi surpreendido por um golpe de Estado. Getúlio Vargas que anteriormente havia disputado e perdido as eleições presidenciais pela Aliança Liberal (AL) contra o candidato Júlio Prestes, do Partido Republicano Paulista (PRP), recorreu aos tenentes do exército e aplicou um golpe de estado sobre o sistema oligárquico<sup>346</sup>. Uma das primeiras medidas preventivas adotadas pelo governo provisório foi fechar o Conselho Municipal e dissolver os mandatos dos intendentes, como forma de aniquilar a oposição.

Segundo informou Brandão, a pedido do PCB, no dia 25 de outubro realizou um comício na Praça Mauá para uma multidão de trabalhadores. Na ocasião, discursou contra o golpe, o qual denominou imperialista. A cavalaria logo apareceu, dispersou a multidão do local com muita truculência<sup>347</sup>. Porém, algumas horas após as agitações, a polícia o prendeu, foi levado para a Casa de Detenção<sup>348</sup>. Ganhou a liberdade somente em fevereiro de 1931, após cento e cinco dias de cárcere.

Após haver se recuperado das enfermidades, relatou em sua autobiografia que estava disposto a recomeçar a vida. Inicialmente, procurou emprego em alguns jornais da cidade, porém, não obteve sucesso. No mesmo período, por determinação da direção executiva do PCB, ficou encarregado de fazer ressurgir e, ao mesmo tempo, administrar o jornal *A Classe*

<sup>345</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 381.

<sup>346</sup> FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*, op. cit., p. 116.

<sup>347</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 396.

<sup>348</sup> Nos relatórios de polícia consta que Brandão foi preso por atividade subversiva e por haver difundido publicamente as ideias comunistas. Segue-se abaixo o informe do relatório policial: “[...] foi também aqui recolhido, apresentado com o ofício dessa Delegacia n.º 6 s/data, assignado pelo Tte. Egon Prestes Pinto, pelo 4º Delegado Auxiliar, o ex-intendente Octávio Brandão, que por se haver tornado inconveniente neste estabelecimento, pretendendo subverter a ordem por meio de discursos em que eram realçadas ás ideias comunistas, foi transferido para a Casa de Detenção”. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Ofício emitido pela 14ª Delegacia da Casa de Correção*. Rio de Janeiro, 30.10.1930.

*Operária*<sup>349</sup>. Entretanto, a atuação no movimento operário durou pouco tempo, pois, por ordem do delegado Salgado Filho, novamente acabou sendo preso, acusado de atividade subversiva<sup>350</sup>.

Em uma tarde de 18 de junho de 1931, após 56 dias preso na Casa de Detenção, Brandão e outras lideranças do movimento operário acabaram sendo deportados do país. Escoltado por oito policiais da prisão diretamente para o cais da Praça Mauá, (somente no local da partida foi que encontrou com Laura e as três filhas pequenas), embarcaram no navio alemão *Weser*, que iria conduzi-los até Bremen, na Alemanha. Conforme acrescentou Brandão, era apenas o início de um longo exílio político, que iriam durar 15 anos afastado do Brasil<sup>351</sup>. Em *Combates e batalhas*, o autobiografado procurou reproduzir a atmosfera daquele dia:

Triste com a deportação, profundamente amargurado, doente em consequência das prisões e perseguições, eu levava o coração cheio de saudades e nostalgias – de Alagoas, do Brasil, do amor materno, dos amigos e camaradas. Baixei a frente, sob o peso de tantas dores e amarguras, injustiças e incompreensões. Depois, levantei a cabeça altivamente, em sinal de revolta, num desafio à adversidade e ao regime social dominante. Ao meu lado, diante da paisagem maravilhosa, no convés do navio, Laura lançou os olhos, despediu-se dos lugares queridos. Via a terra natal pela última e derradeira vez na vida. Suas lágrimas foram rolando.<sup>352</sup>

O contexto da deportação de Brandão e de outras lideranças do movimento operário, sob a justificativa dissimulada de estar expulsando estrangeiros indesejáveis, possibilita-nos perceber, entre outros aspectos, a dimensão das lutas sociais, bem como a estratégia utilizada pelo Estado burguês no intuito de conter as reivindicações da classe operária. Tomando novamente como referência os comentários de Paulo Sérgio Pinheiro:

Continuam a ser tão comuns quanto antes a censura geral da correspondência e até a de conversas de rua, as prisões por suspeita, a proibição de reuniões, as detenções em segredo e até mesmo o degredo. Sob

<sup>349</sup> BRANDÃO, Octávio. Vida vivida: recordações. In: *Revista Brasileira*. São Paulo, n.º 33, janeiro-fevereiro, 1961. pp. 128 – 153.

<sup>350</sup> A repressão praticada pela polícia política do presidente Getúlio Vargas às lideranças do movimento operário brasileiro não conhecia limites, como se observa na avaliação realizada por Astrojildo Pereira: “Em tempo nenhum, no Brasil, foi o movimento operário sujeito a tamanhas violências como depois de 24 de outubro de 1930”. PEREIRA, Astrojildo. *apud*. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*, op. cit., p. 259.

<sup>351</sup> Para Laura, a deportação significou sua despedida definitiva do Brasil. Em 28 de fevereiro de 1942, em decorrência de um câncer generalizado e de várias tentativas frustradas para eliminá-lo, faleceu na cidade de Ufá, na companhia do marido e das filhas. Atualmente Laura é considerada heroína de guerra pela dedicação e serviços prestados a União Soviética durante a invasão das tropas nazistas na Segunda Guerra Mundial. Para melhores informações sobre a vida da poetisa, consultar o livro: BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Campinas: UNICAMP/CMU, 2007. p. 178.

<sup>352</sup> BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 406.

o disfarce da expulsão de estrangeiros residentes, alguns operários militantes, brasileiros, serão exilados à força e enviados à Europa. Entre eles estava Octávio Brandão. Em junho de 1931, foi tirado de uma prisão no Rio e deportado, com a mulher Laura e três crianças, para Bremen, na Alemanha.<sup>353</sup>

Á guisa de encerramento do exposto no presente capítulo, a respeito das principais atividades realizadas por Brandão no interior do movimento operário brasileiro do Rio de Janeiro durante a segunda metade da década de 1920, percebemos uma participação intensa do intelectual nos principais debates políticos da época. Além de haver participado ativamente de várias mobilizações populares, elaborou uma obra pioneira tomando como suporte o referencial marxista. Apesar das inúmeras incompreensões, não podemos perder de vista sua importância para a primeira geração dos pecebistas. Além do mais, a obra também possui um valor histórico imensurável, por possibilitar, entre outros aspectos, o entendimento da visão dos dirigentes do partido acerca do desenvolvimento da história nacional e, igualmente, a concepção da revolução brasileira defendida até, pelo menos, meados dos anos 1930.

---

<sup>353</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*, op. cit., p. 260.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As primeiras menções às ideias políticas de Marx, realizadas por algumas figuras pensantes do cenário político-cultural brasileiro, na passagem do século XIX para o XX, foram frequentemente consideradas contraditórias e, por vezes, não recebem praticamente nenhuma atenção pela historiografia tradicional. Conforme procuramos demonstrar no primeiro capítulo, realmente vários dos nossos pensadores desconheciam a filosofia desenvolvida por Marx, porém, mesmo assim, alguns não deixaram de fazer algum tipo de referência. Tivemos também aqueles que entraram em contato com algumas obras do filósofo alemão, apropriaram de alguns conceitos, refiro-me, principalmente, aos comentários realizados por Tobias Barreto, Euclides da Cunha e Silvério Fontes.

Em relação aos principais embates travados pelo movimento operário durante sua fase germinal, o referencial de luta foi, inicialmente, a partir das ideias socialistas e, posteriormente, as ideias anarquistas. Em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos entre outras cidades comerciais e/ou industriais do país, a luta contra a exploração do trabalho e as péssimas condições de vida das massas operárias atingiu níveis consideráveis para os padrões da época. Conforme o capital se desenvolvia e se acirravam as contradições, os operários passaram a se organizar e agir coletivamente, defendendo seus interesses por meio, principalmente, de manifestações, paralisações e greves. Aos poucos, foi se formando uma rede de solidariedade e de apoio mútuo entre os mesmos. Defendemos que foi justamente nessa conjuntura, caracterizada por uma onda de agitações político-sociais que surgiu, entre os operários, uma consciência de classe. Na seqüência, objetivando compreender algumas particularidades das polêmicas travadas no interior do movimento operário, procuramos acompanhar o surgimento do Partido Comunista do Brasil.

Foi justamente no interior desse cenário que analisamos a trajetória de vida e as ideias políticas do intelectual revolucionário Octávio Brandão, desde os seus primeiros anos de vida em Viçosa, Maceió e em Recife.

Aos vinte anos de idade, formado em farmácia e apaixonado pelas ciências naturais, vivenciou algumas experiências fundamentais em Alagoas. Decidido conhecer a fundo as riquezas naturais e minerais existentes no interior do Brasil, a partir dessas viagens apontou pioneiramente a existência de petróleo na região dos canais e das lagoas de Alagoas. Os resultados obtidos a partir dessas viagens foram apresentados por Brandão em conferências, palestras e artigos publicadas nos principais jornais da capital alagoana. Rapidamente, o assunto adquiriu uma considerável repercussão entre algumas figuras ilustres do cenário cultural brasileiro.

Convivendo com importantes lideranças do movimento operário e anarquista da capital alagoana, principalmente a partir do contato que estabeleceu com Antônio Canellas e José Oiticica, iniciou sua militância política no movimento operário, participando de inúmeras manifestações populares. Em linhas gerais, o engajamento político de Brandão durante aqueles anos acabou levando-o, como era de se esperar, a prisão, acusado de atividade subversiva.

Após haver deixado a prisão, percebeu que sua vida encontrava-se em risco e a possibilidade de ser assassinado não poderia ser descartada. Além do mais, observamos que Brandão desejava encontrar uma editora que pudesse se interessar em publicar o livro *Canais e Lagoas*. Contrariando o conservadorismo dos parentes mais próximos, decidiu partir para a Capital Federal no início de 1919.

Assim que se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro, por intermédio de alguns conterrâneos e, igualmente, por freqüentar os mesmos espaços públicos, rapidamente estabeleceu vínculos de amizade com algumas importantes lideranças operárias. Sob a hegemonia incontestável das ideias anarquistas, participando de vários protestos, revoltas, manifestações populares e greves operárias. Conforme constatamos, o engajamento político de Brandão se intensificou durante aqueles anos, as prisões passaram a ser cada vez mais freqüentes em sua vida.

Outro aspecto que ganhou contornos decisivos na pesquisa, Brandão, assim como outras figuras do cenário anarquista, sofreu influências da conjuntura de mudança internas e externas. Identificamos que internamente o anarquismo perdeu força a partir do início dos anos vinte devido, principalmente, ao aumento significativo da repressão policial: a onda de prisões, torturas, deportações e, no pior dos casos, assassinatos praticados pelas autoridades policiais. Externamente, uma nova vertente emergia impondo aos partidos uma nova vertente – a bolchevique – pelas repercussões provocadas pela Internacional Comunista.

No Brasil, parte da vanguarda operária foi impactada por esse conjunto de transformações. Após a fundação do PCB, por exemplo, os dirigentes do partido se esforçaram para ampliar suas bases e estreitar os laços com o movimento operário e a intelectualidade de esquerda como um todo. Brandão, que havia sido enormemente influenciado pelo amigo, Astrojildo Pereira, aderiu ao movimento comunista alguns meses depois da fundação do Partido.

Para a compreensão desse primeiro momento foi de fundamental importância à principal autobiografia de Brandão, *Combates e batalhas*, porém, uma análise crítica desta fonte nos mostrou que Brandão procurou, em diversas ocasiões, silenciar sua atuação como

militante do movimento anarquista. Contrariando parte das descrições presente em suas memórias, procuramos confrontar algumas informações apresentadas por Brandão com outros documentos, o resultado a que chegamos foi surpreendente.

A fase libertária assumiu uma importância significativa e se manifestou ao longo de sua vida, portanto, não se constituiu em uma fase efêmera, como pretendeu nos fazer acreditar. Talvez a explicação mais sensata para esta postura do intelectual seja encontrada no próprio contexto que o autor escreveu suas memórias, ou seja, havia uma necessidade por parte de Brandão de se apresentar perante seus pares como sendo um intelectual sempre coerente em relação as suas convicções comunistas. Além do mais, não podemos desconsiderar que, na época que escreveu seu principal livro de memórias, com a idade já avançada e após várias tentativas fracassadas de aproximação ao Partido, encontra-se submetido a um enorme profundo ostracismo político, imposto pela nova direção do PCB.

Acompanhamos também as principais atividades realizadas pelo dirigente pecebista a frente da Comissão Central Executiva do PCB, encarregado de realizar toda propaganda político-ideológica do Partido. Brandão incitou as massas operárias a deflagrar greves, exercendo a função de intelectual engajado, publicou artigos, fundou e dirigiu jornais, traduziu livros sobre a temática do marxismo e os difundiu entre os populares, etc. Porém, a maior realização do intelectual comunista se configurou na elaboração de um estudo pioneiro sobre a luta de classes no Brasil, refiro-me a produção de *Agrarismo e industrialismo*.

A partir desse momento, ganhou contornos decisivos a análise empreendida por Brandão em sua principal obra. Nessa perspectiva, voltamos toda nossa atenção para a interpretação que o autor empreendeu acerca do desenvolvimento da história nacional, bem como as teses defendidas pelos pecebistas sobre o caráter da revolução brasileira.

Para produzir *Agrarismo e industrialismo*, o intelectual tomou como base o conflito armado ocorrido em São Paulo. Na interpretação polêmica de Brandão, os tenentes insurgentes estariam representando os interesses de alguns segmentos da pequena e média burguesia nacional, em um embate épico contra o agrarismo feudal. Ora, para Brandão e os pecebistas, a vitória do industrialismo burguês representaria um avanço diante da situação atual, pois, em última instância, contribuiria com a causa do operariado industrial, na medida em que engrossaria suas bases em termos numéricos e de consciência de classe. Deslumbrados com a inteligência de Brandão e, igualmente, pelas explicações presente em *Agrarismo e industrialismo*, os pecebistas apoiaram o levante dos tenentes imaginando estar preparando o terreno para a terceira e derradeira revolta, a proletária e comunista. Trata-se, na verdade, de uma visão demasiadamente superficial do processo histórico nacional e

esquemática no que se refere à concepção da revolução brasileira. Além do mais, a compreensão que Brandão e os comunistas tiveram acerca da dialética marxista, possibilita-nos perceber, por exemplo, o elevado nível de simplificações, bem como o acentuado mecanicismo presente nas teses centrais do PCB. Por outro lado, apesar das inúmeras incompreensões e contradições que caracterizam boa parte da obra, ainda assim, não podemos perder de vista seu pioneirismo, seu valor histórico e, igualmente, seu significado para a primeira geração dos comunistas brasileiros.

No que diz respeito ao engajamento político-partidário, seguramente podemos afirmar que Brandão participou intensamente dos principais embates travados pelo movimento operário do Rio de Janeiro dos anos vinte. Inclusive, foi justamente por conta dessa atuação de destaque e, também, devido à notoriedade que havia adquirido ao longo dos últimos anos como agitador das massas operárias, foi que passou a ser perseguido e preso diversas vezes.

A partir de meados de 1931, com o aumento da repressão praticada pela polícia política do presidente Getúlio Vargas, o cerco se fechou completamente sobre as principais lideranças operárias do Brasil. Aqueles que insistiram em questionar as autoridades foram perseguidos, presos, torturados e, como ocorreu na maioria das vezes, recebeu o banimento como punição. Este foi, por exemplo, o caso de Brandão, que após amargar alguns meses na prisão, acabou sendo deportado do país. Em linhas gerais, conforme procuramos demonstrar em nossa pesquisa, em diversas ocasiões a história da trajetória de vida de Brandão se confunde com a própria história do movimento operário brasileiro das primeiras décadas do século XX.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

## 1. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### 1. 1 FONTES

#### 1. 2 Acervos consultados

Acervo Edgar Leuenroth, Campinas – AEL/Unicamp.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - APERJ.

Biblioteca da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro – BCLRJ.

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro - FBNRJ.

Partido Comunista do Brasil, Rio de Janeiro – PCB/RJ.

### 1. 3 Livros

BRANDÃO, Octávio. **A luta libertadora: 1931 – 1970** (Combates e batalhas, vol. 2): Rio de Janeiro, 1970, [inédito].

BRANDÃO, Octávio. **Abecedário dos trabalhadores**. Rio de Janeiro: s/e, 1924.

BRANDÃO, Octávio. **Abecedário dos trabalhadores**. Rio de Janeiro: s/e, 1924.

BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil – 1924**. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

BRANDÃO, Octávio. **Canais e lagoas: a poesia da terra brasileira, as riquezas naturais de Alagoas e aspectos sociais do Nordeste**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

BRANDÃO, Octávio. **Combates e batalhas**. Vol. 1, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1978.

BRANDÃO, Octávio. **Mundos fragmentários: aforismo e anotações**. Rio de Janeiro: s/d, 1919-1920. [inédito].

BRANDÃO, Octávio. **O Caminho**. Maceió: EDUFAL, 2007.

BRANDÃO, Octávio. O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa. In: ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB (1922 – 1929): na busca das origens de um marxismo nacional**. São Paulo: Global, 1985.

BRANDÃO, Octávio. **Rússia proletária**. Rio de Janeiro: s/ed, 1924.

BRANDÃO, Octávio. **Véda do mundo novo**. Rio de Janeiro: s/d, 1920.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Porto Alegre: PCB, 1924.

MAYER, Fritz (pseud.) **Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a Guerra de classes no Brasil**. Buenos Aires: s/e, 1926.

OLIVEIRA, Guedes de. (Org.). **Cartas de Octávio Brandão: memória**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2005.

ROCHA, Dionysa Brandão (org.). **Octávio Brandão - Forças encandeadas II** (poesias). Rio de Janeiro: s/ed., 1996.

#### 1. 4 Entrevista

PRESTES, Luis Carlos. Luis Carlos Prestes e os antecedentes da Revolução de 1930. **Revista de Sociologia e Política**, nº 1, Curitiba: Editora da UFPR, 1993.

REGO, Octávio Brandão. **Octávio Brandão (Depoimento, 1977)**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993. dat.

#### 1. 5 Inventário

ZANATTA, Elaine Márquez et alii. **Inventário analítico do acervo Octávio Brandão**. Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

#### 1. 6 Fragmentos e Dispersos

BARRETO, Lima. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.l.d. **Fundo Octávio Brandão (Inventário)**. AEL/IFCH. Pasta 116.

BRANDÃO, Octávio. Fragmento datilografado do autor, sem título e data. **Fundo Octávio Brandão (Inventário)**. AEL/IFCH.

LEMME, Paschoal. Opiniões. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.l.d. **Fundo Octávio Brandão (Inventário)**. AEL/IFCH. Pasta 116.

LOBATO, Monteiro. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.l.d. **Fundo Octávio Brandão (Inventário)**. AEL/IFCH. Pasta 116.

PEREIRA, Astrojildo. Spártacus. 18.09.1919. Rio de Janeiro. Palavras de Astrojildo Pereira. Coletânea de manifestações na imprensa, de 1918-1928. s.l.d. 1 p. **Fundo Octávio Brandão (Inventário)**. AEL/IFCH. p. 116.

#### 1. 7 Artigos

BRANDÃO, Octávio. A vida de um escritor. S.l., 12.12.1970, 31 p. **Fundo Octávio Brandão (Inventário)**. AEL/IFCH. Pasta 114-b.

BRANDÃO, Octávio. Um evadido da realidade. In: BRANDÃO, Octávio. Por uma literatura social e nacional. Artigo enviado ao jornalista Arnaldo Jambo. [datilografado]. **Fundo Octávio Brandão (Inventário)**. AEL/IFCH. O.B. 1196. Pm 163, P 70.

### 1. 8 Jornais

**A Plebe**. Rio de Janeiro. 02.09.1920.

**Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16.04.1883.

**Jornal Crônica Subversiva**. Rio de Janeiro. 03. 08. 1918.

**Jornal do Comércio**. Maceió. 11. 06. 1918.

**Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 06. 06. 1918.

**Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 06. 06. 1918.

**Jornal Estado de Minas**. Minas Gerais. 06.01.1981.

**Revista A.B.C**. Rio de Janeiro. 21.08.1918.

**Tribuna do Povo**. Recife. 01. 06. 1918.

### 1. 9 Trabalhos Acadêmicos

ALMEIDA, Marcelo F. **A Revista O Progresso e a proposta de reformas sociais**. 2001. 163 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 – 1980)**. Dissertação de mestrado, ICHF/ Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

AZEVEDO, Denilton N. **A história da publicação das obras de Marx e Engels no Brasil: de 1930 a 1964**. (Monografia de Graduação) – Departamento de História, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

BERNARDES, Maria Elena. **Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

PANSARDI, Marcos A. **Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889 – 1903)**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

PLANCHEREL, Alice Anabuki. **Memória e Omissão: Octávio Brandão e anarquismo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 1993.

## 1. 10 Relatórios de polícia

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. **Ofício emitido pela 14ª Delegacia da Casa de Correção**. Rio de Janeiro, 30.10.1930.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. **Prontuário Octávio Brandão**, pasta GB, folha 2077.

## 1. 11 Anais parlamentares

BRANDÃO, Octávio (intendente do Bloco Operário e Camponês). **Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal**. Sessões de julho de 1929 a julho de 1930.

## 1. 12 Sites consultados:

[http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria\\_1.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_1.htm).

<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0025.pdf>.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/alagoas/vicosa.pdf>

[http://www.ufpe.br/dcfar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=306&Itemid=238](http://www.ufpe.br/dcfar/index.php?option=com_content&view=article&id=306&Itemid=238)

<http://marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>

## 1. 13 Referências Bibliográficas:

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de história intelectual. In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. v. 19, n.1. São Paulo, 2007.

ALTAVILA, Jayme de. **História da civilização das Alagoas**, 5ª. Ed.. Alagoas: Imprensa Oficial Alagoas, 1967.

BADARÓ MATTOS, Marcelo. Em busca da revolução socialista: A trajetória da Polop 1961 – 1967. In: RIDENTI, Marcelo e AARÃO REIS FILHO, Daniel. **História do marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 20 aos 60**, Vol. 5. Campinas Unicamp. 2002.

BANDEIRA, Moniz *et alli*. **O Ano Vermelho**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

BATALHA, Cláudio H M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: DELGADO, Lucilia de A N. **O Brasil Republicano**, Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BERNARDES, Maria Elena. **Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política**. Campinas: UNICAMP/CMU, 2007.

BIANCHI, Alvaro. Octávio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. In: **Revista Crítica Marxista**, n.º34, Campinas: Fundação Editora da Unesp, 2012.

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRANDÃO, Alfredo. **A vida no engenho: Viçosa de Alagoas**. Recife: Imprensa Industrial, 1914.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CARDOSO, Ciro F. S. Observações sobre o “dossier” Preparatório da discussão sobre o modo de produção feudal. In: CARDOSO, Ciro F. S. **Sobre o feudalismo**. Portugal: Editorial Estampa, 1973.
- CARONE, Edgard. **O marxismo no Brasil, das origens a 1964**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- CARVALHO, José Maurício de. **Antologia do culturalismo brasileiro: um século de filosofia**. Londrina: CEFIL, 1998.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHACON, Vamireh. **História das idéias socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CORRÊA, Anna Maria Martinez. **A rebelião de 1924 em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- COSTA, João Cruz. **Contribuição à História das Idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- DEL ROIO, Marcos. **A classe operária na revolução burguesa**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1990.

DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919 – 1929). In: FERREIRA, Jorge & FILHO, Daniel Aarão. **A formação das tradições: 1889 – 1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DEL ROIO, Marcos. O Impacto da Revolução russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim & FILHO, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções**, Vol.1. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DIAS, Everardo. **História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

DORATIOTO, Francisco. Escrever a história do grande personagem histórico. 2009. In: PRIORI, Angelo (org.). **História, memória e patrimônio**. Maringá: Eduem, 2009.

DULLES, John. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924)**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

FAUSTO, Boris. A crise dos anos vinte e a revolução de 1930. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira: sociedade e instituições (1889 – 1930)**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, Pedro Roberto. **O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920 –1946**. Londrina: EDUEL, 1999.

FIGUEIREDO, José Ricardo. **Modos de ver a produção do Brasil**. São Paulo: Educ, 2004.

FOOT, Francisco Hardman. **Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Ângela Castro de. Memória e história nos escritos autobiográficos de San Tiago Dantas. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008.

MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

GRAMSCI, Antônio. A revolução contra o capital. In: GRAMSCI, Antônio. **Escritos políticos**, Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Ed. Brasileira, 1968.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HERMÍNIO, Linhares. **Contribuição à história das lutas operárias no Brasil**. São Paulo: Alfa – Omega, 1977.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital: 1848 – 1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBBSAWM, Eric J. A fortuna das edições de Marx e Engels. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo: o marxismo no tempo de Marx**, Vol. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAREPOVS, Dainis, LOWY, Michel, MARQUES NETO, José Castilho. Trotsky e o Brasil In: MORAES, João Quartim de. **História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos**, Vol. 2, Campinas, Ed. da Unicamp, 1995.

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx e Engels no Brasil até o começo dos anos trinta**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KONDER, Leandro. **Intelectuais brasileiros e marxismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

KOVAL, Boris. **História do proletariado brasileiro: 1857 a 1967**. Moscou: Editora Alfa - Omega, 1968.

KOVAL, Boris. **La gran revolución de octubre y América Latina**. Moscou: Editora Progreso, 1978.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos Percorridos: memórias de militância**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**, Vol. 1, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MENDONÇA, Curvello Manoel. O movimento socialista no Brasil. In: MORAES, Evaristo Filho. (org.). **O Socialismo brasileiro**. Brasília: UNB, 1981.

MORAES FILHO, Evaristo de. **Medo à Utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Sílvio Romero**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MORAES, João Quartim de. A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros. In: MORAES, João Quartim de. (org.). **História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos**, Vol. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MORAES, João Quartim de. A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro. In: REIS Filho, Daniel Aarão *et al.* (orgs.). **História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções**, Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MORAES, João Quartim de. **História do Marxismo no Brasil: teorias e interpretações**, Vol. 3, Campinas Unicamp. 1998.

MORAES, João Quartim de. O Programa Nacional Democrático: Fundamentos e Permanência. In: MORAES, João Quartim de. e DEL ROIO, Marcos. **História do Marxismo no Brasil: visões do Brasil**, Vol. 4, Campinas Unicamp, 2000.

PAIM, Antônio. A Formação da Escola do Recife. In: PAIM, Antônio. **História das Idéias filosóficas no Brasil: as Correntes**, Vol. 2. Londrina: Edições Humanidades, 2007.

PEREIRA, Astrojildo. **Formação do PCB**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922 – 1935)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PLANCHEREL, Alice Anabuki. **Memória e omissão: Octávio Brandão e anarquismo**. São Paulo: EDUFAL, 1997.

POMBO, Francisco da Rocha. **Notas de Viagem: Norte do Brazil**. Rio de Janeiro: Benjamin Aguila editor, 1918.

PRADO Júnior, Caio. **Evolução política do Brasil: e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PRESTES, Anita Leocádia. A que herança os comunistas devem renunciar? **Oitenta**. Porto Alegre: LP&M, nº. 4, 1980.

PRESTES, Luis Carlos. Luis Carlos Prestes e os antecedentes da Revolução de 1930. **Revista de Sociologia e Política**, nº 1, Curitiba: Editora da UFPR, 1993. p. 96.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Fourier e o Brasil. **Revista de História**. São Paulo, nº. 122, p. 5-15, jan/jul. 1990.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REZENDE PAULO, Antônio. **História do movimento operário no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ROBERT, Paul. **Dictionnaire Le Petit Robert**. Paris: Le Robert, 1984.

RODRIGUES, Alexandre M. E. Octávio Brandão: uma leitura marxista dos Dilemas da Modernização Brasileira. In: **Revista Intellectus**, v. 1, ano 5, Rio de Janeiro, 2006.

RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. (Org.). Rago, Luiza Margareth; GIMENES, Renato Aloízio de Oliveira. **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2000.

SILVA, Angelo José da. Agrarismo e Industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil. In: **Revista de Sociologia e Política**, nº 8, Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

SILVA, Angelo José da. **Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.

SILVA, Angelo José da. Tempo de fundadores. In: MORAES, João Quartim de.; DEL ROIO, Marcos. (orgs.). **História do marxismo no Brasil: visões do Brasil**, Vol. 4. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

SILVA, Laura da Fonseca Adelaide. **Imaginação**. Rio de Janeiro: s/ed, 1916.

SIMONSEN, Roberto C. **Evolução industrial do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Nacional, 1973.

SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz**. Londrina: ANPUH, 2005.

TARCUS, Horácio. **Marx en la Argentina: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

TAVARES, José N. **Marx, o Socialismo e o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**, Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo, n.15, 1997.

TOLEDO, Edilene. A Trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge., e AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). **A Formação das tradições (1889 – 1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 19